



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



A INDIFERENÇA DA HUMANIDADE PARA COM OS REFUGIADOS DA TERRA: UMA PROBLEMÁTICA ÉTICO- POLÍTICA DA ATUALIDADE

BORGES, Valdir¹

CAMPOS, Gabriela Ribeiro²

ALCANTARA, Luiz Alberto de³

Resumo

Nossa proposta é analisar e refletir a indiferença da humanidade para com os refugiados da terra: uma problemática ético-política da atualidade. Neste ano de 2018, a obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire completa 50 anos, porém, se encontra vigente, no que tange à sua denúncia referida à opressão no contexto histórico-social da América Latina dos anos 1960 e 1970. Em seguida, analisaremos a indiferença desde a ótica da ética e da política, como marca indelével da problemática em voga: os *refugiados da terra* nos dias hodiernos são os oprimidos, colonizados e condenados da terra de ontem. Apontamos pistas e vias de libertação para a crise migratória, que no fundo é uma crise humanitária, desde as perspectivas da ética, da economia e da política com Zygmunt Bauman e Adela Cortina Orts.

Palavras chave: Paulo Freire. Indiferença. Crise migratória.

Introdução:

Neste ano de 2018 o supracitado livro do pernambucano Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido* comemora o jubileu de ouro. Publicado em 1968 durante o exílio no Chile, esta obra teve e ainda tem grande impacto nos quatro cantos do planeta. Paulo Freire, apresenta-nos a dialética relação entre opressores e oprimidos, no contexto latino-americano. Desta controversa relação, Paulo Freire denuncia a opressão vivenciada pelos silenciados, “os condenados da terra”, os “colonizados”, “os esfarrapados e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. (FREIRE, 2005, p. 23). Paulo Freire propõe uma pedagogia crítica, uma revolução pedagógica libertadora. Uma pedagogia que não é “para” o oprimido, mas “do” oprimido.

¹ Doutor em Educação, Mestre em Filosofia e Professor de Filosofia e Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. valdirb@hotmail.com

² Mestra em Educação e Doutoranda em Educação pela PUCPR. Gabriela.campos3@gmail.com

³ Mestrando em Educação pela PUCPR. luizalbertodealcantara@gmail.com



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Nesta perspectiva, propusemos verificar o contexto em que pedagogia do oprimido foi inserido, analisar que a indiferença para com o refugiado da terra tornou-se uma problemática ética-político, e propor uma conscientização necessária para voltarmos nossa atenção para a crise migratória, onde milhares de “estranhos batem à nossa porta”, a procura de ajuda, buscando dignidade humana. A crise migratória, não assombra somente o continente europeu, mas, é um problema global, que atinge todo planeta. Acreditamos que a responsabilidade ética-política pode proporcionar e conduzir nossas atitudes diante da problemática que está anunciada.

Metodologia: Para realização da pesquisa optou-se por realizar uma pesquisa documental e bibliográfica, que por meio de uma análise de conteúdo de documentos selecionados, estabeleceu-se um diálogo crítico com as fontes. Os dados foram problematizados com apoio nas obras de Barbu (1962), Bauman (2017), Borges (2013), Cortina Orts (2017), Fanon (1968), Freire (1974, 2003, 2005, 2011), Memmi (1967), entre outros, buscando verificar, analisar, agir e dialogar com a interface da indiferença da humanidade para com os *refugiados da terra*: uma problemática ético-política da atualidade.

1- *Pedagogia do Oprimido*: origem, contexto histórico-social e vigência.

Após 50 anos de sua primeira publicação, o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire “permanece vigente, dada as suas constantes reedições no Brasil e no exterior e aos novos tipos de oprimidos que surgem a cada dia em nossa sociedade” (BORGES, 2008, p. 211). Continua-se a difundir uma obra que nos faz olhar para a indiferença da humanidade, para com os excluídos e nos leva a uma postura radical frente a esse problema ético-político. Na introdução da referida obra, Freire a dedica, “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2005, p. 23), pode ser dedicada hoje aos novos tipos de oprimidos que surgem a cada dia em nossa sociedade, especialmente no que tange aos refugiados da terra, por todo tipo de exclusão social, política, ética e econômica.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Em *Pedagogia do Oprimido*, a obra prima de Freire, expõe que o educador traz à tona a questão da relação dialética entre opressores e oprimidos, de como se necessita uma *práxis* que possa orientar uma ação visando à superação destas contradições. Esta obra “pintada” por Paulo Freire propõe uma pedagogia abrangente, pelo qual a palavra e o processo de conscientização ajuda o ser humano a tornar-se o sujeito de todo o processo histórico. O livro continua popular e vigente entre educadores no mundo inteiro, considerado um dos fundamentos da pedagogia crítica e da educação libertadora. Entendemos que a relação opressores e oprimidos, denunciada por Paulo Freire em 1968, continua vigente no contexto histórico-social hodierno, mas, em forma de outros opressores e outros oprimidos, onde a mídia não busca ou apresenta soluções, mas apresenta-se com indiferença, sendo assim, evidenciamos a insensível indiferença como uma problemática ético-política da atualidade.

2 – A indiferença como uma problemática ético-político da atualidade.

A indiferença com o outro nos apresenta um desafio, que também compreendemos como uma problemática ética e política da atualidade global. Entendemos que a questão ético-política pode e deve apresentar respostas para esta implicação que não é local e regional, mas, se nos apresenta na perspectiva global. A indiferença ética está relacionada com nosso comportamento individualista, conforme registra Nadja Hermann:

(..) o que não se articula pela razão tende a ser desvalorizado e até excluído. Trata-se de um individualismo exacerbado, possessivo, uma atomização do mundo, em que a luta de cada um pela autopreservação determina aquilo que se interpõe a tal processo como barreira e como estranho (HERMANN, 2014, p. 482).

A indiferença pode ser ética e política, os conflitos que evidenciamos em nossa sociedade atual ultrapassam as fronteiras, chegam a patamares da esfera global, que necessitam de mudança de comportamento, partindo do individual para que possamos chegar ao coletivo. Nesta perspectiva, passaremos a resgatar a partir dos problemas enfrentados no Brasil, para que possamos dimensionar na escala global. Desta forma, partindo:

o Brasil, país conhecido internacionalmente pelas abismais desigualdades nos diversos âmbitos da vida, ecoa sempre mais o clamor e a sede de justiça e



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



equidade social onde se travam duros embates pela justa medida na distribuição de oportunidades e recursos, ainda concentrados nas mãos de uma casta privilegiada. Esse processo de injustiça e indiferença social é o resultado desastroso da selvageria do atual capitalismo globalizante, pautado no lucro e na economia de mercado. Neste, há um processo de separação entre os que detêm as condições e oportunidades e aqueles que são excluídos, parcial ou totalmente, de qualquer participação social, política, cultural ou econômica. (BORGES & ALCANTARA, 2018, p. 1).

Esta indiferença social partindo do contexto brasileiro e um retrato latino-americano, que, assim como no Brasil, viveu a colonização, a opressão e a vulnerabilidade de seus povos. Esta opressão manifestada na colonização latino-americana esta evidenciado no contexto hodierno. A tentativa de negar o outro, não e apenas uma desvalorização, mas, e uma ameaça na tentativa de aprender a conviver democraticamente. Uma sociedade democrática pode possibilitar a participação de todos na construção do *inédito viável*⁴. Vivemos em uma sociedade democrática, mas ainda precisamos de uma reforma, assim como evoca o romeno Zevedei Barbu: “uma reforma democrática ou uma ação democrática geral, deve ser levada a efeito, não apenas com o consentimento do povo, mas também, com a sua intervenção” (BARBU, 1962, p.20).

Para Zevedei Barbu, mais que um conceito político, a democracia é uma forma de vida, e a essência daquilo que compreendemos por democracia, está no fato dela representar um modo ético de vida. A democracia traz em si uma base racional da modalidade, sem isso não há soberania do povo, mas apenas discurso democrático. Paulo Freire em Educação como prática da liberdade conhece e aprofunda a concepção de democracia que expusemos a de Zevedei Barbu e sustenta que: a democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza, sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe. (FREIRE, 2007, p. 88).

⁴Expressão utilizada por Freire em “Pedagogia da Esperança” e explicada em nota por Ana Maria Araújo Freire. Em outro livro, fruto de um seminário da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, “Utopia e Democracia na Educação Cidadã”, 2000, José Clóvis de Azevedo, Pablo Gentili et al (orgs), Ed. Da Universidade/UFRGS, Ana Maria Freire resgata esse termo num texto de sua autoria.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



O que evidenciamos e vivemos no contexto hodierno é uma indiferença geral, que trataremos aqui, como problema ético-político. Entendemos que a diferença revela uma condição do ser humano, já a indiferença é uma marca que não reconhece a responsabilidade com o outro e com o mundo. Desta forma, analisamos a indiferença com o outro e com o mundo como indício paradoxal mais visível do que com a formação humana. O processo que nos torna humanos envolve a aceitação da nossa corporeidade, a interação e o estímulo às forças criativas próprias. Ou seja, compreende a imprescindível presença do outro na busca por reconhecimento, o que nos aproxima e, ao mesmo tempo, inquieta e projetamos à ação, mostrando inclusive os limites de nossa visão de mundo, como revela Maria do Céu Neves: “uma inquietude perante um agir que ora fica aquém do pensar, ora se precipita em ultrapassar, e sempre, em qualquer dos casos, constituindo o seu ser, cinzelando a sua identidade” (NEVES, 2017, p 11).

Esta inquietude de pensar, refletir, duvidar, questionar, decidir e também de agir, é uma implicação ético-política. A educação possibilita a compreensão, reflexão e liberdade, necessária para tomada de decisão diante dos desafios enfrentados. Para Paulo Freire (1974, p. 26) a *educação para liberdade* implica o exercício perene da consciência, voltada para si mesmo com vistas a descobrir-se a si próprio nas suas relações *no* e *com* o mundo. Paulo Freire expõe a *arqueologia da consciência*, numa entrevista à Revista inglesa Risk⁵, conforme segue:

(...) consciência é intencionalidade voltada em direção ao mundo. Quando eu deste modo, penso numa “arqueologia da consciência”, estou a pensar que através da problematização das relações entre os homens e o mundo, é possível ao homem recriar, refazer, o processo natural através do qual surgiu a consciência no processo de sua evolução, precisamente naquele momento a que Teilhard de Chardin chama “hominização” na evolução do homem. (FREIRE, 1974, p. 25).

Paulo Freire evidencia a importância das relações dos condenados da terra, dos silenciados, negados e oprimidos com o mundo e de sua consciência com o mundo, pois não existe dicotomia entre a consciência e o mundo. Aspectos, esses, presentes nas obras

⁵Entrevista realizada pela revista de língua inglesa RISK, World Council for Christian Education, Genebra, em 15 de novembro de 1970, tendo sido inserida no n°4, desse mesmo ano. (FREIRE, 1974, p. 23-40).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



de Paulo Freire, pertencentes a sua influência existencialista. Por isso, a conscientização para Paulo Freire: “implica uma reflexão crítica sobre o mundo tal como ele devém e ao anunciar outro mundo, não pode fazer abstração duma ação de transformação de modo a permitir que esta predição se concretize”. (FREIRE, 1974, p. 57). A consciência necessária para viver eticamente é renunciar a atitude de dominação dos outros para estar junto e viver de forma responsável e solidária como base ao entendimento rico em possibilidades de relações materializadas na linguagem. É com essa perspectiva de abertura dos sujeitos ao mundo da vida, permeada por saber, cultura, linguagem, história, formação - que surge a relação integradora e vivificante do movimento, capaz de produzir a sensibilidade diante da presença do outro. Este outro tem rosto e necessita ser liberto de toda forma de exclusão, opressão com vistas à libertação integral.

3. Opressão e libertação dos refugiados da terra na contemporaneidade: ontem e hoje

Após mostrarmos a vigência e a atualidade da obra prima freireana, *Pedagogia do oprimido*, 50 anos depois e expormos a indiferença como um problema ético-político, elucidaremos a opressão vivenciadas por alguns importantes autores, que em cujas obras expressam a dor da opressão e apontam caminhos para a libertação. Iniciaremos com algumas reflexões a partir dos escritos de Albert Memmi, Frantz Fanon dos anos 1950 e 1960, para terminar com as reflexões da atualidade que retratam a indiferença, no início deste terceiro milênio e século XXI, como um problema ético, social, político e até cultural, para com os refugiados da terra, nos *estranhos à nossa porta* de Zygmunt Bauman e na *Aporofobia* de Adela Cortina Orts.

Iniciaremos pela denúncia de Albert Memmi realizada em sua obra, escrita em 1957, *retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Sua obra desponta em um contexto histórico-social de descolonização da África, especialmente dos movimentos de libertação surgidos na Argélia e na Tunísia, em que ele aponta os olhos do colonizador em relação ao colonizado, denunciando as tiranias, pobreza e corrupção, vigentes em



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



países da África, mostrando o drama da colonização e opressão, feridas de humilhação, perpetradas pelo centro hegemônico europeu, especialmente a França. Este retrato dramático ‘pintado’ por Albert Memmi, no contexto anterior à guerra franco-argelina de 1961-1962, na obra supracitada se refere à realidade opressora, em qualquer parte do mundo, seja na África, na Ásia, América Latina (BORGES, 2013, p. 153), e nos dias hodiernos, sobretudo, na Europa, onde existe uma verdadeira tormenta social, de discurso e ações de ódio contra os refugiados da terra, seja, pela fome, ou pelas guerras.

E, Albert Memmi chama a atenção para a ‘consciência colonizada’, que imprime o mito da inferioridade no colonizado, destacando que há duas respostas do colonizado em relação ao colonizador, que poderá ser de amor ao colonizador, bem como de ódio e revolta a si mesmo, introjetadas na consciência do colonizado (BORGES, 2013, p. 152). Sobre isso é importante salientar o que expressa Albert Memmi: “[...] a primeira ambição do colonizado será a de igualar-se a esse modelo prestigioso, de parecer com ele até nele desaparecer” (MEMMI, 1967, p. 107). Este clássico retrato do colonizado, ‘pintado’ por Albert Memmi é inspirador à obra prima freireana, *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005, p. 56; 160) para dar respostas e retratar ao oprimido latino-americano dos anos 1960 e 1970, outro clássico, que continuará vigente, enquanto houver um oprimido, esfarrapado, condenado, ou refugiado da terra. Além destas inspirações, Paulo Freire, conhece a Frantz Fanon, *os condenados da terra* e o cita (FREIRE, 2005, p. 34-35; 55), escrita em 1961, acerca dos efeitos devastadores da colonização e do processo de descolonização africana. Este se constitui como uma das pedras angulares da luta anticolonial e da possibilidade de uma nova sociedade, que apesar da consciência humilhada contemporânea, inspira o anseio de um mundo melhor, mais igual e com menos indiferença. Na denúncia de Fanon não cabe a conciliação entre o colonizado e o colonizador, pois o colono é sempre visto como inimigo, inclusive atesta situações limites como, os transtornos mentais, afetivo-intelectuais, fruto das condições subumanas e vexatórias da tortura a que os norte - africanos eram submetidos (FANON, 1968, p. 209-267). Para compreender os diversos entrelaçamentos entre Paulo Freire, Albert Memmi e Frantz Fanon contra todo tipo de opressão, em qualquer tempo e lugar da terra com vistas



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



à libertação, remetemos à obra: *a reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire* (BORGES, 2013, p.152-156).

Inspirados nestas linhas do ontem da contemporaneidade, faz-se mister, adentrarmos aos dias hodiernos no que tange à disseminação, à aversão, ao ódio aos novos *condenados da terra*, novos *colonizados*, novos *oprimidos*, ontem denunciados por Frantz Fanon, Albert Memmi e Paulo Freire, supra descritos e que clamam por libertação. Nos dias hodiernos, seguiremos duas obras de alcance mundial acerca da problemática ética e sociopolítica da atualidade no que tange aos refugiados da terra, através do sociólogo polonês Zygmunt Bauman com *estranhos à nossa porta* e da espanhola, catedrática em ética, Adela Cortina Orts. Ambas as obras, recentes, de 2017 que ‘pintam’, retratam aos oprimidos hodiernos, os refugiados da terra, como uma problemática ética e política, primada pela indiferença, de uma humanidade que finge não ver o que se passa à sua volta. Esta indiferença se faz ‘carne’ nos esfarrapados, maltrapilhos, condenados, refugiados da terra, que são colocados em situações subumanas, vexatórias, tratados como a escória humana ou o lixo da humanidade, aqueles que o sistema econômico do mercado globalizado os descartou, ou ainda não os assimilou.

Zygmunt Bauman denuncia a hipocrisia da mídia da forma de como aborta a atual ‘crise migratória’, que atinge diversas partes do mundo, especialmente a Europa, pondo em crise a própria União Europeia. A mídia não busca ou aponta soluções, mas provoca comoção em relação aos refugiados da terra, promovendo a insegurança existencial, ideologicamente, acerca dos refugiados da terra, tal é o impacto das notícias, “que chega a causar um verdadeiro ‘pânico moral’, que ameaça o bem-estar da sociedade idealizada pelo liberalismo” (BAUMAN, 2017, p 7-8). Essa ‘insegurança’ é aquilo pelo que se valem as instituições sociais, que em proveito próprio, empossam governos que combatam o terrorismo e junto deles, entram nesta categoria os demais refugiados da terra. Dessa forma a sociedade se isenta de suas responsabilidades sociais, políticas e éticas acerca do destino dos miseráveis, dos refugiados da terra, criando “uma política de ‘securitização’, que ajuda a reprimir antecipadamente nossas dores de consciência”



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



(BAUMAN, 2017, p.38). Ele ainda destaca que o fenômeno migratório é antigo e possui diversas causas (BAUMAN, 2017, p. 13) e que na modernidade, a indiferença é tal que: “a presença de ‘remanescentes’ é um fenômeno global, que não se restringe à Europa”.

“Este termo, ‘remanescentes’ se refere a pessoas afastadas da vista, das preocupações e da consciência” (BAUMAN, 2017, p. 89). Estes remanescentes são aqueles que a sociedade moderna excludente os considera inútil, esses são os atuais refugiados da terra, que sobram, são os novos *oprimidos* de Paulo Freire, os novos *colonizados* de Albert Memmi e os novos *condenados da terra* de Frantz Fanon, excluídos da participação da economia de mercado, descartados como a sobra, afastados vida e da cidadania, alijados da participação nas decisões políticas, marginalizados pela indiferença, que se tornou um dos maiores problemas éticos dos tempos hodiernos.

Essa insensível indiferença ética e política são provocadas pela cegueira moral de uma humanidade em crise, que está chegando a um ponto de ‘fadiga da tragédia dos refugiados’ (BAUMAN, 2017, p. 8). As raízes do ódio em relação aos conflitos que envolvem os *refugiados da terra*, representa para a humanidade uma verdadeira ameaça, que além de expor as misérias humanas, mostram as mazelas que causam o ‘pânico moral’ em relação ao fluxo migratório, mais que uma crise migratória é uma crise humanitária. Esse problema não se enfrenta, nem com políticos tiranos, governos infames ou a sociedade em geral e sobre a trilha dos tiranos; “um espectro está assombrando as terras da democracia: o espectro dos opressores” (BAUMAN, 2017, p. 49). Mas além da indiferença social, política e ética que geram a *opressão*, Zygmunt Bauman aponta pistas para a *libertação* em relação aos refugiados da terra: “a humanidade está em crise – e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos” (BAUMAN, 2017, p.24).

Na esteira de Zygmunt Bauman, temos uma pensadora, filósofa, catedrática de Ética e Filosofia Política da Universidade de Valência, Adela Cortina Orts, que com seu talento nos conduz à reflexão profunda do acontecimento contemporâneo, em especial,



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



relacionados à aversão, fobia, ódio aos pobres, designado por ela de *aporofobia*, especialmente os estrangeiros pobres, aos *refugiados da terra*, na sua mais recente obra: *aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia*, publicada em 2017. Ela provoca uma sacudida no discurso moral e ético vigente, expondo a questão dos imigrantes refugiados na Europa, para nós todos os *refugiados da terra*, como um problema ético e da necessidade, urgente, de entender a esfera política, como a ferramenta do bem comum, para enfrentarmos com responsabilidade social esta problemática candente. A crise dos refugiados e dos imigrantes, especialmente na Europa, está colocando em questão a própria concepção de União Europeia, pois desprezar e negar a hospitalidade aos pobres está abaixo de um mínimo de justiça e de ética esperados. Muito mais do que xenofobia, aversão aos estrangeiros, existe na atualidade uma aversão, ódio, fobia, desprezo ao estrangeiro pobre, que está subentendido no recente neologismo, cunhado por Adela Cortina, *aporofobia*. Vejamos o que ela conclui a esse respeito:

El problema no es entonces de raza, de etnia ni tampoco de extranjería.
El problema es de pobreza. Y lo más sensible en este caso es que hay muchos racistas y xenófobos, pero aporófbos, casi todos. Es el pobre, el *áporos*, el que molesta, incluso el de la propia familia, porque se vive al pariente pobre como una vergüenza que no conviene airear, mientras que es un placer presumir del pariente triunfador, bien situado en el mundo académico, político, artístico o en el de los negocios. Es la fobia hacia el pobre la que lleva a rechazar a las personas, a las razas y a aquellas etnias que habitualmente no tienen recursos y, por lo tanto, no pueden ofrecer nada, o parece que no pueden hacerlo. (CORTINA, 2017, p.21).

Na mesma ótica de Zygmunt Bauman, Adela Cortina Ortiz, na obra supracitada, aponta vias de reais de libertação dessa realidade, por ela designada, também, como tormenta social. Somente uma economia ética empenhada em investir na educação e nas pessoas, na melhoria de vida, na redução das desigualdades, em que juntas, a iniciativa privada e pública, conscientes da sua responsabilidade e justiça social poderão fazer frente crise migratória, que antes de tudo, uma crise humanitária. Dessa forma se derrubaria os muros da indiferença para construirmos juntos, as pontes de uma nova Europa social, ou em qualquer lugar social em que haja *um refugiado da terra*.

Conclusão



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



À guisa de conclusão, este artigo, inserido na sétima temática, que tange à ética e política do X Colóquio Internacional Paulo Freire: 50 anos de Pedagogia do oprimido, buscou analisar a indiferença da humanidade para como para com os refugiados da terra, na perspectiva ética e política. Um dos maiores problemas que assola a humanidade na atualidade, a recente crise migratória, especialmente a europeia, que na realidade, é uma crise humanitária.

Ao revisitar Paulo Freire, Frantz Fanon e Albert Memmi, foi possível perceber que os *oprimidos*, os *condenados da terra*, os *colonizados* da contemporaneidade de ontem, são os imigrantes, os *refugiados da terra* hodiernos, sejam eles, europeus, asiáticos, africanos, latino-americanos, ou de qualquer lugar da terra, nossa *casa comum*. A marca característica e indelével de ontem e de hoje é a indiferença da humanidade, tratada aqui como um problema ético e político, pois nos isenta da responsabilidade, hospitalidade e da justiça social, conduzindo-nos à perversão, que é a opressão, a aversão, a rejeição ao outro, que tem rosto e clama por solidariedade e justiça. A ética tange ao comportamento de individualismo, indiferença, estranheza e distância dos demais. E desde a ótica política, quando não se almeja o bem comum e a cidadania. A indiferença machuca, fere e afasta da vida o *refugiado da terra*, sem a mínima hospitalidade e justiça social.

A aversão e o ódio, fruto da insensível indiferença e disseminados contra os *refugiados da terra*, especialmente, na Europa é a maior problemática ética e política da humanidade hodierna denunciada, aqui, por BAUMAN e CORTELA, por nós analisados e referenciados. Ambos apontam pistas e vias de libertação pelo viés da ética, da política e da economia. A saída, o remédio, a nosso modo de ver, seguidos por estes dois autores, é a solidariedade dos seres humanos, que evoca a responsabilidade social e a justiça, diminuindo, grandemente, os obstáculos da insensível indiferença. E a necessidade, urgente, de uma economia ética, empenhada na educação e nas pessoas para melhorar as condições de vida e a redução das desigualdades. Tudo isso prova a vigência de *Pedagogia do oprimido*, 50 anos depois, e os postulados e pressupostos frereianos ali



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



contidos, pois os esfarrapados do mundo, oprimidos, condenados da terra, aumentaram ainda mais, são os *refugiados da terra*, sem hospitalidade em nossa *casa comum*.

Referências:

BARBU, Zevedei. **Psicología de la democracia y de la dictadura**. Buenos Aires: Paidós, 1962. (Traduzido do original em inglês por Noemí Rosenblat).

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017 (Traduzido por Carlos Alberto Medeiros).

BORGES, Valdir & ALCANTARA, Luiz Alberto de. **Direitos humanos, educação e ética na era da globalização a partir de Paulo Freire**. Revista Espacios. Vol. 39 (n 10) ano 2018. Pag. 12. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a18v39n10/18391012.html>

BORGES, Valdir. **A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire**. Curitiba: CRV, 2013.

_____. **Resenha Pedagogia do Oprimido**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.31, p.211-213, SET.2008. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/31/res03_31.pdf

CORTINA ORTS, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre: um desafío para la democracia**. Barcelona – España: Paidós, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Traduzido por José Laurênio de Melo, prefaciado por Jean-Paul Sartre).

FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. 3.ed. Porto: textos marginais, 1974.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HERMANN, Nadja. **A questão do outro e o diálogo**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 5, p. 477-493, abr./jun. 2014.

NEVES, Maria do Céu Patrão. **Ética: dos fundamentos às práticas**. Coord. Edições Almedina. 1.ed. Lisboa. 2017.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. (Traduzido por Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



A INDIFERENÇA DA HUMANIDADE PARA COM OS REFUGIADOS DA TERRA: UMA PROBLEMÁTICA ÉTICO- POLÍTICA DA ATUALIDADE

BORGES, Valdir¹

CAMPOS, Gabriela Ribeiro²

ALCANTARA, Luiz Alberto de³

Resumo

Nossa proposta é analisar e refletir a indiferença da humanidade para com os refugiados da terra: uma problemática ético-política da atualidade. Neste ano de 2018, a obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire completa 50 anos, porém, se encontra vigente, no que tange à sua denúncia referida à opressão no contexto histórico-social da América Latina dos anos 1960 e 1970. Em seguida, analisaremos a indiferença desde a ótica da ética e da política, como marca indelével da problemática em voga: os *refugiados da terra* nos dias hodiernos são os oprimidos, colonizados e condenados da terra de ontem. Apontamos pistas e vias de libertação para a crise migratória, que no fundo é uma crise humanitária, desde as perspectivas da ética, da economia e da política com Zygmunt Bauman e Adela Cortina Orts.

Palavras chave: Paulo Freire. Indiferença. Crise migratória.

Introdução:

Neste ano de 2018 o supracitado livro do pernambucano Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido* comemora o jubileu de ouro. Publicado em 1968 durante o exílio no Chile, esta obra teve e ainda tem grande impacto nos quatro cantos do planeta. Paulo Freire, apresenta-nos a dialética relação entre opressores e oprimidos, no contexto latino-americano. Desta controversa relação, Paulo Freire denuncia a opressão vivenciada pelos silenciados, “os condenados da terra”, os “colonizados”, “os esfarrapados e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. (FREIRE, 2005, p. 23). Paulo Freire propõe uma pedagogia crítica, uma revolução pedagógica libertadora. Uma pedagogia que não é “para” o oprimido, mas “do” oprimido.

¹ Doutor em Educação, Mestre em Filosofia e Professor de Filosofia e Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. valdirb@hotmail.com

² Mestra em Educação e Doutoranda em Educação pela PUCPR. Gabriela.campos3@gmail.com

³ Mestrando em Educação pela PUCPR. luizalbertodealcantara@gmail.com



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Nesta perspectiva, propusemos verificar o contexto em que pedagogia do oprimido foi inserido, analisar que a indiferença para com o refugiado da terra tornou-se uma problemática ética-político, e propor uma conscientização necessária para voltarmos nossa atenção para a crise migratória, onde milhares de “estranhos batem à nossa porta”, a procura de ajuda, buscando dignidade humana. A crise migratória, não assombra somente o continente europeu, mas, é um problema global, que atinge todo planeta. Acreditamos que a responsabilidade ética-política pode proporcionar e conduzir nossas atitudes diante da problemática que está anunciada.

Metodologia: Para realização da pesquisa optou-se por realizar uma pesquisa documental e bibliográfica, que por meio de uma análise de conteúdo de documentos selecionados, estabeleceu-se um diálogo crítico com as fontes. Os dados foram problematizados com apoio nas obras de Barbu (1962), Bauman (2017), Borges (2013), Cortina Orts (2017), Fanon (1968), Freire (1974, 2003, 2005, 2011), Memmi (1967), entre outros, buscando verificar, analisar, agir e dialogar com a interface da indiferença da humanidade para com os *refugiados da terra*: uma problemática ético-política da atualidade.

1- *Pedagogia do Oprimido*: origem, contexto histórico-social e vigência.

Após 50 anos de sua primeira publicação, o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire “permanece vigente, dada as suas constantes reedições no Brasil e no exterior e aos novos tipos de oprimidos que surgem a cada dia em nossa sociedade” (BORGES, 2008, p. 211). Continua-se a difundir uma obra que nos faz olhar para a indiferença da humanidade, para com os excluídos e nos leva a uma postura radical frente a esse problema ético-político. Na introdução da referida obra, Freire a dedica, “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2005, p. 23), pode ser dedicada hoje aos novos tipos de oprimidos que surgem a cada dia em nossa sociedade, especialmente no que tange aos refugiados da terra, por todo tipo de exclusão social, política, ética e econômica.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Em *Pedagogia do Oprimido*, a obra prima de Freire, expõe que o educador traz à tona a questão da relação dialética entre opressores e oprimidos, de como se necessita uma *práxis* que possa orientar uma ação visando à superação destas contradições. Esta obra “pintada” por Paulo Freire propõe uma pedagogia abrangente, pelo qual a palavra e o processo de conscientização ajuda o ser humano a tornar-se o sujeito de todo o processo histórico. O livro continua popular e vigente entre educadores no mundo inteiro, considerado um dos fundamentos da pedagogia crítica e da educação libertadora. Entendemos que a relação opressores e oprimidos, denunciada por Paulo Freire em 1968, continua vigente no contexto histórico-social hodierno, mas, em forma de outros opressores e outros oprimidos, onde a mídia não busca ou apresenta soluções, mas apresenta-se com indiferença, sendo assim, evidenciamos a insensível indiferença como uma problemática ético-política da atualidade.

2 – A indiferença como uma problemática ético-político da atualidade.

A indiferença com o outro nos apresenta um desafio, que também compreendemos como uma problemática ética e política da atualidade global. Entendemos que a questão ético-política pode e deve apresentar respostas para esta implicação que não é local e regional, mas, se nos apresenta na perspectiva global. A indiferença ética está relacionada com nosso comportamento individualista, conforme registra Nadja Hermann:

(..) o que não se articula pela razão tende a ser desvalorizado e até excluído. Trata-se de um individualismo exacerbado, possessivo, uma atomização do mundo, em que a luta de cada um pela autopreservação determina aquilo que se interpõe a tal processo como barreira e como estranho (HERMANN, 2014, p. 482).

A indiferença pode ser ética e política, os conflitos que evidenciamos em nossa sociedade atual ultrapassam as fronteiras, chegam a patamares da esfera global, que necessitam de mudança de comportamento, partindo do individual para que possamos chegar ao coletivo. Nesta perspectiva, passaremos a resgatar a partir dos problemas enfrentados no Brasil, para que possamos dimensionar na escala global. Desta forma, partindo:

o Brasil, país conhecido internacionalmente pelas abismais desigualdades nos diversos âmbitos da vida, ecoa sempre mais o clamor e a sede de justiça e



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



equidade social onde se travam duros embates pela justa medida na distribuição de oportunidades e recursos, ainda concentrados nas mãos de uma casta privilegiada. Esse processo de injustiça e indiferença social é o resultado desastroso da selvageria do atual capitalismo globalizante, pautado no lucro e na economia de mercado. Neste, há um processo de separação entre os que detêm as condições e oportunidades e aqueles que são excluídos, parcial ou totalmente, de qualquer participação social, política, cultural ou econômica. (BORGES & ALCANTARA, 2018, p. 1).

Esta indiferença social partindo do contexto brasileiro e um retrato latino-americano, que, assim como no Brasil, viveu a colonização, a opressão e a vulnerabilidade de seus povos. Esta opressão manifestada na colonização latino-americana está evidenciado no contexto hodierno. A tentativa de negar o outro, não é apenas uma desvalorização, mas, e uma ameaça na tentativa de aprender a conviver democraticamente. Uma sociedade democrática pode possibilitar a participação de todos na construção do *inédito viável*⁴. Vivemos em uma sociedade democrática, mas ainda precisamos de uma reforma, assim como evoca o romeno Zevedei Barbu: “uma reforma democrática ou uma ação democrática geral, deve ser levada a efeito, não apenas com o consentimento do povo, mas também, com a sua intervenção” (BARBU, 1962, p.20).

Para Zevedei Barbu, mais que um conceito político, a democracia é uma forma de vida, e a essência daquilo que compreendemos por democracia, está no fato dela representar um modo ético de vida. A democracia traz em si uma base racional da modalidade, sem isso não há soberania do povo, mas apenas discurso democrático. Paulo Freire em Educação como prática da liberdade conhece e aprofunda a concepção de democracia que expusemos a de Zevedei Barbu e sustenta que: a democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza, sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe. (FREIRE, 2007, p. 88).

⁴Expressão utilizada por Freire em “Pedagogia da Esperança” e explicada em nota por Ana Maria Araújo Freire. Em outro livro, fruto de um seminário da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, “Utopia e Democracia na Educação Cidadã”, 2000, José Clóvis de Azevedo, Pablo Gentili et al (orgs), Ed. Da Universidade/UFRGS, Ana Maria Freire resgata esse termo num texto de sua autoria.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



O que evidenciamos e vivemos no contexto hodierno é uma indiferença geral, que trataremos aqui, como problema ético-político. Entendemos que a diferença revela uma condição do ser humano, já a indiferença é uma marca que não reconhece a responsabilidade com o outro e com o mundo. Desta forma, analisamos a indiferença com o outro e com o mundo como indício paradoxal mais visível do que com a formação humana. O processo que nos torna humanos envolve a aceitação da nossa corporeidade, a interação e o estímulo às forças criativas próprias. Ou seja, compreende a imprescindível presença do outro na busca por reconhecimento, o que nos aproxima e, ao mesmo tempo, inquieta e projetamos à ação, mostrando inclusive os limites de nossa visão de mundo, como revela Maria do Céu Neves: “uma inquietude perante um agir que ora fica aquém do pensar, ora se precipita em ultrapassar, e sempre, em qualquer dos casos, constituindo o seu ser, cinzelando a sua identidade” (NEVES, 2017, p 11).

Esta inquietude de pensar, refletir, duvidar, questionar, decidir e também de agir, é uma implicação ético-política. A educação possibilita a compreensão, reflexão e liberdade, necessária para tomada de decisão diante dos desafios enfrentados. Para Paulo Freire (1974, p. 26) a *educação para liberdade* implica o exercício perene da consciência, voltada para si mesmo com vistas a descobrir-se a si próprio nas suas relações *no* e *com* o mundo. Paulo Freire expõe a *arqueologia da consciência*, numa entrevista à Revista inglesa Risk⁵, conforme segue:

(...) consciência é intencionalidade voltada em direção ao mundo. Quando eu deste modo, penso numa “arqueologia da consciência”, estou a pensar que através da problematização das relações entre os homens e o mundo, é possível ao homem recriar, refazer, o processo natural através do qual surgiu a consciência no processo de sua evolução, precisamente naquele momento a que Teilhard de Chardin chama “hominização” na evolução do homem. (FREIRE, 1974, p. 25).

Paulo Freire evidencia a importância das relações dos condenados da terra, dos silenciados, negados e oprimidos com o mundo e de sua consciência com o mundo, pois não existe dicotomia entre a consciência e o mundo. Aspectos, esses, presentes nas obras

⁵Entrevista realizada pela revista de língua inglesa RISK, World Council for Christian Education, Genebra, em 15 de novembro de 1970, tendo sido inserida no n°4, desse mesmo ano. (FREIRE, 1974, p. 23-40).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



de Paulo Freire, pertencentes a sua influência existencialista. Por isso, a conscientização para Paulo Freire: “implica uma reflexão crítica sobre o mundo tal como ele devém e ao anunciar outro mundo, não pode fazer abstração duma ação de transformação de modo a permitir que esta predição se concretize”. (FREIRE, 1974, p. 57). A consciência necessária para viver eticamente é renunciar a atitude de dominação dos outros para estar junto e viver de forma responsável e solidária como base ao entendimento rico em possibilidades de relações materializadas na linguagem. É com essa perspectiva de abertura dos sujeitos ao mundo da vida, permeada por saber, cultura, linguagem, história, formação - que surge a relação integradora e vivificante do movimento, capaz de produzir a sensibilidade diante da presença do outro. Este outro tem rosto e necessita ser liberto de toda forma de exclusão, opressão com vistas à libertação integral.

3. Opressão e libertação dos refugiados da terra na contemporaneidade: ontem e hoje

Após mostrarmos a vigência e a atualidade da obra prima freireana, *Pedagogia do oprimido*, 50 anos depois e expormos a indiferença como um problema ético-político, elucidaremos a opressão vivenciadas por alguns importantes autores, que em cujas obras expressam a dor da opressão e apontam caminhos para a libertação. Iniciaremos com algumas reflexões a partir dos escritos de Albert Memmi, Frantz Fanon dos anos 1950 e 1960, para terminar com as reflexões da atualidade que retratam a indiferença, no início deste terceiro milênio e século XXI, como um problema ético, social, político e até cultural, para com os refugiados da terra, nos *estranhos à nossa porta* de Zygmunt Bauman e na *Aporofobia* de Adela Cortina Orts.

Iniciaremos pela denúncia de Albert Memmi realizada em sua obra, escrita em 1957, *retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Sua obra desponta em um contexto histórico-social de descolonização da África, especialmente dos movimentos de libertação surgidos na Argélia e na Tunísia, em que ele aponta os olhos do colonizador em relação ao colonizado, denunciando as tiranias, pobreza e corrupção, vigentes em



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



países da África, mostrando o drama da colonização e opressão, feridas de humilhação, perpetradas pelo centro hegemônico europeu, especialmente a França. Este retrato dramático ‘pintado’ por Albert Memmi, no contexto anterior à guerra franco-argelina de 1961-1962, na obra supracitada se refere à realidade opressora, em qualquer parte do mundo, seja na África, na Ásia, América Latina (BORGES, 2013, p. 153), e nos dias hodiernos, sobretudo, na Europa, onde existe uma verdadeira tormenta social, de discurso e ações de ódio contra os refugiados da terra, seja, pela fome, ou pelas guerras.

E, Albert Memmi chama a atenção para a ‘consciência colonizada’, que imprime o mito da inferioridade no colonizado, destacando que há duas respostas do colonizado em relação ao colonizador, que poderá ser de amor ao colonizador, bem como de ódio e revolta a si mesmo, introjetadas na consciência do colonizado (BORGES, 2013, p. 152). Sobre isso é importante salientar o que expressa Albert Memmi: “[...] a primeira ambição do colonizado será a de igualar-se a esse modelo prestigioso, de parecer com ele até nele desaparecer” (MEMMI, 1967, p. 107). Este clássico retrato do colonizado, ‘pintado’ por Albert Memmi é inspirador à obra prima freireana, *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005, p. 56; 160) para dar respostas e retratar ao oprimido latino-americano dos anos 1960 e 1970, outro clássico, que continuará vigente, enquanto houver um oprimido, esfarrapado, condenado, ou refugiado da terra. Além destas inspirações, Paulo Freire, conhece a Frantz Fanon, *os condenados da terra* e o cita (FREIRE, 2005, p. 34-35; 55), escrita em 1961, acerca dos efeitos devastadores da colonização e do processo de descolonização africana. Este se constitui como uma das pedras angulares da luta anticolonial e da possibilidade de uma nova sociedade, que apesar da consciência humilhada contemporânea, inspira o anseio de um mundo melhor, mais igual e com menos indiferença. Na denúncia de Fanon não cabe a conciliação entre o colonizado e o colonizador, pois o colono é sempre visto como inimigo, inclusive atesta situações limites como, os transtornos mentais, afetivo-intelectuais, fruto das condições subumanas e vexatórias da tortura a que os norte - africanos eram submetidos (FANON, 1968, p. 209-267). Para compreender os diversos entrelaçamentos entre Paulo Freire, Albert Memmi e Frantz Fanon contra todo tipo de opressão, em qualquer tempo e lugar da terra com vistas



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



à libertação, remetemos à obra: *a reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire* (BORGES, 2013, p.152-156).

Inspirados nestas linhas do ontem da contemporaneidade, faz-se mister, adentrarmos aos dias hodiernos no que tange à disseminação, à aversão, ao ódio aos novos *condenados da terra*, novos *colonizados*, novos *oprimidos*, ontem denunciados por Frantz Fanon, Albert Memmi e Paulo Freire, supra descritos e que clamam por libertação. Nos dias hodiernos, seguiremos duas obras de alcance mundial acerca da problemática ética e sociopolítica da atualidade no que tange aos refugiados da terra, através do sociólogo polonês Zygmunt Bauman com *estranhos à nossa porta* e da espanhola, catedrática em ética, Adela Cortina Orts. Ambas as obras, recentes, de 2017 que ‘pintam’, retratam aos oprimidos hodiernos, os refugiados da terra, como uma problemática ética e política, primada pela indiferença, de uma humanidade que finge não ver o que se passa à sua volta. Esta indiferença se faz ‘carne’ nos esfarrapados, maltrapilhos, condenados, refugiados da terra, que são colocados em situações subumanas, vexatórias, tratados como a escória humana ou o lixo da humanidade, aqueles que o sistema econômico do mercado globalizado os descartou, ou ainda não os assimilou.

Zygmunt Bauman denuncia a hipocrisia da mídia da forma de como aborta a atual ‘crise migratória’, que atinge diversas partes do mundo, especialmente a Europa, pondo em crise a própria União Europeia. A mídia não busca ou aponta soluções, mas provoca comoção em relação aos refugiados da terra, promovendo a insegurança existencial, ideologicamente, acerca dos refugiados da terra, tal é o impacto das notícias, “que chega a causar um verdadeiro ‘pânico moral’, que ameaça o bem-estar da sociedade idealizada pelo liberalismo” (BAUMAN, 2017, p 7-8). Essa ‘insegurança’ é aquilo pelo que se valem as instituições sociais, que em proveito próprio, empossam governos que combatam o terrorismo e junto deles, entram nesta categoria os demais refugiados da terra. Dessa forma a sociedade se isenta de suas responsabilidades sociais, políticas e éticas acerca do destino dos miseráveis, dos refugiados da terra, criando “uma política de ‘securitização’, que ajuda a reprimir antecipadamente nossas dores de consciência”



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



(BAUMAN, 2017, p.38). Ele ainda destaca que o fenômeno migratório é antigo e possui diversas causas (BAUMAN, 2017, p. 13) e que na modernidade, a indiferença é tal que: “a presença de ‘remanescentes’ é um fenômeno global, que não se restringe à Europa”.

“Este termo, ‘remanescentes’ se refere a pessoas afastadas da vista, das preocupações e da consciência” (BAUMAN, 2017, p. 89). Estes remanescentes são aqueles que a sociedade moderna excludente os considera inútil, esses são os atuais refugiados da terra, que sobram, são os novos *oprimidos* de Paulo Freire, os novos *colonizados* de Albert Memmi e os novos *condenados da terra* de Frantz Fanon, excluídos da participação da economia de mercado, descartados como a sobra, afastados vida e da cidadania, alijados da participação nas decisões políticas, marginalizados pela indiferença, que se tornou um dos maiores problemas éticos dos tempos hodiernos.

Essa insensível indiferença ética e política são provocadas pela cegueira moral de uma humanidade em crise, que está chegando a um ponto de ‘fadiga da tragédia dos refugiados’ (BAUMAN, 2017, p. 8). As raízes do ódio em relação aos conflitos que envolvem os *refugiados da terra*, representa para a humanidade uma verdadeira ameaça, que além de expor as misérias humanas, mostram as mazelas que causam o ‘pânico moral’ em relação ao fluxo migratório, mais que uma crise migratória é uma crise humanitária. Esse problema não se enfrenta, nem com políticos tiranos, governos infames ou a sociedade em geral e sobre a trilha dos tiranos; “um espectro está assombrando as terras da democracia: o espectro dos opressores” (BAUMAN, 2017, p. 49). Mas além da indiferença social, política e ética que geram a *opressão*, Zygmunt Bauman aponta pistas para a *libertação* em relação aos refugiados da terra: “a humanidade está em crise – e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos” (BAUMAN, 2017, p.24).

Na esteira de Zygmunt Bauman, temos uma pensadora, filósofa, catedrática de Ética e Filosofia Política da Universidade de Valência, Adela Cortina Orts, que com seu talento nos conduz à reflexão profunda do acontecimento contemporâneo, em especial,



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



relacionados à aversão, fobia, ódio aos pobres, designado por ela de *aporofobia*, especialmente os estrangeiros pobres, aos *refugiados da terra*, na sua mais recente obra: *aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia*, publicada em 2017. Ela provoca uma sacudida no discurso moral e ético vigente, expondo a questão dos imigrantes refugiados na Europa, para nós todos os *refugiados da terra*, como um problema ético e da necessidade, urgente, de entender a esfera política, como a ferramenta do bem comum, para enfrentarmos com responsabilidade social esta problemática candente. A crise dos refugiados e dos imigrantes, especialmente na Europa, está colocando em questão a própria concepção de União Europeia, pois desprezar e negar a hospitalidade aos pobres está abaixo de um mínimo de justiça e de ética esperados. Muito mais do que xenofobia, aversão aos estrangeiros, existe na atualidade uma aversão, ódio, fobia, desprezo ao estrangeiro pobre, que está subentendido no recente neologismo, cunhado por Adela Cortina, *aporofobia*. Vejamos o que ela conclui a esse respeito:

El problema no es entonces de raza, de etnia ni tampoco de extranjería.
El problema es de pobreza. Y lo más sensible en este caso es que hay muchos racistas y xenófobos, pero aporóforos, casi todos. Es el pobre, el *áporos*, el que molesta, incluso el de la propia familia, porque se vive al pariente pobre como una vergüenza que no conviene airear, mientras que es un placer presumir del pariente triunfador, bien situado en el mundo académico, político, artístico o en el de los negocios. Es la fobia hacia el pobre la que lleva a rechazar a las personas, a las razas y a aquellas etnias que habitualmente no tienen recursos y, por lo tanto, no pueden ofrecer nada, o parece que no pueden hacerlo. (CORTINA, 2017, p.21).

Na mesma ótica de Zygmunt Bauman, Adela Cortina Ortiz, na obra supracitada, aponta vias de reais de libertação dessa realidade, por ela designada, também, como tormenta social. Somente uma economia ética empenhada em investir na educação e nas pessoas, na melhoria de vida, na redução das desigualdades, em que juntas, a iniciativa privada e pública, conscientes da sua responsabilidade e justiça social poderão fazer frente crise migratória, que antes de tudo, uma crise humanitária. Dessa forma se derrubaria os muros da indiferença para construirmos juntos, as pontes de uma nova Europa social, ou em qualquer lugar social em que haja *um refugiado da terra*.

Conclusão



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



À guisa de conclusão, este artigo, inserido na sétima temática, que tange à ética e política do X Colóquio Internacional Paulo Freire: 50 anos de Pedagogia do oprimido, buscou analisar a indiferença da humanidade para como para com os refugiados da terra, na perspectiva ética e política. Um dos maiores problemas que assola a humanidade na atualidade, a recente crise migratória, especialmente a europeia, que na realidade, é uma crise humanitária.

Ao revisitar Paulo Freire, Frantz Fanon e Albert Memmi, foi possível perceber que os *oprimidos*, os *condenados da terra*, os *colonizados* da contemporaneidade de ontem, são os imigrantes, os *refugiados da terra* hodiernos, sejam eles, europeus, asiáticos, africanos, latino-americanos, ou de qualquer lugar da terra, nossa *casa comum*. A marca característica e indelével de ontem e de hoje é a indiferença da humanidade, tratada aqui como um problema ético e político, pois nos isenta da responsabilidade, hospitalidade e da justiça social, conduzindo-nos à perversão, que é a opressão, a aversão, a rejeição ao outro, que tem rosto e clama por solidariedade e justiça. A ética tange ao comportamento de individualismo, indiferença, estranheza e distância dos demais. E desde a ótica política, quando não se almeja o bem comum e a cidadania. A indiferença machuca, fere e afasta da vida o *refugiado da terra*, sem a mínima hospitalidade e justiça social.

A aversão e o ódio, fruto da insensível indiferença e disseminados contra os *refugiados da terra*, especialmente, na Europa é a maior problemática ética e política da humanidade hodierna denunciada, aqui, por BAUMAN e CORTELA, por nós analisados e referenciados. Ambos apontam pistas e vias de libertação pelo viés da ética, da política e da economia. A saída, o remédio, a nosso modo de ver, seguidos por estes dois autores, é a solidariedade dos seres humanos, que evoca a responsabilidade social e a justiça, diminuindo, grandemente, os obstáculos da insensível indiferença. E a necessidade, urgente, de uma economia ética, empenhada na educação e nas pessoas para melhorar as condições de vida e a redução das desigualdades. Tudo isso prova a vigência de *Pedagogia do oprimido*, 50 anos depois, e os postulados e pressupostos frereianos ali



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



contidos, pois os esfarrapados do mundo, oprimidos, condenados da terra, aumentaram ainda mais, são os *refugiados da terra*, sem hospitalidade em nossa *casa comum*.

Referências:

BARBU, Zevedei. **Psicología de la democracia y de la dictadura**. Buenos Aires: Paidós, 1962. (Traduzido do original em inglês por Noemí Rosenblat).

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017 (Traduzido por Carlos Alberto Medeiros).

BORGES, Valdir & ALCANTARA, Luiz Alberto de. **Direitos humanos, educação e ética na era da globalização a partir de Paulo Freire**. Revista Espacios. Vol. 39 (n 10) ano 2018. Pag. 12. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a18v39n10/18391012.html>

BORGES, Valdir. **A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire**. Curitiba: CRV, 2013.

_____. **Resenha Pedagogia do Oprimido**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.31, p.211-213, SET.2008. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/31/res03_31.pdf

CORTINA ORTS, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre: um desafío para la democracia**. Barcelona – España: Paidós, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Traduzido por José Laurênio de Melo, prefaciado por Jean-Paul Sartre).

FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. 3.ed. Porto: textos marginais, 1974.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HERMANN, Nadja. **A questão do outro e o diálogo**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 5, p. 477-493, abr./jun. 2014.

NEVES, Maria do Céu Patrão. **Ética: dos fundamentos às práticas**. Coord. Edições Almedina. 1.ed. Lisboa. 2017.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. (Traduzido por Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



“SER MAIS” COMO PROCESSO EDUCATIVO QUE HUMANIZA MEDIATIZADO PELO MUNDO.

Alexandre Soares de Sousa

Resumo

O presente artigo visa estabelecer o significado para “Ser mais”, mostrando que este é o conceito fundamental pelo qual se compreende a educação e o ser humano em Paulo Freire. Ao se referir à educação, simultaneamente, Freire se refere a humanização. Este processo nada se assemelha ao apregoado por uma tradição, denominada por ele “bancária”, cujo objetivo é manter o homem alienado à realidade que o cerca.

Palavras-chaves: Paulo Freire. Ser mais. Humanização.

Abstract: The present article aims to establish the meaning for "Being more", showing that this is the fundamental concept by which education and the human being in Paulo Freire are understood. When referring to education, simultaneously, Freire refers to humanization. This process has nothing to do with what has been proclaimed by a tradition known as "banking", whose purpose is to keep the alienated man from the reality that surrounds him.

Keywords: Paulo Freire. Be more. Humanization

Introdução.

O intuito dessa pesquisa é mostrar que “Ser mais”, é o processo que diz respeito à “vocação ontológica” do ser humano, envolvendo-o com suas mais diversas dimensões: antropológica, sociológica, filosófica, educacional etc. Isto significa que, o homem é aquele que está sempre se construindo, e que não se basta, pois não faz parte de sua essência se limitar, se fechar. Mas nele habita o desejo de estar em busca de algo mais. Esse algo mais implica em sua abertura dialógica para dentro e para fora si, lembrando que dessa dinâmica corresponde ao seu modo de existir no mundo.

Veremos que a sociedade é responsável em contribuir para o desenvolvimento e formação de cada indivíduo que nela habita. Por causa disto Freire dirá que, a sociedade



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



não pode tornar o homem, um ser social, homogêneo, fazendo com que sua subjetividade seja esquecida.

Isso não significará que, a objetividade social se sobreponha a subjetividade. Mas que haja entre ambas uma relação de codependência, de coexistência, respeitando-se mutuamente. Uma sociedade humanizadora pensa no bem estar de todos os seus membros, considerando suas particularidades e individualidades.

Por essa razão, “Ser mais” implica numa reflexão filosófica, pois evidencia o significado de ser humano imbricado à educação. Assim, Freire concebe essa categoria (Ser mais) como o fundamento para se humanizar. Nisto está todo seu desenrolar pedagógico, o qual consiste em conhecer o homem se conhecendo a partir do seu estar no mundo e com o mundo.

1. Sociedade: uma mãe que educa para humanidade.

As sociedades humanas têm o dever de conferir a cada membro que a compõe o modo humano de ser que acontece pela educação. Isto para dizer que, todo o grupo humano é responsável pela formação de seus semelhantes, a começar pela mais tenra idade. Esta maneira de pensar a educação nos remete a um adágio africano, que afirma “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.”

A respeito desse dever da sociedade para com seus indivíduos, Sarviani comenta que:

[...] a pedagogia histórico-crítica define a educação como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Isso significa que o papel da educação é tornar os indivíduos contemporâneos à sua época, pois, quando vêm ao mundo, os membros da espécie humana já se encontram num contexto que é produto histórico, isto é, produto das ações das gerações precedentes. Vemos, então, que o indivíduo humano, ao nascer, já se encontra determinado em larga escala pelas condições do meio físico, [...], além do meio físico, a criança nasce também predeterminada pelo meio cultural representado por um meio humano constituído com sua língua, seus costumes, sua moralidade, suas expressões artísticas, sua religião, sua organização econômica e política, sua história específica. E ela se encaixa nesse conjunto, é influenciada por ele, depende dele. (SARVIANI, 2016, p. 18).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Em seu comentário, Sarviani compreende educação por instrução, formação, a qual ocorre dentro das sociedades humanas. Com isto, ratifica-se que, ninguém se educa sozinho, diga-se de passagem que, educar não é mérito de um indivíduo, porém da coletividade. Esta concepção de educação não é nenhuma invenção de Sarviani; prova ao comentar o modelo de educação Jaeger (1994, p. 4) diz que: “a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade”.

Paulo Freire concorda com essa tradição teórica, na qual compreende o homem enquanto dependente do convívio social. Mas faz ressalvas no que tange a esse indivíduo ser um mero espectador, cumpridor de seu papel social, e não se leva em conta que ele se diferencia de alguém ou alguma coisa. Freire não compactua com essa ideia de o ser humano, misturar-se com a homogeneidade social para se tornar parte dela e, conseqüentemente, com isto perder sua própria identidade individual.

1 Objetividade e subjetividade: o homem que não se perde na totalidade.

O que se apresenta aqui não diz respeito a um antagonismo, propriamente dito, todavia a uma convergência de interdependência. Na contemporaneidade Paulo Freire (1967, p. 35) esclarece isso dizendo que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Isto parece ser consenso entre os teóricos da educação, de que o ser humano para ser ele mesmo tem que está inserido e vinculado ao meio que o ajuda a se fazer. Este esclarecimento de Freire, é corroborado por Sarviani na seguinte passagem:

[...] o homem não nasce homem. Ele se forma homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem. [...] O homem é, pois, um produto da educação. (SARVIANI, 2016, p. 20-21).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Sabendo que o ser humano é o que é, por causa da educação, podemos seguindo essa compreensão afirmar que educar é humanizar, ou seja, é um processo que se faz à medida que o homem e a mulher se identificam com o grupo humano. Este, por sua vez, serve-lhes de parâmetro para determinar suas humanidades. Dessa forma, ao declarar que “não há homem no vazio”, Freire compreende que ninguém é o que é por estar isolado, a não ser em comunhão com os demais da mesma espécie. Isto é fundamental, pois determina o que somos, e somos o que somos, porque existem outros seres iguais a nós, os quais nos ajudam nessa dinâmica para construção de cada indivíduo que habita a sociedade.

Decorre desse entendimento de Freire que nenhum homem, para ser humano, existe fora da comunidade humana. Basta ver que, entre ele e ela há uma relação de interdependência, isto é, um não existe sem o outro. Buzzi reforça esta compreensão afirmando que não havia entre educação e sociedade, mesmo já para os gregos antigos, distanciamento, divisão, mas identificação:

[...] uma forma de viver integradora, uma existência comunitária. Para os gregos antigos, o fim de toda formação humana era a existência política, onde muitos, morando num mesmo lugar (*pólis*), viviam na unidade, isto é, no mesmo acolhimento. E quanto mais viviam a existência política, tanto mais necessidade sentiam de praticar a educação. (BUZZI, 1996, p. 107).

Educar, nesse sentido é um grande esforço coletivo em que se exige a participação de todos. Por causa disso, só se educa em mutirão, com todos e para todos. O esforço comunitário em educar o indivíduo não lhe exige de se tornar sujeito, protagonista de seu próprio fazer-se homem. Ele não é absolvido pelo corpo social, para ser apenas um apêndice. Ou dissolvido pelo todo, esquecendo assim, sua individualidade e subjetividade.

Não é dessa maneira que Freire pensa. Ele sabe da importância da sociedade para cada indivíduo, porém, não aceita que esse indivíduo seja engolido pela objetividade social. Aqui, encontra-se um perigo: a totalidade da sociedade pode fazer com que o



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



indivíduo caia no esquecimento. Para que isso não ocorra, as sociedades ou grupos humanos devem se ocupar, sem medir esforços, para a humanização de todos, que nela habitam e combater a ideia de que apenas a alguns é designado tal privilégio, e aos outros (a maior parte) compete viver como autômatos. Para Freire (2017, p. 85) isto corresponde a “negação de sua ontológica vocação de ser mais,” porque entende que o ser humano, em sua subjetividade, não pode ser desfeito pela objetividade, já que segundo ele “[...] não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas” (FREIRE, 2017, pp. 50-51). A versão negativa delas corresponde ao subjetivismo e ao objetivismo que significa:

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo, e negar-lhe a importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingênuo. É admitir o impossível: um mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homens sem mundo. Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração. (FREIRE, 2017, p. 51).

Pode-se observar até este ponto que Paulo Freire imagina uma sociedade humanizada e humanizadora, que respeite cada membro que a compõe na sua individualidade e subjetividade, e que esses membros, uma vez respeitados em suas particularidades, também contribuam com a objetividade da educação. Estas marcas quase indelévels promovem a desordem social, a fragmentação, a segregação, a opressão, a divisão de classes e, conseqüentemente, a desumanização.

2 Uma sociedade que não humaniza, animaliza e coisifica.

Esta compreensão de educação pode se tornar uma grande falácia se não for posta em prática. Há uma pequena parcela dos grupos humanos, contribuindo para a desumanização da maioria de seus integrantes. Ela promove o fratricídio social, se autoproclamando distinta, eleita, munida de direitos, quase divinos, porque se considera o exclusivo e verdadeiro segmento humano da sociedade. Em contrapartida, a maior parte, vive sem saber que vive, melhor, dizendo que não



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



tem consciência dessa segregação. Um abismo os separa, de maneira que não conseguem enxergar sua real situação de opressão.

Paulo Freire, na obra “Educação como Prática da Liberdade”, descreve o cenário da sociedade brasileira como dicotômico, um exemplo cristalizado de dualismo social.

[...] Sociedade em “partejamento”, que apresentava violentos embates entre um tempo que se esvaziava, com seus valores, com suas peculiares formas de ser, e que “pretendia” preservar-se e um outro que estava por vir, buscando configurar-se. Este esforço não nasceu, por isso mesmo, do acaso. Foi uma tentativa de resposta aos desafios contidos nesta passagem que fazia a sociedade. Desde logo, qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria, necessariamente, numa opção. Opção por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo, ou opção pelo Amanhã. Por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua História. (FREIRE, 1967, p. 35).

Esse modelo de sociedade fragmentada, interessa apenas àqueles que detêm o poder político-econômico e o social. De acordo com eles, é de suma importância que haja uma educação voltada para manter o *status quo*, o privilégio de poucos em detrimento ao da coletividade. Mas, uma sociedade integradora que pensa no bem estar coletivo não pode se comportar de modo que só a alguns é permitido se declarar humano, ao passo que a outros (a grande maioria) esse direito é negado. Entre estes e o animal não há muita diferença. “Muitas vezes”, nos lembra Freire, “insistem em que nenhuma diferença existe entre eles e o animal e, quando reconhecem alguma, é em vantagem do animal.” (FREIRE, 2017, p. 70). Esta é a fala de um camponês, relatada pelo autor, que observa como ele se reconhece: uma não-pessoa, um não-humano.

Dessa forma, no entender de Freire (2017, p. 63) o privilégio de alguns que se declaram unicamente humanos, “[...] a humanização é uma “coisa” que possuem como direito exclusivo, como atributo herdado. A humanização é apenas sua”. O que ele quer dizer com isso é que a humanização, que deveria ser a condição de cada homem e de cada



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



mulher, está submetida à vontade de alguns. E só a eles, lhes cabe. Fora desse critério, aos outros, resta a desumanidade: ser tratados como coisas ou meros animais.

3 Pedagogia do oprimido: prática libertadora exclusiva dos oprimidos em processo de parto.

A humanidade almeja a humanização do homem por meio da educação. Para isso, se faz necessário que o homem deva nascer de novo. Mas nascer de novo, aqui, está subentendido a destruição ou superação desse modelo de ser humano que se compreendeu enquanto superior ou inferior aos seus semelhantes. Superar, nesse sentido implica em libertação. E a libertação, no entender de Paulo Freire (2017, p. 48) “[...] é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores - oprimidos, que é a libertação de todos”. A antropogênese freiriana que está na contramão da história, propõe que para que o homem e a mulher sejam reumanizados seu início se dê a partir dos “esfarrapados do mundo”, os quais são pessoas excluídas do arcabouço social que os enxerga de cima para baixo: numa ordem vertical e hierárquica. Estes são todos àqueles que não têm. Por não terem, não são, ou seja, os ninguém que vivem à sombra da sociedade, mendigando por suas humanidades roubadas: “Esta é a razão pela qual, como afirmamos, esta pedagogia não pode ser praticada pelos opressores” (FREIRE, 2017, p. 56).

Essa lógica invertida propõe um recomeço, uma oportunidade, para que nós seres humanos, oprimidos e opressores, busquemos o verdadeiro modo de humanizar. Este modo de humanizar, que deve ser universal, não pode partir mais dos opressores, uma vez que estes usurparam a história para escrever suas biografias, fazendo com que pensássemos que eles fossem os únicos seres humanos a habitar na terra. A esse respeito, o pensamento de Freire pode ser mais esclarecedor, conforme observa Fiori (2017, p. 12):

[...] Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização [ou educação (grifo nosso)]: aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire [...], tem como ideia animadora toda a amplitude



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



humana da “Educação como prática da liberdade”, o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma “pedagogia do oprimido”. (FREIRE, 2017, p. 12).

A forma vigente de educação segue um ritmo e uma ordem que há tempos se pratica. Esta é compreendida por Freire “educação “bancária”. Para ratificar e esclarecer o pensamento freiriano, Sartori faz o seguinte interpretação:

[...] os pressupostos da educação bancária se assentam na narração alienada e

alienante. Ou seja, há a perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, bem comportada, compartimentada, para a visão de um sujeito acabado, concluso. A educação bancária, neste sentido, repercute como um anestésico, que inibe o poder de criar próprio dos educandos, camuflando qualquer possibilidade de refletir acerca das contradições e dos conflitos emergentes do cotidiano. [...] Na perspectiva freiriana, a educação bancária tem o propósito de manter a imersão, a reprodução da consciência ingênua, da acriticidade (STRECK, 2017, p. 135).

Essa educação tende a manter o homem preso, fazendo com que ele não se reconheça ser humano. Por este motivo, Paulo Freire se referindo a educação bancária, sustenta que sua existência depende do raciocínio dominante, o qual mantém a segregação entre homens afirmando que, existe aquele que sabe, e aquele que não sabe. De acordo com Freire, não há congruência nesse jeito de conceber o homem, uma vez que nele está fomentada e aprofundada mais ainda a distância entre os homens. Por causa disto ele afirma que “[...] não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 2017, p. 112).

A partir dessa maneira de separar os homens em ignorantes e sábios, em oprimidos e opressores é que emerge a possibilidade dele querer se libertar. A respeito disto Freire tece este comentário:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominante, temem a libertação, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir,



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões. Quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios. [...] Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” de seu ser. Descobrem que não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. (FREIRE, 2017, p. 47).

Isso significa que nele está latente o conflito entre oprimido e opressor, engalfinhando-se para deixar surgir o verdadeiro sentido de ser humano, ou melhor, sua “histórica vocação ontológica”. Esta surge através do “parto”, o qual faz aparecer o homem novo, resultado desse duelo interno hospedado num mesmo indivíduo. Por esta razão, segundo Paulo Freire:

[...] A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam), é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. (FREIRE, 2017, p. 92).

A respeito desse tipo de posicionamento, se chega à conclusão de que não se atinge outro sentido para homem, sem antes resgatá-lo da subordinação, a qual o cerceou à ignorância ou obscurecimento. Neste ponto, percebemos as características da educação bancária, que propõe manter o ser humano na escuridão ou “ignorância absoluta” como comenta Freire (2017, p. 99). Para que o homem se desvencilhe dessa compreensão dicotômica, na qual o preserva submerso à “ignorância absoluta”, ele tem que receber uma formação, a qual o leve a alcançar tal objetivo, ou seja, através de um conteúdo em construção, o homem vá se soltando das amarras, as quais lhe mantêm preso ao desconhecimento de si mesmo e da realidade que o envolve.

De acordo com Freire (2017, p. 43) seu trabalho enquanto humanizador que liberta é, apresentar a pedagogia do oprimido como sendo “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele.” Segundo ele:

Sua solução estaria em deixarem a condição de ser “seres fora de” e assumirem a de “seres dentro de”. Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”. (FREIRE, 2017, p. 85).

Por isso que “seres para si” representa bem essa prática libertadora que humaniza. O oposto disso é a educação bancária. Para Freire (2017, p. 81) “[...] Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.” A educação no sentido de humanização e libertação, nos afirma Freire (2017, p. 116) “[...] não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo”.

Assim, segundo Freire, não se pode admitir a manutenção desse modelo de educação desumanizador, porque rebaixa a pessoa humana à condição de ninguém, ou melhor, jogando-o para debaixo do tapete da história. A educação verdadeiramente comprometida com o processo de humanização, ajuda o homem e a mulher a se fazerem cada vez mais partícipes de suas próprias histórias, construtores e autores de seus modos de ser.

4 Educação e humanização: o homem que é feito, fazendo-se para “Ser mais”.

Somos seres inacabados, exercitando e buscando algo mais que nos transcende. Isto justifica nossa sede por infinito, de querer “ser-mais”. Esta busca por infinitude e transcendência não acarreta num desligamento do mundo, longe disso, pois é no mundo e com o mundo que desvelamos na tensão entre transcendência e imanência, infinitude e finitude o nosso modo de ser, o qual não revela um quadro de oposição, mas de total assentimento. É isto que nos torna ser mais. Estas são características propriamente nossas.

Para esclarecer essa concepção, destaquemos o que disse Fogel acerca disso:

Um algo que o homem absoluta e radicalmente não pode ser, uma vez que, o que quer seja, só pode ser isso que já é – entenda-se, isso e só isso que está no âmbito de sua real possibilidade de ser. Em suma, o homem, por exemplo, não deve voar, porque não pode voar, não deve arrulhar como pomba, pois absolutamente não é pomba! Também não deve ser Deus ou espírito puro,



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



absoluto, pois não pode ser Deus, espírito puro...Querer e colocar como dever ser o que por princípio e constituição não pode ser, por estar fora, além ou aquém, de sua possibilidade de ser. (FOGEL, 2009, p. 125).

Por esse motivo, reforçando a arguição, é substancial enaltecermos o que ratifica Stein (1976, p.11) a esse respeito “[...] não há transcendência sem finitude e que a finitude está condenada à transcendência”. Tudo isto reforça a ideia do inacabamento que é uma peculiaridade somente nossa. É o que nos torna um ser de possibilidades, porque não estarmos definitivamente prontos e acabados. Significa dizer que foge de nós sermos tratados como coisas ou animais. Estes sim, devem ser tratados como acabados, completos, já feitos, prontos. Neste caso, vale lembrar o que disse Fogel, acerca desse acabamento em que está destinado às coisas.

O fato é que nisso já está se revelando, está se insinuando toda a dimensão constitutiva do próprio homem, qual seja, o ente que não convive, que não se satisfaz *só* com “coisa”. Ele quer, ele precisa *mais* do que meramente “coisa”, isto é, o dado, o feito, o pronto, acabado e consolidado. E ele quer e precisa este *algo mais*, porque ele é algo mais do que meramente coisa ou, para formular negativamente: ele quer, ele precisa disso, a saber, desta dimensão de descoisificação das coisas, porque ele, sobretudo, e somente ele, *não* é coisa nenhuma. (FOGEL, 2009, p. 17)

Freire (2017, p. 55) acerca disso declara que o homem é “um projeto, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.” Com essa postura ele afirma que a educação não é algo estático e nem o ser humano uma “vasilha” em que se deposita alguma coisa, porque a educação e o homem vão se fazendo num processo mútuo de construção. Ambos se dão e se confundem, pois não se separam. Uma vez separados voltam a compor àquela compreensão bancária que dicotomiza o ser humano, deixando-o afastado de sua vocação ontológica que Carvalho (2014, p. 77) traduz por “humanizar-se, isto é, ser mais.” Mas para “ser mais” o homem, a priori, tem que existir. Segundo Vattimo:

[...] O termo existência, no caso do homem, deve entender-se no sentido etimológico do *ex-sistere*, estar fora, ultrapassar a realidade simplesmente



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



presente na direção da possibilidade. Se entendemos o termo existência, neste sentido, deve reservar-se só para o homem. (VATTIMO, 1989, pp. 25-26).

Daí o sentido do verbo existir não se confundir com um mero viver. Segundo Freire (1967, p. 41) o ser humano não vive apenas, ele existe. Existir implica em possibilidades, que para ele significa dizer que “[...] O homem existe – *existere* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se.”

Dessa forma, fica explicado que a existência é a capacidade do homem de ir além de si mesmo, o qual não implica em apenas num estar no mundo, mas também num estar com o mundo (FREIRE, 1967, p. 39). Assim, ele se historiciza enquanto sujeito, aberto para o outro e para o mundo. É desta abertura consigo mesmo, com o outro e o com mundo que o possibilita “ser mais”, ou seja, humano.

Com essa atitude, comenta-nos Zitkoski (2017, p. 369) de que “[...] A categoria “ser mais” encontra-se situada na obra de Freire como um conceito, chave para sua concepção de ser humano.” Em outros termos, ela corresponde a homem mesmo, se humanizando. Por isto, continua Zitkoski:

[...] a vocação para a humanização, segundo a proposta freiriana, é uma característica que se expressa na própria busca do ser mais através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, [...]. Essa busca de ser mais, de humanização do mundo, revela que a natureza humana programada para ser mais, mas não determinado por estruturas ou princípios inatos. (STRECK, 2017, p. 369).

Para melhor esclarecimento desse inacabamento, desse inconcluso, Paulo Freire tece o seguinte comentário “[...] se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seria a educação um quefazer permanente” (FREIRE, 2017, p. 102). Desse modo, “ser mais” não é outro, a não ser o homem se construindo, se fazendo, num



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



processo de inconclusão, cujo término desse aprendizado está vinculado ao fim de sua existência, ou seja, o homem é um “quefazer” contínuo, como nos afirma Paulo Freire.

Com isso, ele não se determina, não se define, é um inconcluso que está sempre sendo.

Conclusão.

Merecidamente declarado patrono da educação brasileira, conforme Lei 12.612, de 13 abril de 2012, Paulo Freire representa um dos poucos intelectuais além do seu tempo. Suas obras continuam até hoje sendo um referencial para o desdobramento de pesquisas relacionadas à educação e ao ser humano. Por esta razão compreende que entre ambos não há distinção, uma vez que para ele falar de educação é ao mesmo tempo falar do homem.

Por causa de seu engajamento político-social, fazendo com que as camadas desfavorecidas se tornem protagonistas de suas próprias histórias, Paulo Freire ganha notoriedade no mundo todo. Seus trabalhos são lidos e relidos em vários idiomas, sempre com o rigor que a pesquisa exige, conferindo-lhes o teor de seriedade, autoridade e compromisso humanitário.

Recentemente, no Brasil, cresce uma onda conservadora que tenta macular seu potencial biográfico, culpabilizando-o pelos desmandos na educação. A este respeito, Paulo Freire se torna inimigo número um daqueles que insistem em manter a “educação bancária” como ferramenta auxiliar dessa engrenagem, que prefere conservar o homem e a mulher subalternos e não libertos.

Assim, Freire se mostra vivo e vivificante através de suas obras, as quais semearam e despertaram ódio, amor, esperança e libertação. Ódio daqueles que pensam que são diferentes por se acharem superiores aos outros, os opressores. Amor, esperança e libertação, daqueles homens e mulheres de bem que viram nele um bastião e exemplo de defesa dos “esfarrapados do mundo”.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Referências.

BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARVALHO, Waldênia Leão de. **Pensar a Educação a partir de Michel Foucault: do humanismo ao cuidado de si**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia?** – Filosofia como exercício de finitude. – Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

JAEGGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3ª. ed. –; Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SARVIANI, Dermeval. A Pedagogia Histórico-Crítica na Educação do Campo. In: Jaqueline Daniela Basso; José Leite dos Santos Neto; Maria Cristina dos Santos Bezerra (Orgs). **Pedagogia histórico-crítica e educação no campo: história, desafios e perspectivas atuais**. São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016.

STEIN, Ernildo. **Melancolia: ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental**. – Porto Alegre: Editora Movimento, 1976. – (Coleção Dialética, vol. 4).

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. – 3 ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Tradução João da Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



A ÉTICA E A POLÍTICA NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO FREIRIANO: UMA ABORDAGEM PARA ALÉM DO CAPITALISMO

Alex Lins Ferreira¹

Resumo

Paulo Freire (1921-1997), educador, filósofo, foi um dos principais críticos da educação tradicional, atribuindo a esta um caráter de domesticação, alienação, massificação, sujeição. O que ele chamou em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1968), de educação bancária. A pedagogia freiriana prima uma práxis pedagógica fundamentada na ética e na política, entendida a primeira como uma ética da responsabilidade, e a segunda, como engajamento social e cultural. Um dos principais objetivos deste artigo é problematizar e mostrar que a ética e a política que está enraizada nas ideias pedagógicas de Freire, vão além da ética e da política do sistema capitalista.

Palavras-chave: educação – ética – política.

Introdução

Paulo Freire foi e continua sendo um dos grandes ícones da educação brasileira bem como em outros países do mundo. As suas ideias revolucionaram todo tipo de educação e prática pedagógica que tinham na sua base princípios para a submissão em todas as suas dimensões. Portanto podemos afirmar que as ideias freirianas no tocante a educação e conseqüentemente a prática pedagógica rompeu teoricamente com as práticas pedagógicas de princípios conservador e reacionário.

Falamos teoricamente porque na maioria das vezes, ainda não conseguimos superar as práticas pedagógicas que levam o educando a sujeição, acomodação e ao ajustamento. Tais práticas têm muitas finalidades, mas a principal delas é perpetuar o círculo histórico de dominador-dominado e opressor-oprimido.

¹

Alex Lins Ferreira é mestre em educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor da educação básica da rede de ensino de Pernambuco.

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n Cidade Universitária / Centro de Educação - sala 9
Recife/PE - Brasil - CEP: 50.670-901 Fone: (81)99927.9886
E-mail: organizacaoxcoloquiopfreire@gmail.com



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



O pensamento de Freire vai ao encontro dessa visão dominante. A educação e nem tampouco a prática pedagógica para Freire, não pode se limitar a uma mera transmissão de conhecimentos/conteúdos da parte do educador, e nem ser uma ação para a assimilação, decoração e domesticação. Mas deve ser acima de tudo um exercício para a liberdade, para a autonomia, para o enfrentamento, para a crítica e a resistência, e consequentemente para a libertação. Dentro deste contexto na visão de Freire a ética e a política não podem ser a mesma do sistema capitalista, cujos fundamentos é a ética do individualismo, do consumo, da acumulação de capital, tanto financeiro como cultural, privilégio de poucos. A política do engajamento no interior das relações pedagógicas, com raras as exceções, não existe, haja vista que a escola é considerada como neutra diante da realidade social, política, econômica e cultural do educando.

Um dos nossos principais objetivos neste artigo é como a ética da responsabilidade e de uma política do engajamento, do compromisso, da práxis, da libertação que Freire propõe, pode ser concretizada dentro de uma sociedade capitalista extremamente injusta, individualista, consumista, onde as desigualdades sociais e econômicas são enormes?

A relevância deste trabalho se dá no primeiro momento pela coragem de enfrentarmos a prática pedagógica capitalista, no segundo momento pelo nosso ânimo em desafiá-lo, e por fim, em buscarmos algumas alternativas que possibilitem cada vez mais sermos educadores-educandos viabilizadores das ideias freirianas.

A ÉTICA E A POLÍTICA NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Já foram por nós mencionados alguns desencontros entre às ideias freirianas sobre educação, prática pedagógica, ética e política, em relação aos modelos ou tendências educacionais mais voltadas para a domesticação dos sujeitos, os levando a condição de objeto do processo educativo. Principalmente nas sociedades de formação capitalista, levando em consideração algumas exceções.

Além de fazer uma profunda reflexão analítica sobre a educação tradicional e suas ramificações, como a tecnicista, a behaviorista, a escola nova, etc. Freire menciona



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



algumas estratégias das elites, entenda-se elite nesse aspecto como aqueles que estão no poder e que são detentores do poder econômica e cultural, e cita.

Do ponto de vista das elites, a questão se apresenta de modo claro – trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes. Se já não é possível aquela mesma docilidade tradicional, se já não é possível contar com sua ausência; torna-se indispensável manipulá-las de modo a que sirvam aos interesses dominantes e não passem dos limites (FREIRE, 1983, p. 17).

Esta colocação nos possibilita pensar que o capitalismo e conseqüentemente quem está no poder sobrevivem de novas estratégias e roupagens para permanecerem no seu status quo. Daí se falar e criar políticas públicas para educação cuja ênfase é dada ao que se chama de aluno protagonista, esta é uma concepção pedagógica que leva os educandos a se sentirem como autor, sujeito [...] da sua própria história. Mas, que na realidade as políticas públicas são na sua grande parte para se adequarem as novas reivindicações da classe popular, utilizam de mecanismos aparentemente populares para se manterem no poder. O Estado capitalista se apresenta fortemente como o grande protetor e defensor dos direitos individuais, coletivos e sociais, não negando a sua importância, mas, na maioria das vezes, o Estado é o grande legitimador dos interesses da classe dominante, e conseqüentemente de todo tipo de desigualdade social.

Daí a importância de uma práxis educativa voltada para a classe popular, pois “assim quando a educação se volta para a necessidade da sociedade, na tentativa de formar cidadãos críticos, a cultura de transmissão de saberes sistematizados e sua conseqüentemente manipulação começaram a perder forças, pois o educando passa a ser atuante e transformador da realidade” (SIMÕES, 2010, p. 61).

Sem dúvida nenhuma, a educação é um elemento imprescindível para fomentar e alimentar consciências ávidas de transformação-libertação. Entretanto, o que observamos, com raras exceções, são práticas pedagógicas que consciente ou inconscientemente reproduzem a ideologia da classe dominante, entenda-se por reprodução da ideologia dominante um conjunto de elementos teóricos ou práticos que aos poucos são incultidos nas massas dominadas para conservar e perpetuar quem está no poder, sejam estas de aspectos material, cultural, econômico, etc.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Nesse sentido, é importantíssimo formamos educadores-educandos comprometidos com as mudanças que a nossa sociedade precisa, como por exemplo: educar para a formação de sujeitos conscientes, críticos, altruístas, autônomos e livres das correntes de uma educação do desraizamento, autômata, mecanicista, alienante, domesticadora, vazia de sentido da realidade objetiva dos educandos.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor em si, participar da elaboração como seres duplos, idênticos, da pedagogia da sua libertação. Somente na medida em que se descubram hospedeiros do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 2005, p.34).

É salutar afirmarmos que o próprio Paulo Freire reconhece a dificuldade da passagem de uma educação domesticadora para uma práxis pedagógica da libertação. Quando Freire faz a observação de que o oprimido hospeda o opressor em si, e que é necessário libertar-se, está se referindo a inclusão lenta e silenciosa da ideologia dominante. Mais adiante enfatiza,

sua luta se trava entre eles mesmos ou seres duplos. Entre expulsarem ou não o opressor dentro de si. Entre se desalinham ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz castrados em seu poder de criar e recriar no seu poder de transformar o mundo [...]. A libertação, por isto, é um parto. E um doloroso. O homem que nasce desse parto é o homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressor-oprimido, que é a libertação de todos (idem, 2205, p.38).

Na nossa compreensão estamos diante de dois grandes desafios, que mereciam uma maior profundidade, o primeiro é reconhecer que estamos contaminados pela ideologia dominante, e que é preciso nos libertar. Tal atitude não é fácil, mas, é possível práxis pedagógicas que possam nos levar a esta conscientização.

O Segundo, é quando Freire ressalta que é preciso superar a contradição entre opressor-oprimido que é a libertação de todos. Podemos entender esta colocação como algo utópico, não no sentido de um sonho possível de realiza-se, mas utópico na dimensão que transcende a realidade objetiva.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



É possível encontrarmos práticas e experiências sociais cujo fundamento são as ideias freirianas e sua vivência, mas ainda, estamos a passos lentos de uma educação e consequentemente de uma práxis pedagógica freiriana, haja vista, que estamos em uma sociedade de formação capitalista, que usa de vários instrumentos para permanecer no poder, tanto a nível de aparelhos ideológicos como aparelhos repressivos.

O aspecto político presente nas ideias freirianas está diretamente ligado ao engajamento da classe popular em liberta-se. No dizer de Scocuglia,

no instante em que a contribuição marxista se delinea hegemonicamente no conjunto de suas ideias, Freire investe não mais em “aspectos políticos” da educação, mas sim, em sua “totalidade política”. A educação, para ele não está só eivada de aspectos políticos. Ela é política em sua intezza (SCOCUGLIA, 2003, p.61).

Entenda-se o termo política aqui como sinônimo de integração, participação, decisão, construção coletiva, escolha, engajamento e pertencimento de classe. Na educação tradicional não se tinha esta preocupação, porque na realidade o que interessava ao sistema capitalista era manter o status quo da classe dominante e sua prática de dominação. Era comum nas salas de aula alguns professores deixarem explícito que a educação não tem nenhuma relação com a ação política, que política, futebol e religião não se discute, etc. Enquanto parte significativa dos alunos afirmam que odeiam política. Isto porque ainda eles não sabem discernir política enquanto engajamento social e pertencimento de classe, com a política no sentido partidário. O mais gritante é que o próprio professor na sua grande parte, não sabem estabelecer esta diferença.

Freire frisa que educar é uma ação extremamente política, e se a mesma for desprovida desta intezza, ela é uma educação inócua e morta em relação as transformações que a sociedade necessita no tocante ao binômio opressor-oprimido. E só uma educação que prime a ação política da classe popular é que poderemos concretizar os nossos sonhos de uma sociedade mais igualitária e justa.

Diz Freire:

A tarefa a que nos entregamos, a de possibilitar a um grande número dos nossos camaradas, sobretudo nos campos, mas não somente neles, leiam e



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



escrevam o que estavam proibidos de fazer no regime colonial é uma tarefa política. A própria decisão de fazer a alfabetização é um ato político. É preciso estarmos vigilantes com relação às insinuações feitas, às vezes ingenuamente, às vezes, astutamente, no sentido de nos convencer de que a alfabetização é um problema técnico e pedagógico, não devendo, por isso, ser “misturada com a política”. Na verdade, não há educação e por isso alfabetização de adultos neutra. Toda educação tem em si, uma intenção política (BEZERRA, 1987, p. 137-138).

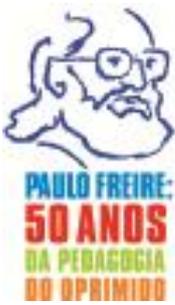
Quando Freire afirma que a educação não é neutra, ele está possibilitando uma reflexão que pode nos levar a duas grandes importantes funções da educação, o primeiro que é formar crianças, homens e mulheres alienados, acríticos, ingênuos, apolíticos, enfim, sem compromisso com lutas, conquistas, transformação e libertação das condições, nas quais estão inseridos. Nesse contexto esta educação recebida, apenas legítima, colabora e consolida os interesses da classe hegemônica.

Ao contrário de uma segunda concepção, que é entender a educação como um ato político onde a práxis pedagógica é permeada e perpassada por reflexões-ações que possibilitam ao oprimido reconhecer-se como tal e buscar coletivamente mecanismos de superação desta condição. O que Paulo Freire propõe é o rompimento paulatino de uma educação autoritária para uma educação política, democrática e libertadora.

Como mencionamos anteriormente, o educador-educando tem um papel significativo nesse processo. Ele é o intermediário, o mediador, o facilitador, mas acima de tudo ele tem que ter bem claro qual a sua posição nesse processo. Os envolvidos nesta práxis educativa, os

educadores e grupo populares descobriram que a educação popular é, sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixa-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdo as pessoas quanto em sua conscientização (FREIRE, 2007, p.30).

É relevante frisarmos que a partir desse finalzinho do pensamento de Freire nesta citação, existe uma grande preocupação não só no tocante a conscientização, mas



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



também como uma prática pedagógica que possibilite ensino dos mais variados conteúdos. Dentro deste contexto as críticas feitas a Freire no que se refere de que a sua pedagogia tem características ilusórias, e que ele é um sonhador, não se justificam.

A pedagogia freiriana representou e representa um avanço significativo, tanto no que tange aos conteúdos, a democracia, conscientização, a ética e a política. Pois é nesta práxis pedagógica que a maioria da população, entre outras palavras, a classe popular é valorizada nas suas práticas e experiências sociais, políticas, econômicas, éticas e culturais.

Não podemos falar em práxis freirianas sem termos a convicção que ela está permeada e fundamentada entre outras coisas em uma política do engajamento e em uma ética da responsabilidade. Entendemos por ética da responsabilidade aquela que todos os educandos e educadores são corresponsáveis pela construção ou reconstrução de saberes que possibilitam crianças, homens e mulheres serem seres integrantes e sujeitos de seu processo histórico.

Esta práxis pedagógica é contrária as várias concepções de educação de aspectos tradicionais que ao invés de formar ou constituir seres conscientes, críticos e transformadores- libertadores, limitam-se com raras exceções a fabricarem educandos alheios a sua realidade, e por muitas vezes por falta de informações e formações sobre os seus respectivos papéis em uma sociedade de formação capitalista, reproduzem conscientemente ou inconscientemente as várias facetas da ideologia dominante.

Observemos com atenção,

obviamente, a superação de tais descabros não está nos discursos e nas propostas moralistas, mas num clima de rigorosidade ética a ser criado com necessária e urgentes transformações que, por sua vez, vão viabilizando cada vez mais a posta em prática de uma educação voltada para a responsabilidade. Voltada por isso mesmo, para a libertação das injustiças e discriminação de classe, de sexo e raça[...] O que me parece imperioso reconhecer é que a responsabilidade que a prática educativa progressista libertadora exige de seus sujeitos tem uma eticidade que falta à responsabilidade da prática educativa autoritária, dominadora[...] É que a ética ou a qualidade ética da prática educativa libertadora vem das entranhas mesmas do fenômeno humano, da natureza humana constituindo-se nas histórias, como vocação para o ser mais.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Trabalhar contra esta vocação é trair a razão de ser de nossa presença no mundo, que terminamos por alongar em presença com o mundo. A exploração e a dominação dos seres humanos como indivíduos e como classes, negados no seu direito de estar sendo, é imoralidade das mais gritantes (FREIRE, 2007, p. 93).

O que percebemos na maioria das práticas pedagógicas fundamentadas em uma tendência de educação tradicional-autoritária, especificamente nas sociedades de formação capitalista são práticas de uma ética heterônoma, ao invés de uma ética autônoma. Freire evidencia nos seus escritos a importância da práxis pedagógica autônoma, onde os educandos aos poucos, buscam a partir de ações políticas de engajamento nos seus diversos níveis construir uma ética de dentro para fora e não o inverso.

Percebemos que existe no pensamento pedagógico de Freire uma interdependência dos termos ética e política, porque uma educação cujo objetivo é a humanização e a conscientização dos sujeitos para a transformação-libertação não pode prescindir da fusão das duas palavras para abrir possíveis caminhos para a formação de um novo homem, de uma nova mulher, e conseqüentemente de uma nova sociedade e de um novo mundo. Diferente de um mundo onde o mais importante não é o humano, mas sim, o capital.

A educação nas sociedades de formação capitalista, na maioria das vezes,

Educa-se para arquivar o que se deposita, mas o curioso é que o arquivado é próprio homem, que se perde assim seu poder de criar, se faz menos homens, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação (FREIRE, 1986, p.38).

Nesse sentido podemos afirmar, que só uma educação que tenha como base a ética da responsabilidade, da política enquanto engajamento, da democracia, é que podemos ver a possibilidade de concretizarmos uma educação, e especificamente uma práxis pedagógica que corresponda com os anseios da classe popular, de sua cultura do seu mundo, que por muito tempo sequer era pensada, porque os detentores do poder econômico e cultural a tinha arquivado, no arquivo da sua dominação.

O projeto de educação popular pretende reduzir e eliminar a alteridade constitutiva da educação de adultos. Não porque o educador venha a “ser



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



como o povo”, o que é uma questão quase sempre de teatro. Mas pelo fato radical de que, no seu limite de realização, a educação popular passa a se constituir como uma das dimensões da própria prática social popular. Neste sentido, ainda, ela ainda não é tão somente “um instrumento a serviço do povo”. Ela torna-se sua prática – uma plena educação popular – de que educadores militantes participam como assessores. Torna-se um trabalho popular de produção do saber coletivo da classe e perde, portanto, a sua dimensão de ser instrumentalmente “para”: para conscientizar, para mobilizar, para organizar. Ao contrário, a conscientização, a mobilização e a organização popular, como expressões de sua prática orgânica, constituem em uma forma limite de educação popular, de que o educador é chamado a participar passa a ser em si mesma e através de si mesma uma dimensão do trabalho prático popular que resulta em acumulação do saber de classe (da tão passagem interna de um saber tradicional de povo para um saber orgânico de uma classe popular). Consequentemente, resulta em uma acumulação de poder popular através do seu próprio saber. Torna-se um trabalho político que se exerce coletivamente no domínio do conhecimento popular (BRANDÃO, 1984, p.176).

Esta citação vai de encontro com a abordagem e reflexão que fizemos até aqui. O educador-educando, o assessor, o militante de uma educação popular deve ter a clareza da sua práxis enquanto mediador e facilitador, e acima de tudo integrador na busca incessante de construções de saberes que possibilitem a classe popular se apoderarem de um conhecimento que não seja aquele imposto pela classe dominante.

É no domínio do conhecimento popular construído coletivamente a partir da relação das práticas sociais, e da própria realidade na qual o educando está inserido, que o mesmo se sente politicamente e eticamente envolvido com o processo de transformação-libertação.

É dentro deste contexto que freire frisa. “[...] A libertação se dá na história e se realiza como processo em que a consciência das mulheres e dos homens é um sine qua. Neste sentido, a natureza ética desta luta política tem tal importância que não pode ser menosprezada o mais mínimo que seja [...]” (FREIRE, 2007, p. 94).

Aqui percebemos o quanto Paulo Freire destaca e valoriza a ética e política na práxis pedagógica como instrumentos inerentes ao processo educativo. Não existe na



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



maioria das vezes espaço para a educação popular, e nem tampouco a libertação opressor-oprimido em uma pedagogia do autoritarismo, da massificação, do desraizamento, da domesticação, etc.

Principalmente quando a educação é entendida como um processo neutro, apolítico e de uma ética voltada para o individualismo. É comum escutarmos as seguintes frases “cada um por si, e Deus por todos” ou “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Frases estas construídas para legitimar e reproduzir os interesses dos donos dos meios de produção.

Conclusão

Durante toda a nossa reflexão estabelecemos com clareza a diferença entre uma educação tradicional que prima em última instância as sociedades de formação capitalista e uma educação voltada para uma práxis pedagógica cujo o maior representante é Paulo Freire.

Em nenhum momento chegamos a radicalidade em afirmarmos a inexistência de espaços nas sociedades capitalistas para a vivência de uma pedagogia freiriana, esta, voltada como dissermos, para a formação e conscientização de sujeitos livres, conscientes, autônomos, críticos, transformadores e libertadores. Sujeitos estes formados das suas práticas e experiências sociais, políticas, econômicas e éticas. E que para efetivar esta pedagogia são imprescindíveis algumas atitudes entre elas, uma ética da responsabilidade e não do individualismo e da opressão, uma política do engajamento e não do isolamento, uma democracia participativa direta, onde o escutar, o dialogar e o falar dos sujeitos da educação popular sejam vistos como pontos nodais para a construção de novos saberes da classe popular para enfrentarmos a educação de prática bancária, e até mesmo exterminadora de sonhos. De sonhos possíveis.

Os desafios impostos pelo Estado capitalista são grandes, mas nossa vontade de mudança é maior ainda.

Precisamos sim, dessa concepção pedagógica freiriana para assumirmos um papel diferente que na maioria das vezes assumimos hoje. O papel de sujeito e não de asujeitado.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Mas para isso é preciso rompermos, mesmo que lentamente com toda e qualquer forma de paradigmas que justificam uma educação para a submissão e a “escravidão”.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Aina *et al.* **A questão política da educação popular.** 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a prática: escritos de viagens e estudos sobre educação.** São Paulo: Loyola, 1989 (Coleção Educação Popular)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 44 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Política e educação.** 8 ed. São Paulo: Vila das Letras, 2007 (Coleção dizer a palavra)

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

SCOCUGLLIA, Afonso Celso. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas.** 4 ed. João Pessoa: Universitária/UEPB, 2003.

SIMÕES, José Luís. (org). **Pesquisas em teoria e história da educação.** Recife: Universitária/UFPE, 2010.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



A GESTÃO ESCOLAR NUMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA DE ACORDO COM AS CONTRIBUIÇÕES FREIRIANAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CARUARU

Viviane Rauane Bezerra Silva¹

Resumo: O presente trabalho, é fruto de uma análise da gestão de uma escola municipal da cidade de Caruaru. Onde a partir de uma entrevista com o gestor, coletamos informações para que possamos analisar e caracteriza-la o mais próximo possível da realidade, como funciona a gestão desta escola se de forma democrática ou não, e suas particularidades observadas. Levantamos as dificuldades e as estratégias utilizadas para colocar em pratica todas as concepções e propostas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Palavras chaves: Gestão Escolar; Gestão Democrática e Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, é fruto de uma análise da gestão de uma escola municipal da cidade de Caruaru. Onde buscaremos estabelecer uma possível aproximação entre os princípios de participação e dialogicidade constituindo-os em elementos fundamentais à democratização da gestão pública popular e democrática, de acordo com o pensamento freiriano. Onde a partir de uma entrevista com o gestor, coletamos informações para que possamos analisar e caracteriza-la o mais próximo possível da realidade, como funciona a gestão desta escola se de forma democrática ou não, e suas particularidades observadas. Assim fazendo uma relação entre os conceitos e uma realidade presenciada na escola em questão.

Levamos em consideração o histórico do gestor, na educação e no seu cargo, sua capacitação, e o seu relacionamento com a comunidade escolar. Levantamos as dificuldades e as estratégias utilizadas para colocar em pratica todas as concepções e propostas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

¹

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico do Agreste, rauane.ifpe.senai@gmail.com.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Consideramos importante a realização da pesquisa, por compreendermos que a mesma nos fará entender melhor como funciona uma gestão, suas dificuldades e avanços na concretização de seu primordial objetivo, que é a formação escolar de qualidade para todos os alunos na escola inseridos, e contribuir para o melhoramento da comunidade por meio da socialização de uma educação com princípios da participação.

Partindo do pressuposto que uma concepção de organização democrática e popular tanto na esfera governamental quanto nas unidades escolares deve considerar os indivíduos, na perspectiva de Paulo Freire, enquanto sujeitos do ato de organizar-se. Não é por outra razão que a participação é (re)tomada com centralidade nas propostas que proclamam a construção de uma gestão pública popular e democrática, desde os anos oitenta. De forma a contribuir numa formação emancipadora e voltada para uma sociedade de bem, sem preconceitos, com uma consciência ambiental apurada, valorizando os aspectos culturais e as diferenças, sejam quais forem. Proporcionando momentos educativos, de interação com o outro, de instrução voltada à saúde, e ao modo de vida consciente, levando em conta os aspectos negativos da sociedade capitalista que estamos inseridos.

A partir de toda a análise da pesquisa, esperamos que o mesmo contribua de forma significativa com a nossa formação, pois antes de sermos gestores, somos educadores. Assim de acordo com tudo que for considerado aqui, poderemos modificar nossa visão de como é uma gestão escolar, de forma a ampliar ou a reduzir, tomando como base a realidade vivida em uma escola na cidade de Caruaru, na qual tivemos acesso a todas as informações elencadas.

Para analisarmos as informações obtidas e chegarmos a uma compreensão, utilizamos as contribuições acerca do tema Gestão Escolar e Gestão Democrática, segundo os autores: Paro (2010); Veiga (2003); Morgado (2011); Sordi, Bertagna e Silva (2016); Maranhão e Marques (2014); Fonseca (2003); Lima (2002) e Freire (1983) e (2001).

O trabalho está organizado da seguinte forma: uma breve apresentação do mesmo, elencando a sua importância e características; uma metodologia onde trazemos a forma como foi realizada toda a pesquisa e sua análise, e uma breve caracterização da



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



escola em que se insere a gestão estudada. Seguindo para uma apresentação dos dados coletados e suas análises a partir dos autores já citados acima e levando em conta a realidade que o gestor está inserido, como forma de explicar determinados comportamentos e atitudes do mesmo que caracteriza a sua forma de gerir a escola. Por fim uma breve conclusão sobre tudo que foi analisado na pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa recorreu a abordagem qualitativa, utilizada no estudo dos fenômenos humanos e sociais, sendo utilizada principalmente na educação e psicologia. A abordagem qualitativa no estudo dos fenômenos humanos e sociais, segundo Lakatos, *“preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.”* (LAKATOS, 2010, p. 269).

Centrou-se nos tipos de pesquisa exploratória e explicativa. Exploratória porque foi realizada sobre um tema já existente proporcionando-nos um esclarecimento e compreensão acerca do mesmo. De acordo com Gil (2008), *“pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”* (GIL, 2008, p. 27).

E sendo uma pesquisa explicativa segundo Gil (2008): *“tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade,”* (GIL, 2008, p. 28). Com base nestes questionamentos desenvolvemos o nosso estudo, aprofundando-se na realidade do fenômeno pesquisado, para descrevê-lo, e detalhá-lo. Assim como, foi feito um levantamento bibliográfico em relação ao problema pesquisado, a fim de explicitá-lo melhor.

Por se tratar de um procedimento de interpretação de dados, a análise do conteúdo, permite que as mensagens emitidas pelos sujeitos sejam interpretadas de forma definida, sistemática, categórica e objetiva. Desta maneira, para o pesquisador, a



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



análise do conteúdo é um meio pelo qual pode ser feitas inferências sobre diversos elementos da comunicação.

A partir de Lakatos (2010) a técnica de coleta de dados será através da observação participativa e entrevista com um membro da organização. Segundo Lakatos (2010) observar vai muito além de simplesmente ver e ouvir, é necessário examinar aquilo que desejamos estudar. A observação se dará de forma sistemática e participante. A entrevista terá como principal objetivo, explorar o conhecimento do entrevistado acerca das práticas educativas realizadas pela organização.

Apoiado em Lakatos (2010), investigação por meio de análise documental, estabelece uma técnica bastante relevante na pesquisa qualitativa, pois, será parte complementar das informações já obtidas por meio de outras técnicas de coleta de dados, trazendo novos aspectos para a questão investigativa.

Para a coleta de dados, selecionamos a observação e a entrevista semiestruturada, onde a partir da mesma iremos modificando as perguntas de acordo com as respostas obtidas pelo entrevistado, a fim de nos aproximarmos das respostas mais precisas sobre o tema analisado, e buscando sempre chegar ao mais próximo da realidade ali vivida. Onde a entrevista foi realizada a um gestor da escola pública selecionada no município de Caruaru.

Buscamos a partir da entrevista, conseguir analisar como se caracteriza a gestão, se democrática, semidemocrática, ou não; identificando as principais dificuldades que o gestor e seu grupo são acometidos, para conseguir efetivar as propostas da escola, principalmente as estabelecidas no PPP da mesma fazendo a relação com as contribuições freirianas acerca do tema quando destacado por Lima ao afirmar que Freire é um defensor de “*concepções democráticas e participativas de organização, de uma organização como prática da liberdade, isto é, de organizações autônomas e autogovernadas, arenas indispensáveis à democracia política, social, econômica, cultural, etc*”(2002 pg. 69). Levando em consideração a relação que essa mesma gestão possui com os professores, alunos e toda a comunidade escolar, percebendo os papéis que cada um desempenha nos processos de decisão de inúmeros acontecimentos e atitudes que devem ser tomadas pela escola como um todo.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



A Escola seleciona é de gestão municipal, estando localizada em um bairro periférico na cidade de Caruaru-PE, visa atender crianças da comunidade, estando estrategicamente na divisa do bairro mais desenvolvido com a parte menos desenvolvida fisicamente. A escola observada funciona desde o ano de 2001 e faz parte de um modelo de estrutura de ensino fundamental I e II e EJA, pensando desde sua arquitetura para atender às crianças e adolescentes, a organização e o espaço fazem com as crianças tenham a possibilidade de se desenvolver em sua totalidade com a autonomia necessária, quanto ao prédio que atende as turmas do fundamental I, já o prédio que atende ao fundamental II e EJA, mostra-se carente de reformas estruturais, para melhor atender aos educandos. O mesmo possui em torno de 1.500 alunos nos três turnos fornecidos pela mesma. Sua forma de financiamento é através das verbas vindas pela Secretaria de Educação da cidade, e das verbas vindas do Governo Federal através de alguns programas nela desenvolvidos, como: Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), o Novo Mais Educação, entre outros.

As principais dificuldades acometidas durante a coleta de dados para a realização da pesquisa, foi a ausência do gestor nos momentos que fui a escola, sempre por motivos de trabalho (estar na secretaria de educação), não o encontrei, mas consegui resolver a partir da técnica da persistência, onde em diferentes horários o procurei na escola até o encontrar logo após o início das aulas noturnas, por volta das 19:00h; sendo assim essa foi a única dificuldade.

O gestor me recebeu de forma atenciosa, respondendo todas as perguntas e trazendo um pouco de sua realidade e luta diária para gerir a escola, e fornecer da melhor forma possível uma educação aos seus alunos e como ele mesmo destacou, “uma boa alimentação, para que consigam estudar melhor”, com isso me justificou que nos dias e horários que não o encontrei o mesmo estava na secretaria de educação, solicitando recursos para o complemento da merenda dos alunos, que por motivos jurídicos foram dificultadas esse mês, pois estando a empresa que fornece alimentos em processo de investigação jurídica, e a parte que é destinada ao fornecimento por parte da



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



agricultura familiar não ser suficiente para dar conta de toda a merenda fornecida aos alunos.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir da entrevista realizada com o gestor da escola conseguimos coletar informações consideradas significativas, para nosso estudo. Assim começaremos nossa análise fazendo uma breve apresentação do perfil do gestor entrevistado e adiante a relação de suas respostas com os autores estudados sobre o tema. Para através dessa relação do esperado pela gestão e o vivido na escola, possamos compreender como pode ser uma gestão de caráter pública, com suas dificuldades e limitações, bem como suas conquistas educacionais.

O gestor entrevistado possui formação inicial em Licenciatura em Matemática e Biologia, fez uma pós em gestão escola, atualmente participa do curso de Mediação de Conflitos realizado pela Secretária de Educação da cidade. Possui 19 anos de experiência na docência e apenas 1 ano e meio na gestão, onde atua a 8 anos na escola pesquisada (docência e gestão). Sua entrada no cargo de gestor foi através de indicação da secretária de educação, já que é membro do Conselho Escolar e possuía um bom relacionamento com a escola, mesmo sendo efetivo da rede municipal de ensino, conseguiu ficar na mesma escola por vários anos, devido a suas contribuições junto ao Conselho Escolar.

Relação com professores e funcionários:

A partir da análise da entrevista realizada com o gestor, percebemos através de sua fala que o mesmo se preocupa com o diálogo com os professores e funcionários. Onde o gestor coloca que *“Sempre ouvimos e dialogamos com os professores e funcionários da escola, pois todos tem a mesma importância e podem contribuir com a educação e formação de nossas crianças”* (FALA DO GESTOR). Quando a partir das reuniões que acontecem de caráter ordinários bimestrais, como também pelas reuniões extraordinárias, que acontecem de acordo com as demandas, mas que normalmente se



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



tem uma em cada mês sem data fixa. Com isso o mesmo demonstrar que é a partir dessa diálogo com esses colaboradores que é possível construir dentro da escola um laço de união para vencer os desafios que surgem na construção de uma boa educação para os seus alunos.

Percebemos a partir das contribuições de Paro para nosso trabalho que trata sobre esse tipo de relação quando vem dizer que a *“mediação para a realização de fins e de uma concepção de política como convivência (conflituosa ou não) entre sujeitos, e tendo presente o caráter necessariamente democrático da educação”* (PARO, 2010 p.763). Consideramos que a prática pedagógica que o gestor encontrou na escola, que o mesmo considera como mais eficiente, é a partir dessas reuniões, onde cada um coloca seu ponto de vista sobre determinados temas, e juntos constroem uma solução que agrade a todos e resolva a situação.

Essa prática nos mostra o rompimento da formação histórico-culturais da sociedade brasileira, que conferiram poder exacerbado às classes dominantes e submissão das classes dominadas, trazendo como consequência, ajustamento e acomodação e não integração, configurando o que o autor descreve como in experiência democrática. Freire destaca que *“no ajustamento, o homem não dialoga. Não participa. Pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõe a ele. As disposições mentais que criamos nestas circunstâncias foram disposições mentais rigidamente autoritárias. Acríticas”* (1983 p.74). A partir dessa reflexão consideramos a atitude do gestor de forma positiva, pois se utilizar de técnicas simples, mas que porem detém de tempo, para que como gestor possa ser reconhecer que cada integrante da equipe escolar tem capacidade para contribuir com de forma pedagógica na escola, e ajudando na construção de uma prática democrática dentro da escola.

Processos decisórios de utilização de recursos:

A partir da análise da entrevista conseguimos perceber que a escola possui o Conselho Escolar, onde o gestor relatou que fez parte do mesmo por vários anos, e a partir de sua atuação visando uma democracia, foi indicado para o atual cargo da gestão. O mesmo destaca a importância desse conselho quando destaca que:



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Temos o conselho escolar do qual faço parte, e a unidade executora, através dessas ferramentas nos reunimos e em conjunto decidimos em que vamos utilizar os recursos que a escola tem, sempre com economia e cuidado, para que não chegue a faltar nada para nossas crianças. (FALA DO GESTOR)

Percebemos que existe uma preocupação com a satisfação de todos sobre como é utilizado os recursos na escola. Assim todos que comparecem as reuniões do conselho se sentem parte significativas do processo, considerando que os mesmos possuem voz e vez na escola. Quando vamos fazer uma análise a partir dos autores que estudamos ao longo do trabalho percebemos uma ligação com o que Maranhão e Marques (2014 p. 126) fala sobre esse tipo de atitude do gestor onde *“Compreendemos que a política de democratização da gestão escolar incide sobre um paradigma de administração hegemônico, com o intuito de combater a centralização dos processos decisórios”*. Acreditamos que quando o gestor não considera importante a centralização das decisões já deu um grande passo para uma gestão democrática.

Relacionando sua atitude e todas as estratégias que se possam ser colocadas em práticas na escola para descentralizar as decisões com o que Freire nos ensina quando vê a participação como *“exercício de voz (...) de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania, se acha em relação direta, necessária, com a prática educativo-progressista”* (2001 p. 73). Pois a partir dessas atitudes a escola consegue se pertencer perante as diversas decisões, principalmente relacionadas a questões financeiras, que a mesma precisa resolver em todo decorrer do ano letivo.

Instrumentos de democratização (PPP, Conselhos e Grêmios estudantil):

Ao analisar as respostas do gestor a nossa entrevista, percebemos que a escola não possui Grêmios Estudantis, mas possui o Conselho Escolar e o PPP que é diferenciado de outras escolas. Na fala do gestor é possível perceber como é dinâmico essa ferramenta e como a mesma funciona *“O nosso PPP é construído ao longo do tempo, com a contribuição de cada projeto e atividades que fazemos vamos preenchendo o mesmo, de forma coletiva, já o conselho escolar participa bastante na tomada de decisões, apenas o grêmios não existe na escola.”* (FALA DO GESTOR). O mesmo nos traz que dessa forma que foram organizado o PPP, é possível no decorrer de sua atuação, as considerações dos participantes, sejam professores, pais ou alunos, para que se tenha uma devolutiva sobre as ações planejadas no programa para todo o ano letivo.

Quando vamos analisar através do que tratam os autores sobre esse tipo de atitude, percebemos que Veiga traz como positivo ao falar que

A construção do projeto no âmbito da inovação regulatória, anda a par



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



com a reconstituição do campo do poder dentro das escolas, entendido este como espaço de jogo no interior do qual novos atores lutam pelo poder sobre a nova especialização de funções e a interpretação reguladora. (VEIGA, 2003 p.271)

Chama atenção a inovação da forma de construção do PPP da escola, quando o mesmo nunca está pronto e acabado, mas sim em construção com as contribuições de todos. Percebemos outro elemento significativo que Freire vem nos apresentar quando sinaliza que *“a transformação em si, não obstante, é um evento educacional. A transformação nos ensina, nos modela e nos remodela”* (2003 p. 163). Considerando que o mesmo é uma forma de espelho do posicionamento da escola, que pode ser modificado de acordo com as novas necessidades da comunidade escolar e os órgãos reguladores da educação.

Acreditamos que com essa atitude a gestão cada vez mais se aproxima do que consideramos como gestão democrática. Partindo da compreensão que cada um possui contribuições para agregar nos projetos pedagógicos escolares, ainda sentimos que essas atitudes aproximam toda a comunidade escolar e a mesma se percebe parte da escola.

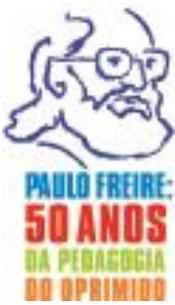
Concepção de Gestão:

Ao analisar as respostas do gestor percebemos como compreende a gestão escolar. O mesmo mostrou-se preocupado não apenas com as questões burocráticas e administrativas de escola. Considera como primordial as crianças, em sua plenitude, primeiramente se preocupa com a alimentação das mesmas, onde se mostrou uma realidade por nos dias que o procuramos para ser realizada a entrevista, ele não se encontrava, por várias vezes estava na secretária de educação, quando o questionei o mesmo relata que estava tentando conseguir recursos para a alimentação dos alunos, pois na escola estava em falta, e falou que depois dessas idas até a secretária, conseguiu verba para compras de emergências para garantir que a alimentação dos mesmos não seja interrompida.

Ainda o mesmo contribui com todos os fatores que diz respeito a escola, a partir de sua fala podemos ver como se preocupa com uma boa educação para todos os alunos da escola, considerando que os mesmos são de uma comunidade carente e possui muitas necessidades

A gestão deve, acima de tudo, se preocupar com a criança, não apenas a sua educação, mas sua integridade e saúde, por isso preso tanto pela alimentação de qualidade, e sempre procuro acompanhar a situação extra escolar dos alunos que não estão indo bem, para que eu possa de alguma forma ajudar. (FALA DO GESTOR)

É possível perceber como a sua visão do que é uma gestão se aproxima com o que os autores que estudamos diz quando consideram do que consideram sobre o que é direção e administração *“Podemos dizer que a direção é a administração revestida do poder necessário para se fazer a responsável última pela instituição, ou seja, para garantir seu funcionamento de acordo com uma*



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



filosofia e uma política de educação.” (PARO, 2010 p. 769).

Percebemos que a compreensão da gestão se aproxima mais do que o autor considera como “direção”, pois não se preocupa apenas com as questões da administração e organização da escola. Mas sim com os diversos aspectos que englobam uma boa educação para seus educandos. Para nossa compreensão de gestor, acreditamos que o mesmo não pode apenas se preocupar com questões burocrática, e sim com todos os elementos que interferem numa educação de qualidade para seus alunos.

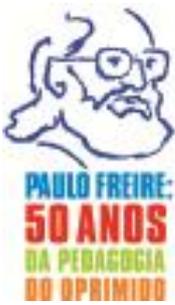
ASPECTOS CONCLUSIVOS

A partir de toda construção do trabalho, percebemos como é importante compreender mais sobre a gestão e seu papel contribuidor para uma boa educação. Consideramos que o gestor deve ter uma postura de diálogo entre todos os profissionais que compõe o quadro administrativo da escola, sendo assim percebe-se como isso faz diferença na construção de uma relação voltada para proporcionar uma educação de qualidade. Com isso consideramos que o papel da família e da comunidade, é fundamental para o sentimento de pertencimento da escola, pois quando nossas vozes são ouvidas, e os nossos anseios atendidos, percebemos como somos importantes para a escola e como podemos fazer diferença na vida educacional de nossos filhos ou familiares.

Acreditamos que todo o esforço e dedicação em coletar as informações para a composição do trabalho, bem como da análise dos teóricos aqui utilizados, percebemos como é rico esse movimento que nos aproxima de nosso campo de atuação. Como professores em formação, não apenas iremos atuar na sala de aula, e compreender um pouco mais sobre como funciona uma gestão, bem como seus desafios e conquistas para alcançar a finalidade base da escola, que é uma boa educação para todos os alunos de forma igual a todos, analisamos como positivo, e desejamos mais oportunidades para nos aproximar com nossos diferentes campos de atuação como futuros Pedagogos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 14a Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



_____. **Política e educação**. 6a edição, São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção questões da nossa época; v.23).

FONSECA, Marília. **O projeto Político-Pedagógico e o plano de desenvolvimento da escola**: duas concepções antagônicas de gestão escola. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 302-318, dezembro de 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ª ed. São Paulo, Atlas, 2010.

LIMA, Licínio C. **Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública**. 2ª edição, São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002 (Guia da escola cidadã; v.4)

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MARANHÃO, Iágrici Maria de Lima; MARQUES, Luciana Rosa. **Os mecanismos de participação social na escola**: Instrumentos de gestão democrática ou de controle? In: Espaço de Currículo, v.7, n.1, p.125-136, Janeiro a Abril de 2014.

MORGADO, José Carlos. **Projeto curricular e autonomia da escola**: das intenções às práticas. In: RBPAE, v. 27, n. 3, p. 361-588, set/dez. 2011.

PARO, Victor H. **A educação, a política e a administração**: reflexões sobre a prática do diretor de escola. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 763-778, set/dez. 2010.

SORDI, Maria Regina Lemes de; BERTAGNA, Regiane Helena e SILVA, Margarida Montejano da. **A avaliação Institucional Participativa e os espaços políticos de participação construídos, reinventados, conquistados na escola**. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 36, n. 99, p. 175-192. Maio-ago., 2016.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Inovações e Projeto Político-Pedagógico**: uma relação regulatória ou emancipatória? In: Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro de 2003.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



DE UM “BASTA DE PAULO FREIRE” AO GOLPE DE 2016: REPERCUSSÕES NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS

Silmara Cássia Barbosa Mélo

Resumo

“Basta de Paulo Freire” corresponde a um trecho de uma faixa das manifestações contra o governo Dilma Rousseff em março de 2015, um dos elementos no cenário inicial da gênese do golpe parlamentar de 2016. O objetivo deste artigo é elucidar a questão: por que “basta de Paulo Freire!”, discutindo um pouco da trajetória, das marcas da pedagogia social crítica de Freire, e analisando o contexto das políticas educacionais brasileiras após o golpe de 2016 à luz de escritos freirianos.

Palavras-chave: Educação; Paulo Freire; Políticas Educacionais.

Introdução

Ao ler obras freirianas como Educação como prática da liberdade (1967), Pedagogia do Oprimido (1968) e Pedagogia da Esperança (1992) parece ser simples elaborar uma explicação para o “basta de Paulo Freire”. “Basta de Paulo Freire” corresponde a um trecho de um texto exposto em uma faixa nas manifestações contra o governo Dilma Rousseff no dia 15 de março de 2015, em que várias pessoas se reuniram e foram às ruas em diversos lugares do Brasil. Questiona-se, sobretudo, por que é preciso colocar um “basta” em Paulo Freire? O que ele/sua obra ameaça?

Apesar de ser necessário ler suas obras em profundidade, reconhecendo o valor da sua produção intelectual, as produções citadas darão aos leitores ansiosos por uma resposta consistente à problematização: por que “basta de Paulo Freire”? Freire (1967, 2015, 2016) relata, recria, reescreve e repensa suas experiências na “convivência com a malvadez dos poderosos” na infância e na adolescência. Uma leitura de mundo que o fez e o convenceu da urgência da democratização das práticas, dos saberes, da sociedade, da escola. Foi no diálogo que construiu e baseou sua prática e através da “problematização” mudou o seu pensar e agir, pois era preciso estar a par do “mundo do povo” (FREIRE,



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



2015, p. 38).

Ele mesmo vivenciou a “conscientização” e a educação como prática da liberdade. Para ele era necessário a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos, rompendo a “cultura do silêncio” (FREIRE, 2015). Se para Freire “a leitura e a escrita da palavra implicava na releitura mais crítica do mundo para assim transformá-lo”, por que então “basta de Freire” (FREIRE, 2016)? Com toda certeza, por ter escrito “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2016), tenha sido o anunciador de uma educação como prática de liberdade para muitos.

Sua posição assumida, defendida, vivida, pensada e escrita era em defesa do radicalismo crítico, e não do sectarismo (FREIRE, 1967, 2015), foi assim em Pedagogia do Oprimido, como também em Pedagogia da Esperança. Escritos que, antes de tudo, foram “falados” e escritos em pedaços de papel, as tais “fichas de ideias”, colocados de molho, uma espécie de quarentena para poder repensar e redizer. Escritos com marcas da coerência ao longo da sua existência (agir, pensar, falar, escutar, escrever, mudar, transformar) (FREIRE, 2015, p. 80).

A prova disso foi o diálogo estabelecido com os/as críticos/críticas em Pedagogia da Esperança, quando Freire (2015) discute críticas tais como: a “fala machista” de suas obras, a linguagem rebuscada e elitista, o “universo vocabular mínimo”, “críticas que se diziam marxistas” (acerca da luta de classes), o saber de experiência feito, a “pedagogia sem conteúdo”, dentre outras. Muitas delas baseadas em leituras mal feitas, ou até, sem leitura alguma. Daí talvez a origem do “basta de Paulo Freire!”, como ele mesmo disse: “[...] me leu mal, incompetentemente, ou não me leu” (FREIRE, 2015, p. 119). Por quê?

Na tentativa de apresentar Paulo Freire de forma coerente, discute-se neste ensaio um pouco da trajetória e as marcas da pedagogia social crítica freiriana, sua perspectiva de educação, e analisa-se o contexto das políticas educacionais após o golpe de 2016, à luz de escritos como Educação como prática da liberdade (1967), Pedagogia do Oprimido (1968) e Pedagogia da Esperança (1992).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Um pouco de Paulo Freire e de sua Pedagogia Social Crítica: por uma educação como prática da liberdade

Nordestino, nascido em Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921, Paulo Freire, filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar e de Edeltrudes Neves, morou na cidade até 1931. Em 1943, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Foi professor de português no Colégio Oswaldo Cruz e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Mas foi em 1962, na cidade de Angicos no sertão do Rio Grande do Norte, que desenvolveu e vivenciou pela primeira vez sua pedagogia alfabetizando 300 trabalhadores da agricultura, com o projeto “Quarenta horas de Angicos” (FREIRE, 1967).

Contudo, com o golpe militar de 1964, o qual “[...] teve entre seus resultados (e também entre seus objetivos) a desestruturação deste que foi o maior esforço de democratização da cultura já realizado no Brasil” (FREIRE, 1967, p. 08), Freire tornou-se alvo da direita. Foi considerado o “gérmen da revolta”, uma vez que “[...] uma pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa uma abertura à compreensão das estruturas sociais como modos da dominação e da violência” (FREIRE, 1967, p. 15). O perigo estava em provocar as classes populares, tirando-as da acomodação, domesticação e manipulação para que continuassem servindo aos interesses da classe dominante. Pelo trabalho de base de uma verdadeira pedagogia democrática, por sua coragem e rebeldia, Paulo Freire foi preso e exilado, só no Chile permaneceu por cinco anos. Em 1969 lecionou na Universidade de Harvard, nos EUA, viajou por vários países do mundo, e só em 1980, com a anistia, retornou ao Brasil, e passou a ser professor da UNICAMP e da PUC (GADOTTI, 1996).

Para Freire (1967, p. 47),

Na “Sociedade fechada”, temas como democracia, participação popular, liberdade, propriedade, autoridade, educação e muitos outros, de que decorriam tarefas específicas, tinham uma tônica e uma significação que já não satisfazem à Sociedade em trânsito.

Ele havia provocado “rachaduras” naquela sociedade quando rompeu as forças



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



que mantinham a “sociedade fechada” em equilíbrio (FREIRE, 1967). Como então chegar a uma “sociedade aberta”? O “trânsito” representava, assim, tempo de anunciação e a educação, por sua vez, passa a ser elemento importante nessa “sociedade na fase de trânsito”. Nas palavras de Freire (1967, p. 47), “[...] a sua força decorreria sobretudo da capacidade que tivéssemos de nos incorporarmos ao dinamismo da época do trânsito”.

Sua pedagogia é marcada pela função crítica e libertadora fundada no diálogo, essência de uma educação como prática da liberdade (FREIRE, 2016). O diálogo, para Freire, “[...] consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação” (GADOTTI, 1996, p. 81).

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2016, p. 109).

Através do diálogo o processo de conscientização passa a ultrapassar “o nível da tomada de consciência através da análise crítica, isto é, do desvelamento das razões de ser desta situação, para constituir-se em ação transformadora desta realidade” (GADOTTI, 1996, p. 81).

A crítica e o desvelamento são características da radicalidade proposta por Freire e de sua pedagogia social crítica (FREIRE, 1967, p. 49), pois a radicalização “[...] que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa”. Dessa forma,

O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente (FREIRE, 1967, p. 49).

A radicalidade, marca da teoria crítica, promove a leitura da realidade, desnudando



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



os interesses de poder, os movimentos, as diferentes culturas, cuja finalidade circunda sobre a mudança social, como uma das garantias para efetivação de uma sociedade mais justa (GIROUX, 1986).

Foi por anunciar um futuro criador, baseado em uma “realidade que grita”, no diálogo que possibilita a conscientização “enquanto instrumento de mudança do mundo”, que não nega o esforço crítico. Por ser oposição a uma educação que “faz dormir o educando”, que não permite um “gato multicolor”, por compreender que somos livres para criar, inventar e reinventar que “alguns” pedem “basta Paulo Freire” (FREIRE, 2015).

Para Gadotti (1996, p. 70), o pensamento freiriano se constitui uma teoria do conhecimento. No início da década de 1960, o nordeste, com metade de seus 30 milhões de habitantes vivia na “cultura do silêncio” do analfabetismo, fazia-se “necessário ‘dar-lhes a palavra’ para que ‘transitassem’ para a participação na construção de um Brasil que fosse dono de seu próprio destino e que superasse o colonialismo”.

Assim, se configura a perspectiva de educação que permeava a práxis freiriana, “[...] a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1967, p. 97). Para ele, não era concebível uma educação que cada vez mais enfatizava posições ingênuas, à passividade, a memorização de conteúdos apenas, que, não exige criação, elaboração. Faz-se necessário uma educação democrática que acredite no homem possibilitando compreender seus problemas, seu trabalho, sua sociedade. Apenas a “[...] participação em termos críticos, somente como poderia ser possível a sua transformação em povo, capaz de optar e decidir” (FREIRE, 1967, p. 102).

A proposta de educação freiriana rompe o que ele denominou de “educação bancária”, que corresponde ao “ato de depositar”, em que o saber é uma “doação”, o educador aliena a ignorância e o educando não exercem sua criatividade na alienação (FREIRE, 2016). Para o autor,

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. (FREIRE, 2016, p. 83).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Entretanto, o cenário das políticas educacionais que se configurou após o golpe parlamentar de 2016 são marcas de um retrocesso à perspectiva de educação problematizada e libertadora fundada por Freire (1967, 2015, 2016).

A “inexperiência democrática” e a gênese do golpe de 2016

A “inexperiência democrática” da sociedade brasileira pode justificar a exposição da frase “basta de Paulo Freire” por parte de “alguns”, pois sua pedagogia crítica, democrática e libertadora, incomoda em um país que a democracia não costuma ascender por longos períodos, como é perceptível durante toda história brasileira. Os fatos que sucederam as manifestações de março de 2015, nas quais o “basta de Paulo Freire” ganhou o mundo, não foram os melhores.

Na última década, “fendas” foram abertas, ou como prefere Freire (1967), “rachaduras” foram provocadas no cenário social. Políticas públicas que proporcionaram redistribuição de renda, expansão de vagas no ensino superior

[...] fomentaram fortes reações daqueles historicamente acostumados com um país, cujos donos sempre garantiram a seus filhos as melhores colocações, seja nas universidades, seja no mercado de trabalho, caracterizando um “modelo meritocrático” em que o esforço pessoal é quase que completamente substituído pelas garantias do berço e do sobrenome (MOLL, 2017, p.63).

Boito Jr (2003), Frigotto (2005), Fagnani (2017) e outros admitem que a política macroeconômica do governo Lula seguiu os rumos dos fundamentos adotados por Fernando Henrique Cardoso, porém consideram relevantes os avanços na área social durante o governo petista, especialmente, no segundo mandato. Contudo, a ampliação de direitos sociais contraria a racionalidade que baliza o golpe, rompendo como os princípios neoliberais, uma vez que “[...] a desigualdade é força motora da competitividade, a qual, por sua vez é essencial para o aumento da produtividade capitalista” (MOURA; FILHO, 2017, p.112). Nessa direção, a “sociedade de mercado” deve fazer com que os indivíduos entrem em competição exacerbada, produzindo mais e contribuam para a reprodução



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



ampliada do capital. Iniciam-se, assim, as tensões.

Moura e Filho (2017) identificaram três pilares de sustentação do golpe de 2016 e das medidas decorrentes. Primeiro, os interesses do grande capital internacional, mais especificamente, dos Estados Unidos da América (EUA), pois as ações internacionais brasileiras foram ampliadas e fortalecidas com nações emergentes e países vizinhos nos governos progressistas. Nesse cenário, a disputa pelo pré-sal, na qual a Petrobras é líder em exploração em águas profundas, passou a ser alvo dos norte-americanos que viam um projeto político, que sempre foram favoráveis ao alinhamento com seus interesses, ser derrotado nas urnas nas eleições de 2002, 2006, 2010 e 2014. O segundo pilar origina-se do pensamento e ação das elites econômicas, grande mídia e fragmentos da classe média, repercutido no Congresso Nacional e em parte do Judiciário. As conquistas do povo “provocaram o recrudescimento do pensamento elitista-escravista” que não aceita, dentre outras coisas, que o povo tenha o direito a pensar. O terceiro pilar corresponde aos erros do governo Dilma, o qual não avançou nas mudanças estruturais (FAGNANI, 2017), fez “alianças com a ala mais retrógrada da direita”, na tentativa de conciliar interesses do capital e da classe trabalhadora (MOURA; FILHO, 2017).

Acrescenta-se, a esta lista de fundamentos basilares do golpe de 2016, a “inexperiência democrática” do povo brasileiro, pois “[...] as condições estruturais de nossa colonização não nos foram, porém, favoráveis” (FREIRE, 1967, p. 66). O país nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. A exploração, objetivo da colonização, impediu a integração com a colônia, impediu a vivência comunitária e a participação, proporcionou o estrangulamento da formação de uma mentalidade democrática.

a constante de toda a nossa vida colonial. Sempre o homem esmagado pelo poder. Poder dos senhores das terras. Poder dos governadores gerais, dos capitães-gerais, dos vice-reis, do capitão-mor. Nunca, ou quase nunca, interferindo o homem na constituição e na organização da vida comum. (FREIRE, 1967, p. 74).

Se em 1964, o Golpe Militar, resultou no exílio de Paulo Freire, em 2016 a



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



culminância de um movimento orquestrado pela “nova direita” resultou no [*impeachment*](#) da presidenta Dilma Rousseff destituída do posto em 31 de agosto, e na ascensão do vice-presidente Michel Temer à presidência da república. Para Fagnani (2017), o fato significou o “fim do breve ciclo de cidadania social” que a Constituição de 1988 havia inaugurado, pois, simultaneamente, aos princípios democráticos, que pareciam vir ganhando espaço, um projeto liberal engenhosamente multifacetado, com estratégias cada vez mais aprimoradas, estava acontecendo para garantir a “reforma do Estado brasileiro”, a partir de um golpe parlamentar.

A “radicalização do projeto liberal” veio através de um “novo regime fiscal”, fim de vinculações de recursos para a área social, reforma da previdência social, reforma tributária, e, retrocesso nos direitos trabalhistas e sindicais (FAGNANI, 2017, p. 11). Nas palavras de Amaral (2017, p. 6), “[...] assumiu a Presidência da República o grupo que dirigiu o país no período do governo FHC, e uma de suas primeiras medidas foi retornar à implementação, com intensidade, das reformas preconizadas pelo Consenso de Washington”.

A democracia, por sua vez, que, “[...] antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem” (FREIRE, 1967, p. 81), corre riscos com os “novos” rumos direcionados pelo “novo” governo.

“Nova” agenda para educação brasileira: por uma “educação bancária”?

Em “Uma ponte para o futuro”, o presidente Michel Temer deixa explícito o seguimento pelo ideário neoliberal e a investida na educação enquanto elemento chave para alavancar a economia. Para isso, propõe executar uma política de desenvolvimento centrada na iniciativa privada; realizar a inserção plena da economia brasileira no comércio internacional, citando especificamente, “áreas econômicas relevantes”, como Estados Unidos, União Europeia e Ásia; estabelecer uma agenda de transparência e de avaliação de políticas públicas, que permita a identificação dos beneficiários, e a análise



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



dos impactos dos programas (FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES, 2015, p. 19).

Em “A travessia social”, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) de Michel Temer, apresenta suas “intenções” com relação à educação antes da votação do impedimento da Presidenta da República no Senado, (FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES, 2016). Semelhante ao apresentado no Programa de Aécio Neves, pela “Coligação Muda Brasil” pelo PSDB nas eleições presidenciais de 2014 na qual foi derrotado, um dos principais objetivos para a educação é promover a reformulação do currículo do ensino médio (PSDB, 2014). São citadas como estratégias de um programa de apoio e desenvolvimento da educação: priorizar o ensino fundamental e médio; focar na qualidade do aprendizado e na sala de aula; intensificar a presença do Governo Federal no ensino básico; continuar com os processos e resultados das avaliações; focar na qualificação e nos incentivos aos professores do ensino básico; certificar professores; e diversificar do ensino médio, “de acordo com a vocação e o interesse dos alunos” (FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES, 2016, p. 15-16).

Dentre as medidas adotadas pelo governo de Michel Temer ao assumir a presidência do país, com relação à educação, destaca-se a apresentação da Proposta de Emenda à Constituição de nº 241 na Câmara dos Deputados e nº 55 no Senado Federal, que se tornou a EC 95, de 15 de dezembro de 2016, mais popularmente conhecida como a “PEC do fim do mundo”. Nela fica estabelecido o novo teto para os gastos públicos tendo como limite a despesa do ano anterior corrigida pela inflação, em que prevalecerá, inicialmente, por 20 anos o congelamento das despesas primárias. Tal medida inviabilizará a efetivação da educação obrigatória para todos os jovens entre 4 e 17 anos, o estabelecimento do CAQ/CAQI (Custo aluno qualidade/Custo aluno qualidade inicial), as políticas de valorização do magistério da educação básica, enfim, impossibilitando a implementação de novas políticas públicas que objetivam garantir uma educação pública, como, por exemplo, o Plano Nacional de Educação (2014-2024) (AMARAL, 2017).

Dando continuidade, o governo aprovou a Reforma do Ensino Médio por meio da lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, aplicando assim, a estratégia citada em “A travessia social” (2015) para educação. Segundo Silva e Scheibe (2017), a tramitação da



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



MP 746/16 ocorreu no Congresso Nacional entre os meses de outubro de 2016 e fevereiro de 2017, em um período curto, no qual foram realizadas 11 audiências públicas. A MP 746/16 foi aprovada na Comissão Mista composta por deputados e senadores e com poucas mudanças tornou-se o Projeto de Lei de Conversão (PLV) 34/2016. Depois da aprovação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, com algumas alterações, se tornou a Lei 13.415/17.

Dentre as críticas acerca da Reforma do Ensino Médio destacam-se lógica pragmática e mercantil da proposta (SILVA; SCHEIBE, 2017; GONÇALVES, 2017), a flexibilização como estratégia de exercício da autonomia (KRAWCZYK; FERRETTI, 2017), a regressão de direitos sociais historicamente conquistados (MOURA; FILHO, 2017), dentre outras.

As propostas do governo Temer vêm alinhadas ao discurso de organismos internacionais, como Banco Mundial. No relatório *Um ajuste justo: Análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil* (2017), o Banco Mundial apresenta uma análise dos gastos do governo, identificando alternativas para reduzir o déficit fiscal a um nível sustentável e, ao mesmo tempo, consolidar os ganhos sociais alcançados nas décadas anteriores (BANCO MUNDIAL, 2017a). O BM alega o “Governo Brasileiro gasta mais do que pode e, além disso, gasta mal” (p. 07), colocando em risco a sustentabilidade fiscal. Dentre as constatações, o Relatório destaca como fonte mais importante de economia fiscal de longo prazo a reforma previdenciária, a redução salarial do funcionalismo público e dos prêmios salariais excepcionalmente altos dos servidores públicos. No que se refere, especificamente, a educação, o BM propõe como medidas a eliminação da ineficiência no ensino fundamental em nível municipal e estadual, e a eliminação da ineficiência no ensino médio em nível estadual (BANCO MUNDIAL, 2017a).

Ao discutir o item *Gastar Mais ou Melhor? Eficiência e Equidade da Educação Pública*, o Banco Mundial apresenta a eficiência dos gastos com a educação. No que se refere, especificamente, a educação básica, o relatório destaca que os resultados de educação melhoraram no Brasil, mas permanecem baixos ao se considerar o aumento dos gastos. Segundo o documento, o desempenho brasileiro medido pela prova de Matemática



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



do PISA em 2012 foi somente 83% do esperado para países com o mesmo nível de gasto por aluno, concluindo, assim, a “ineficiência” do gasto em educação básica no Brasil que resulta em “menor produtividade geral”.

Nesse sentido, a medida do governo Temer, através da Emenda Constitucional 241/2016, com foco na redução de gastos, parece esta em consonância com o relatado e “recomendado” pelo Banco Mundial no *Ajuste justo*, pois “[...] o Brasil gasta muito com políticas públicas com resultados piores do que a maioria dos países relevantes” (FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES, 2015).

A prova disso foi quando no mesmo mês de lançamento do “*Ajuste justo*” pelo Banco Mundial, o organismo divulga no site que o “Programa para Resultados no Brasil vai apoiar a implementação da Reforma do Ensino Médio, beneficiando cerca de 2,4 milhões de estudantes”. Segundo a matéria,

O Projeto de US\$ 250 milhões apoiará a implementação da Reforma do Ensino Médio, através de uma combinação de dois instrumentos de financiamento: um PforR de US\$221 milhões, com desembolsos de acordo com resultados educacionais com foco na equidade regional e socioeconômica, e uma assistência técnica no valor de US\$29 milhões. O programa apoiará as 27 secretarias estaduais de educação (SEE) na implementação do Novo Ensino Médio. (BANCO MUNDIAL, 2017b, p.01)

Além da democracia, a educação pública também está em risco. Por isso, faz-se necessário um posicionamento de inquietação sobre as estratégias de grupos dominantes, que vem se constituindo hegemônicos e estabelecendo políticas globais de cunho neoliberal, através do exame de *como* e *por que* de tais estratégias voltadas à área da educação. O caminho traçado e que vem sendo executado pelo grupo que assumiu o governo após o golpe de 2016 tende a aprofundar políticas educacionais que, como já comprovado em estudos como o de Ravitch (2011), resultarão na captura do financiamento público por grandes corporações, impactando nas condições de trabalho dos docentes e nos sistemas de avaliação e responsabilização pelos resultados em testes padronizados (*accountability*).

O problema denunciado por Freire (2016), a “educação bancária”, continua sendo



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



realidade da educação brasileira, a racionalidade técnica e financeira sobrepõe-se sobre o humano, privilegiando o lucro das minorias dominantes.

Conclusão

Torna-se indispensável um “encontro” com Paulo Freire para melhor compreender o cenário atual do nosso país. É preciso entender que mais do que nunca “[...] os recuos estão se fazendo por causa dos seus avanços” (FREIRE, 1967, p. 82). Esse registro em “Pedagogia como prática da liberdade” refere-se ao Golpe de 1964, mas qual o significado disso com o Golpe de 2016? A “inexperiência democrática”, resultada da herança cultural, continua proibindo o crescimento, a fala, o pensamento e a transformação social?

Mas que nunca se faz necessário provocar “rachaduras” nessa sociedade com uma nova pedagogia que oriente uma nova fase de transição da sociedade brasileira, superando uma educação “esvaziada da realidade”, uma concepção problematizadora e libertadora da educação, tendo como base o diálogo, pois “se ainda não éramos uma sociedade aberta, já não éramos, contudo, uma sociedade totalmente fechada. Parecia-nos sermos uma sociedade abrindo-se, [...] correndo o risco, pelos possíveis recuos no trânsito [...]” (FREIRE, 1967, p. 48).

Assim, se uma prática progressista jamais deixará de ser uma “aventura desveladora”, crítica, que opta pelo amor, compromisso ético-humanístico, luta contra a opressão, em favor da vida, da liberdade e da esperança, sem dúvidas, “alguém” vai querer “basta de Paulo Freire!”. “Alguém” que, por sua vez, nega o diálogo, a crítica, a educação problematizadora, os direitos humanos, a justiça social, a diversidade, a “liberdade”, os saberes populares, as experiências, o povo, nega, sobretudo, a democracia.

Referências

AMARAL, Nelson Cardoso. Com a PEC 241/55 (EC 95) haverá prioridade para cumprir as metas do PNE (2014-2024)? **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n71/1809-449X-rbedu->



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



[s1413-24782017227145.pdf](#)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BANCO MUNDIAL. **Um ajuste justo:** Análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil. Grupo Banco Mundial. Volume I. Novembro, 2017a. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/pt/884871511196609355/Volume-I-síntese>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

_____. Programa para Resultados no Brasil vai apoiar a implementação da Reforma do Ensino Médio, beneficiando cerca de 2,4 milhões de estudantes. **Comunicado à Imprensa** Nº 2018/090/LAC, Washington, nov. 2017b. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2017/12/14/brazil-program-for-results-supports-upper-secondary-education-reform>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

BOITO Jr., A. A hegemonia liberal do governo Lula. **Crítica marxista**, Rio de Janeiro, n. 17, 2003.

FAGNANI, Eduardo. **O fim do breve ciclo de cidadania social no Brasil (1988-2015)**. Texto para discussão. Unicamp. Instituto de Economia, Campinas, nº 308, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/569258-o-fim-do-breve-ciclo-da-cidadania-social-no-brasil-1988-2015>>. Acesso em: 18 set. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 62ª ed., 2016.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FRIGOTTO, G. O Brasil e a política econômico-social: entre o medo e a esperança. **Observatório Social da América Latina**, Buenos Aires, v. 14, p. 95-104, 2005.

FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES. **Uma Ponte para o Futuro**. Brasília, 29 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.ponteparaofuturo.org.br/docs/RELEASE-TEMER_A4-28.10.15-Online-2.pdf> . Acesso em: 31 jul. 2018.

_____. **A travessia Social**. Uma ponte para o futuro. 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/complemento/pdf/TRAVESSIA%20SOCIAL%20%20PMDB_LIVRETO_PNTE_PARA_O_FUTURO.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação:** Para além das teorias da reprodução. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira. Interesses mercadológicos e o “novo” ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 131-145, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2017.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



KRAWCZYK; Nora; FERRETTI, Celso João. Flexibilizar para quê? meias verdades da “reforma”. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 33-44, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2017.

MOLL, Jaqueline. Reformar para retardar: a lógica da mudança no EM. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 61-74, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2017.

MOURA, Dante Henrique; FILHO, Domingos Leite Lima. A reforma do Ensino Médio: regressão de direitos sociais. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 109-129, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2017.

PSDB. **Programa de governo de Aécio fortalece Educação e se compromete em superar a pobreza**. 2014. Disponível em: <<http://www.psd.org.br/acompanhe/programa-de-governo-de-aecio-fortalece-educacao-e-se-compromete-em-superar-pobreza/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

SILVA, Monica Ribeiro; SCHEIBE, Leda. Reforma do ensino médio: Pragmatismo e lógica mercantil. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 19-31, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2017.

SINGER, André. Cutucando onças com varas curtas - O ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). **Novos Estudos**, São Paulo, n. 102, p. 43-71, julho 2015. Disponível em: <<https://economypoliticaelacoesinternacionais.files.wordpress.com/2015/12/o-ensaio-desenvolvimentista-do-primeiro-mandato-de-dilma-rousseff-andrc3a9-singer.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2018.



X Colóquio Internacional Paulo Freire
Opressão e Libertação na
Atualidade



**ERA TEMER E A EDUCAÇÃO: O QUE NOS DIRIA FREIRE
ACERCA DAS ATUAIS REFORMAS DA EDUCAÇÃO**

Maria Angélica de Sousa Costa Prudêncio¹

Lívia Raquel da Silva Oliveira²

Célia Maria Machado de Brito³

RESUMO

Este trabalho é fruto dos achados do grupo de estudos Pedagogia de Paulo Freire do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará. Tem como objetivo resgatar e relacionar o pensamento de Freire no campo da educação à problemática das reformas educacionais no contexto político do governo Temer.

Palavras-Chave: Reformas educacionais; Desvalorização da educação; Pedagogia libertadora.

INTRODUÇÃO

Mudanças na legislação brasileira ocorrida durante o governo do Presidente Michel Temer têm gerado forte discussão e opiniões acerca das consequências dessas



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



alterações, tais como perda de recursos nas áreas de saúde e educação, além de mudanças estruturais no ensino básico.

A Emenda Constitucional 55 infere que gastos vinculados ao crescimento de arrecadação federal dos setores primários e dos três poderes devem ser limitados, estabelecendo assim um teto que determina que não poderá ser destinado a estes setores um valor acima da inflação acumulada no ano anterior, por vinte anos. Desta forma, os recursos destinados a estas áreas ficam dependentes da variante inflacionária, no entanto, mesmo que a economia cresça os recursos estarão limitados. Para Henrique Meireles, principal autor da medida, as despesas públicas demandam gasto desproporcional aos rendimentos do Brasil, justificando com isso, que estes setores representam os principais motivos de desajustes fiscais no país.

Por outro lado, sabe-se que, historicamente, a educação esteve subordinada à política e economia, sendo considerada um gasto e não um investimento, e, por este motivo a necessidade constante de limitação de gastos, conforme afirmação exarada por Henrique Meireles, à época, Ministro da Fazenda.

A lei nº 13.415 foi publicada no Diário Oficial em fevereiro de 2017, implantando alterações nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta reforma instituiu que apenas as disciplinas de matemática, língua Portuguesa e inglês permanecem em caráter obrigatório nos três anos do Ensino Médio, dessa forma, o currículo passou a ser dividido em duas partes: uma parte comum a todos os alunos e outra parte dividida nos chamados itinerários formativos, de acordo com o Artigo 36 da referida lei. Estes itinerários seguem as áreas de conhecimentos: 1) linguagens e suas tecnologias; 2) matemática e suas tecnologias; 3) ciências da natureza e suas tecnologias; 4) ciências humanas e sociais aplicadas; 5) formação técnica e profissional. As demais disciplinas entram no currículo de forma diluída nas áreas de conhecimento e os educandos poderão escolher aquela que mais se adequa a seu perfil de interesse. Para direcionar os conteúdos nos itinerários formativos dentro desta reforma foi criado um documento que define o que os alunos deverão aprender em todo o ensino básico por



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



meio de uma Base Nacional Comum Curricular. Este documento é o norteador das ações pedagógicas de forma nacional.

Outro ponto a ser elucidado acerca desta reforma está na contratação de profissionais de outras áreas com conhecimento técnico para lecionar no itinerário de formação técnica e profissional, sem a necessidade da formação docente. Dessa forma, não será exigido para esta área conhecimentos didáticos já que o ensino será voltado para práticas técnicas.

Freire, com sua pedagogia libertadora, defendia que por meio da educação os indivíduos seriam capazes de recuperar a humanização perdida pela opressão dos mais fortes sob os mais fracos. Em outras palavras, a educação é a base para a transformação da própria realidade. Para ele, ser docente é assumir o compromisso ético de educar para libertação e o ensino técnico é de interesse do mercado que quer continuar mantendo-se no *status quo*. (FREIRE, 2002)

No bojo dessas alterações tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei “Programa Escola sem Partido”- inicialmente como PL 867/2015 e atualmente como PL 7180/14, que pretende modificar o texto da Lei n. 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases, incluindo nos princípios dos artigos 2º e 3º novo texto que traz como uma das imposições a criminalização de professores que se manifestem criticamente em sala de aula, isto é, a relação dialética entre educador e educando acerca das dificuldades enfrentadas fora e dentro da escola, que fazem parte do contexto social vivenciado pelos educandos como religião, orientação sexual, política, entre outras, não poderão mais ser discutidas. A defesa para promulgação desta lei se dá pelo que os autores advogam que os assuntos abordados acima devem ser discutidos em família e não pelo professor, cabendo a este apenas a disseminação de conteúdos pré-estabelecidos no currículo.

E, nessa linha, para Freire (1987) não há neutralidade na educação e todo ato pedagógico é também um ato político. Os currículos, a metodologia, as práticas didáticas são ancoradas em bases ideológicas. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2002), Freire



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



considera que: "em nome do respeito que devo aos alunos não tenho porque me omitir, por que ocultar a minha posição política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo." (p.28).

Este estudo tem como foco analisar duas espécies normativas aprovadas durante o governo Michel Temer, Emenda Constitucional nº95/ 2016 e Lei nº 13.415/2017, e uma proposição legislativa que está em tramitação no Congresso Nacional – PL nº 7180/14, associando-as ao pensamento de Paulo Freire. A pergunta que se pretende responder é: - O que Freire nos diria acerca destas reformas no cenário da educação?

II. METODOLOGIA

Como recurso metodológico para este estudo buscou-se como aporte teórico a leitura das obras de Freire: Pedagogia do oprimido (1987), no sentido de retratar, de forma breve, Freire e sua proposta de educação libertadora; Professora sim, tia não (1997), para análise das práticas docentes e Pedagogia da Autonomia (2002), a fim de traçar o perfil do profissional docente à luz do pensamento freireano; a leitura da Lei de diretrizes e bases (LDB 9394/96), com intuito de fazer um levantamento das leis analisadas e o livro de Helene (2013), Um diagnóstico da educação brasileira, a fim de reforçar por meio de dados quantitativos o cenário atual da educação.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



As técnicas metodológicas que foram utilizadas para análise de conteúdos seguem as três fases indicadas por Godoy(1995): “[...] pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.” Posteriormente, selecionou-se partes das obras que dialogam acerca das questões levantadas, interpretando-as e relacionando-as. Em seguida, partiu-se para a elaboração concreta do trabalho, no qual elencou-se de forma contextualizada a reflexão dos achados de modo que foi possível traçar um retrato que possibilitou uma argumentação profunda acerca da problemática apresentada, isto é, as consequências das reformas durante o governo Temer para a educação brasileira. Portanto, a escolha para o método qualitativo com a técnica de coleta de dados e análise documental se deu pela relação da teoria apresentada nas obras pesquisadas ao momento vivenciado no atual contexto político, a fim de promover reflexão, interpretação e construção de conhecimentos novos (Amatuzzi, (1996); Bruns & Holanda (2003); González Rey(2002); Holanda(2002; 2003a; 2006).

III. RESULTADOS

A) Emenda Constitucional nº 95/2016

Com o expressivo crescimento de dívidas e inflação, a possibilidade de recuperação e de desenvolvimento da economia tem na Emenda Constitucional nº 95/2016 o congelamento dos gastos com saúde, educação e assistência social por 20 anos. Com efeito, tal emenda vai de encontro aos direitos sociais conquistados na Constituição Federal de 1988, que determina como prioridade a preservação de gastos primários imprescindíveis em qualquer governo, como constam nos artigos 5º, 194 e 195 (que tratam da Seguridade Social).

Congelar a destinação de recursos aos setores primários, educação e saúde, e, mesmo que a economia cresça o percentual permanece limitado só reforça os problemas



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



já existentes, além de se contrapor a outras políticas públicas, como o Plano Nacional da Educação (PNE), que tinha como uma das metas atingir os percentuais de 7% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação até 2019 e 10% até 2024, atualmente o percentual investido é 5%. Esta meta já não será cumprida por conta da EC 95.

Para Freire “O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, é seu objetivo principal. Por isso que para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive do ter menos ou do nada ter dos oprimidos.” (FREIRE, 1987, p. 24). Assim, na lógica da classe opressora, é preciso manter as condições atuais.

A justificativa da EC 95 ao limitar os gastos se dá na contenção de gastos a estes setores para o pagamento da dívida pública, de acordo com a proposta de Henrique Meirelles ao submeter à aprovação da então Proposta de Emenda Constitucional 241. Para ele, os gastos públicos sociais são os responsáveis pela desestabilização da economia do país, sendo, portanto, fundamental um novo regime fiscal para conter a destinação de recursos a estes setores e, mesmo que a economia passe por um período de expansão os gastos nessa área devem ser limitados. Não há como promover avanços sem investimentos, os recursos que atualmente se destinam a este setor não atendem as demandas básicas que possam garantir melhor qualidade nos serviços prestados.

De acordo com pesquisa realizada pela OCDE, que traça um perfil dos países avaliados pelo PISA- Programa Internacional de Avaliação de Alunos- no contexto educacional o Brasil é um dos países que menos investe em educação básica.

Para Freire, a educação deve receber um investimento importante porque ela é capaz de transformar oprimidos em cidadãos conhecedores da palavra e que farão uso dela numa prática de conscientização e para que esta *práxis* aconteça é preciso que se invista em infraestrutura e, principalmente, no professor, uma vez que este é o responsável por fornecer aos educandos instrumentos de conhecimento que o conduzirão a sua libertação.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Freire (1997, p.34) chama atenção à má aplicação do dinheiro público, para ele, o Brasil é o país do desperdício em vários aspectos, como por exemplo a questão da reciclagem do lixo, gastos em obras desnecessárias e muitas vezes não concluídas. Se houvesse economia em outros setores que desperdiçam ou fazem mau uso de verbas públicas poderia ter mais recursos a serem investidos no campo da educação, é questão apenas de opção política, já que há dinheiro para alguns setores, como reflete abaixo:

Quando falta dinheiro para um setor, mas não falta para outro, a razão está na política dos gastos. falta dinheiro, por exemplo, para tornar a vida da favela menos insuportável, mas não falta para ligar um bairro rico a outro através de majestoso túnel. Isso não é problema tecnológico: é opção política. E isso nos acompanha ao longo da história. (FREIRE, 1997, p.35)

A Emenda Constitucional nº 95/2016 declara em outras palavras esta opção política em privilegiar setores em detrimento de outros, neste caso, educação e saúde. Para o autor da medida, Henrique Meirelles, é preciso optar por conter os investimentos nos setores públicos primários a fim de reequilibrar a economia do país, conforme afirmou quando enviou a proposta de Emenda Constitucional ao presidente Michel Temer em 2016.

B) Reforma do Ensino Médio (Lei n. 13.415/2017)

A princípio, a reforma se apresenta de forma positiva uma vez que oferece aos educandos a escolha da carreira já no ensino médio, no entanto, há muitas contradições na efetivação destas mudanças.

Primeiramente, é preciso atentar-se à questão da oferta dos itinerários formativos, uma vez que no atual cenário da educação brasileira é possível observar as dificuldades estruturais nas escolas públicas como a falta de recursos para construção e manutenção de salas, laboratórios e compra de equipamentos para práticas didáticas. Desta forma, os itinerários ofertados estarão vinculados às condições das escolas em ofertá-los e não à escolha do aluno como é afirmado.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



As disciplinas obrigatórias em todos os anos do ensino médio são matemática, língua portuguesa e inglês, e fazem parte do currículo comum a todos os estudantes, enquanto as demais disciplinas serão aplicadas nos eixos formativos de forma transversal, isto é, temas que foram abordados historicamente em forma específica nas disciplinas de história, filosofia, geografia, sociologia e as demais, serão ofertados em forma de projetos interdisciplinares, por exemplo, se um estudante pretende seguir o eixo “Ciências da Natureza e suas Tecnologias” deixará de ter acesso a conteúdos importantes da área de “Ciências Humanas” que seriam abordados nas disciplinas citadas acima, logo, as disciplinas que tratam de questões importantes para propor reflexões acerca de problemas sociais, que despertam a criticidade e a formação humana e política dos indivíduos não serão trabalhadas em todas as áreas neste novo modelo de ensino.

Para Freire (1987) a educação que acontece nos espaços da escola deve promover o pensamento crítico, deve acontecer de forma dialética entre professores e alunos. É preciso trazer o contexto de vida do aluno para sala de aula a fim de levantar questões problematizadoras e delas a construção dos conteúdos. Com a Reforma do Ensino Médio, estas questões que refletem a problemática social não serão levantadas em alguns eixos formativos, reforçando assim a alienação e a criticidade dos educandos.

Um outro aspecto a ser analisado nesta reforma é quanto a questão da possibilidade pelas instituições de contratação de profissionais de outras áreas com o chamado notório saber para o itinerário de formação técnica e profissionalizante conforme o texto oficial “profissionais com notório saber reconhecidos pelos respectivos sistemas de ensino poderão ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional”. Pode-se compreender neste sentido que o profissional da educação continua sendo desvalorizado, já que para ensinar neste itinerário não haverá critério de formação superior nas licenciaturas e magistério, isto é, qualquer indivíduo que comprove conhecimentos técnicos, independente de ter ou não conhecimentos didáticos e pedagógicos, poderá exercer o papel de professor.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



O conhecimento de conteúdos não implica em saberes didáticos que somente por meio da formação se tem acesso. É preciso para o exercício da docência a compreensão de processos de ensino-aprendizagem e outros saberes que os cursos de licenciatura desenvolvem para prática profissional docente. Para Freire (2002), a prática docente não pode ser restrita aos conteúdos, deve estar aliada com a ética, com o estudo, com o preparo científico, entre outras coisas.

Ademais, vale ressaltar que os cursos superiores de licenciatura são trabalhados numa ótica disciplinar, assim, os professores de uma disciplina específica provavelmente não estarão preparados para ministrar uma aula de uma área de conhecimento que abrange outras que não fizeram parte da sua formação acadêmica. Conclui-se que esta reforma do Ensino Médio pressupõe uma reforma universitária para formação de licenciandos de áreas e não somente de disciplinas específicas.

Outro ponto a perceber é que enquanto as escolas públicas, já vivenciam uma série de carências estruturais e financeiras terão que se adaptar a reforma, por outro lado, para as escolas particulares pode-se abrir mais um campo de mercado, no qual poderão ofertar vários itinerários formativos aumentando assim o lucro dos empresários donos destas instituições.

A Reforma do Ensino Médio foi elaborada de forma que a educação continue servindo a classe dominante, já que as melhorias propostas não serão acessíveis a todos os educandos, além disso, a base curricular comum é ideológica e para Freire (1987) “A educação como prática da dominação [...] mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico, (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam) é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão.” (p.38).

Além disso, com os limites de investimentos para educação com a Emenda Constitucional nº 95/2016, as escolas precisarão dar conta com os recursos que já recebem, sem valor adicional, das mudanças estruturais para o cumprimento das normas impostas nesta reforma.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



C) Programa Escola sem Partido

O Projeto de Lei n. 867/2015, que propõe mudanças na LDB/1996 nos artigos 2º e 3º passa a criminalizar os professores que se manifestarem politicamente em sala de aula.

Freire defende a educação libertadora com um diálogo problematizador numa relação horizontal entre educador e educando e, se aprovada a PL 867/215, a prática educativa para libertação não acontecerá, vez que os docentes não poderão exercer livremente o papel de se posicionar quanto às questões sociais e políticas.

Freire ressalta a importância do contexto social e cultural trazido pelo aluno à sala de aula, dessa forma a aprendizagem será significativa. O educador deve considerar os conhecimentos de realidade apresentada pelos educandos, para a partir daí relacioná-los aos conteúdos, para ele, esta *práxi* é o ponto de partida para a educação libertadora. Refletindo sobre o papel do professor o autor impõe: “Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (FREIRE, 1987, p. 49). Por meio do diálogo é possível o posicionamento crítico dos alunos e professor, ambos têm o direito à reflexão, pois abre-se espaço para que o aluno também possa expressar sua percepção da realidade.

Com a aprovação do PL 867/2015 o reforço das desigualdades e exclusão só será reafirmado, tornando mais difícil o processo da libertação das classes menos favorecidas, já que o professor será limitado somente aos conteúdos dos currículos, ignorando os problemas da sociedade, desconstruindo assim o papel de mediador do pensamento crítico, das reflexões políticas que apontam os caminhos para superação das condições de opressão.

IV. CONCLUSÃO



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Os dois últimos anos foram marcados por importantes modificações na legislação brasileira, que interferem diretamente nas políticas educacionais, este estudo focou duas reformas em vigor e uma em tramitação.

As alterações acarretarão um severo retrocesso às políticas educacionais, especialmente nas dimensões da emancipação, libertação, consideradas por Freire como importantes para a transformação do próprio indivíduo e como consequência, da própria sociedade.

A educação libertadora, para Freire, é o caminho de fazer uma nova pedagogia, despertando nos indivíduos a consciência da realidade que o cerca. No atual contexto político-social se faz necessário a luta, a organização da sociedade a fim de desconstruir os retrocessos implantados recentemente, é preciso restaurar a democracia.

“

Estudos mais aprofundados devem ser realizados para acompanhar o impacto dessas medidas no processo educacional, de modo a verificar empiricamente, quais os resultados que serão produzidos.

Por fim, conclui-se que a educação, como importante ferramenta para a transformação social, não pode ser objeto de negociação econômica ou partidária, e que por isso, todos os esforços devem ser efetuados para defendê-la.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade





X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



V. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Professora sim, tia não: cartas de quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

BRASIL. **Proposta de Emenda à Constituição/ EMI nº 00083/2016 MF MPDG**. Disponível em: https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=952AF35D7A8C09B41BA0C654402203E4.proposicoesWebExterno1?codteor=1468431&filena me=PEC+241/2016> Acesso em 10.jul.2018

BRASIL. **Pec dos gastos públicos**. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>> Acesso em 10.jul.2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 18.jul.2018.

BRASIL. Educação 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2017/05/reformas-e-investimentos-marcam-politicas-para-educacao-basica-e-superior>> Acesso em: 18.jul.2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **PISA**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571>> Acesso em 18.mar.2018.

OECD. **Resumo de resultados nacionais do PISA**. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/PISA-Brazil-PRT.pdf>> Acesso em 21.mar.2018.

BRASIL. **Sancionada lei da reforma do ensino médio**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/16/sancionada-lei-da-reforma-no-ensino-medio>> Acesso em 19.jul.2018.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



BRASÍLIA. **Projeto de lei nº 867 , de 2015**, que Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido" na Lei de diretrizes e bases de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>>
. Acesso em: 20.jul. 2018.

COSTA, M. C. C. **A leitura de imagens**. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global Editora, 2009. p. 81-98. Disponível em: < <http://www.escritaacademica.com/topicos/uso-de-fontes/citacao-com-intermedio-apud/>>. Acesso em 19.jul.2018.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em 14.jul.2018.

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>>. Acesso em 14.jul.2018.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



ÉTICA NA OBRA DE PAULO FREIRE: RECORTES DE UM HORIZONTE COERENTE

Maria Sandra Montenegro Silva Leão¹

Ana Maria Tavares Duarte²

RESUMO:

Trazemos reflexões sobre o sentido de ética na perspectiva de Freire. Sua obra é endereçada aos que se encontram em condição de quase não-existência. É um trabalho teórico, de abordagem sociopoética, gerada a partir da pedagogia do oprimido, da mítico-poética e da esquizoanálise. As leituras realizadas em algumas obras de Freire, possibilitaram entender que a ética é possível quando há um compromisso existencial entre homens e mulheres, seja na sala de aula ou nos demais espaços de convivência.

Palavras-chave: Ética. O Outro. Relações Dialógicas.

INTRODUÇÃO:

Diversas categorias relevantes põem em movimento todo o trabalho do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire: Diálogo, Esperança, Autonomia, Cultura, Ética, Docência, dentre tantos outros, por isto nos arriscamos em afirmar que estamos trazendo alguns recortes de sentidos de ética no trabalho de Freire. Todas as categorias elaboradas por este autor requerem profundidade de tempo e espaço de escrita para que se possa compor um texto mais intenso de reflexões. É quase como ir as margens de um rio, contemplá-lo, molhar os pés, mas sem condições de mergulhar, mas isto não é impeditivo para se dizer o que é possível dizer das margens deste rio, portanto, trazemos alguns

¹) Professora adjunta da UFPE – Centro de Educação. E-mail: Sandra.montenegro@yahoo.com.br

²) Professora adjunta da UFPE. E-mail: familliaduarte@uol.com.br



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



aspectos de ética que Paulo Freire traz em sua extensa produção e permite-nos vislumbrar este horizonte.

Ao mesmo tempo, ética é um tema contemporâneo, uma vez que, no Brasil, em particular, vemos a necessidade de reafirmar nosso compromisso social e político em favor dos oprimidos, daqueles e daquelas que se encontram ameaçados em sua existência corporal, mental e espiritual. Esta perspectiva foi defendida por Freire em diversos trabalhos desenvolvidos na África, na América Latina e na América do Norte, pois são continentes ainda com altos índices de injustiças, de exclusão social, necessitando desenvolver uma cultura de paz, assim como outras formas de valorização da vida, principalmente por meio da educação que pode propiciar o desejo de ser mais e em favor do outro.

Algumas pesquisas se debruçaram sobre o trabalho de Freire em defesa do encontro ético mediatizado pelo mundo, por exemplo, Itelvino (2009) realizou uma pesquisa em torno da importância da ética para a formação do estudante de Administração de Empresas. Borges e Alcântara (2017) se amparando nos pressupostos históricos, filosóficos, éticos e pedagógicos elaborados por Freire, na defesa por uma educação libertadora, voltada para os direitos humanos, principalmente em uma sociedade global, neoliberal, predominantemente excludente. Nesta direção, Santos (2014), examinou em sua tese doutoral, a relevância do trabalho deste educador para o trato da dignidade humana e dos direitos humanos, focalizando a responsabilidade social na área da saúde. Andreola (2012), em seu artigo 'Radicalidade ética na pedagogia do oprimido', sugere que a ética é a alma da pedagogia freireana.

A defesa de Freire pelos que estão em situação de pobreza e de exclusão não é um sentimento vago, mas pautado na radicalidade de uma exigência ética proclamada da seguinte maneira:

Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (FREIRE, 2006. P.67)



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Estes são poucos exemplos que trazemos para demonstrar a atualidade do pensamento de Freire em diferentes áreas, mas sempre envolvendo a relevância do outro, principalmente este outro que quase não pode existir devido a ausência de comprometimento ético de governos e de parte da sociedade excludente.

Abordaremos a seguir, o movimento da ética na vida defendida por Paulo Freire. Esclarecemos que nossa abordagem de leitura foi sociopoética, no sentido de não ficarmos presas a conceitos, mas ressignificá-los a partir de nossas experiências e de visão de mundo.

ÉTICA COMO CONCRETIZAÇÃO DE JUSTIÇA NO MOVIMENTO DA INTENCIONALIDADE

Percebemos o mundo, o planeta como um lugar cada vez mais caracterizado por confrontos de diversas ordens: por territórios políticos, por governabilidade à moda neoliberal, por dominação de corpos; assistimos o impedimento de se transitar entre países, em consequência, de aceitação daqueles que buscam sobreviver em outros lugares fugindo da guerra e da fome, mas, infelizmente, os muros se erguem, as fronteiras se fecham. O outro, o que foge das guerras não tem encontrado lugar para repousar. É uma crise ética que se fortalece ao imprensar os seres humanos nos limites do geográfico, do tempo e da impossibilidade de sobreviver.

Tempos em que o Estado tem se eximido de suas responsabilidades sociais, principalmente nos países com instabilidade social e as políticas públicas não têm garantia de durabilidade, deixando grande parte da população em situação agonizante, quase sem forças e sem recursos para enfrentar a tarefa de sair da periferia da existência e tomar o seu lugar no mundo.

As condições de vida não avançam para o equilíbrio nos níveis econômicos, que torne possível atender as condições básicas para uma vida decente. Predominam o medo e a



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



insegurança; a educação pública passa a ser alvo de políticas que não geram inclusão, não reafirmam a capacidade de reflexão e intervenção no mundo, assim como, fragilizam os laços inter-humanos quando não ressaltam o diálogo como condição para a construção da vida coletiva.

É a partir do cenário descrito acima que trazemos algumas reflexões sobre a atualidade do pensamento de Freire em torno da dialética ética-diálogo, não como metáfora, mas como uma forma concreta para a construção da emancipação do indivíduo. Se se entende que tudo está em construção, então a educação tem um papel crucial na construção da arte de viver e de aprendermos a gerar possibilidades diversas para os caminhos que queremos percorrer.

A ética no sentido atribuído por Paulo Freire está ancorada no diálogo, uma vez que o mundo não é apenas um espaço de contemplação, mas de humanização recíproca através dos processos educativos onde a intencionalidade para com o outro está presente enquanto princípio e como fim. É o diálogo que reconstrói o mundo amparado na ética, sem desconsiderar as diferentes histórias, sociedades e culturas.

Para Freire, nada se faz sem intencionalidade, porém, esta não é um construto individual, mas intersubjetivo, de modo que os valores agregam significado social, valores que constroem sentidos coletivos, principalmente para nossa sociedade, cuja grande parte da população, vivendo em periferias, necessita do alimento de qualidade, da água, da terra, da casa para morar. Isto não quer dizer que os valores espirituais não sejam importantes, entretanto, não se pode dizer que há liberdade para todos quando não existe trabalho com salário digno e condições humanas para existir. Isto é elementar para a vida, e, ao mesmo tempo, Freire (1983, p.108) ressalta que o sentido da vida também se gera e se nutre “do amor, da humildade, da fé e da confiança”.

A relação social independe de todos nós. Ela existe, queiramos ou não, e movimenta-se dentro de uma rede complexa, com diversos conflitos e instituições que podem gerar tensão. A relação social é um dado empírico, porém a ética é um compromisso intencional que um coletivo pode desenvolver, objetivando a promoção da vida com qualidade.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



A ética pensada por Freire não se distancia do diálogo, porém

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade {...} O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (1977, p.43)

A ética pressupõe interatividade, acolhimento, abertura, co-responsabilidade entre sujeitos. A solidariedade é gerada não para manipular o outro, criando uma arena de disputas com jogos de interesses que não beneficiam a coletividade. Esta questão se encontra presente em um dos trechos de Cartas à Guiné-Bissau, onde Freire passou por uma experiência concreta de solidariedade:

Realizada a reforma agrária, os camponeses de defrontam com uma nova necessidade, que emerge agora de maneira clara, destacada, no dinamismo da própria transformação, a necessidade do trabalho baseado na ajuda mútua, somente como poderiam, juntando suas forças, superar as limitações individuais na atividade produtiva. Indo mais além dos interesses individuais (FREIRE, 1978, p.147)

Ética é também superar os seus próprios interesses, comprometendo-se com o bem comum, com a vida que traz condições benéficas para todos. As relações de solidariedade precisam estar presentes nas ações de todos ou não se garantirá a justiça social e reforçará a desigualdade, a exclusão, a morte em vida de muitos e a vida plena para poucos. Há distintos modos de existir, mas não se pode aceitar que uns tenham uma estrutura existencial de desamparo, de desqualificação, de coisificação de quem é.

Outro aspecto ético que Freire aborda primorosamente é o caráter político da educação, a capacidade que esta tem para reinventar o poder através do potencial crítico que podemos desenvolver e do compromisso com a transformação social geradora de novas formas de convivência, onde se pratique a justiça como promoção do bem estar de todos.

A ética vivida não se refere apenas a justiça distributiva de bens materiais, mas inclui os bens simbólicos, como a aceitação da diversidade, a convivência com as diferentes formas



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



de entender o mundo, resguardando respeito ao modo como o outro significa a sua vida concreta. Neste sentido, Freire se reporta ao outro como sendo gente, com vida corporal, de carne, osso, sangue e história. É uma pessoa como qualquer outra que precisa estabelecer diálogo, ser acolhido em sua totalidade.

A educação precisa ser humanizadora de modo integral, com compromisso e não na palavra estéril:

A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um 'compromisso' contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão comprometidos consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses do grupo aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível (FREIRE, 1983, p.19)

O diálogo e a ética freireanos não nega o conflito, uma vez que para existir o cuidado de si mesmo e o cuidado com o outro, se faz necessário a presença da justiça entre os sujeitos, reconhecendo suas singularidades, pluralidades e diversidades. Freire (1981, p. 42) afirma que “o processo de orientação dos seres humanos no mundo não pode ser compreendido puramente subjetivista ou pelo ângulo mecanicista {...} Esta orientação só pode ser compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade”. Portanto, esta questão entra no âmbito da ética. Neste sentido, Freire não aceita a homogeneização cultural ou universalidade dos valores humanos, pois nega a diferença e a identidade própria do ser humano.

Na ética vislumbrada por Paulo Freire a intencionalidade não é algo do teórico, mas da prática cotidiana para com os seres humanos que buscam sair da existência mínima. Por isto o diálogo na educação é um valor, é uma postura ética que não deve ser geradora da cultura da violência, da exclusão e da discriminação. Pretender homogeneizar a partir do nosso contexto histórico de vida e de cultura é negar o que o outro é, o que o outro traz de si. Educação sem diálogo e ética aniquila o outro, e isto é violência.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



CONCLUSÃO

Caminhamos um pouco nas margens de alguns escritos de Paulo Freire, e é possível perceber a coerência de suas ideias nos caminhos que fomos capazes de percorrer. Destacamos que o trabalho de Freire não se resume a uma construção teórica apenas, mas é um trabalho ligado ao movimento da ação constante. Não existe ética sem diálogo, portanto, o diálogo verdadeiro se realiza no acolhimento, na interação, sem exigência de unificação, na busca em aprofundar o movimento de criticidade que deve existir em todos nós. A educação cria condições para a superação de muitos dos nossos limites e de como enxergamos a vida, tornando potencialmente possível entendermos as engrenagens do mundo como elas são, e não como um destino dado, atribuído para cada um, querendo ou não o seu destino.

Freire valoriza a reflexão e a ação simultaneamente para que possamos ser sujeitos ativos na construção da vida. É a potência de existência que existe em nós que a educação pode colaborar para que possamos nos inquietar e questionar a realidade que alguns querem que a aceitemos sem participação ou conflitos.

As ideias de Paulo Freire estão atuais, pois ainda vivemos em uma sociedade de grandes desigualdades sociais, injustiças e ausência de diálogo. Sua preocupação com a vida, principalmente dos excluídos da terra, do trabalho, das vítimas da exploração o torna atual porque é um filósofo que coloca a educação escolar como um lugar de problematização, e portanto, de diálogo em busca da superação pelo processo de conscientização.

Neste sentido, a educação dialógica cria no outro o entendimento que ele pode fazer a diferença no mundo, que cada um tem importância para o outro e para si mesmo, pois traz a esperança de que cada um\uma tem o seu valor e é insubstituível na tarefa de melhorar o mundo, a vida. Quando a dignidade é retirada dos indivíduos gera-se a negação do seu valor e incita a competitividade e o ódio, principalmente quando a desigualdade e a injustiça se avolumam.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Por fim, ressaltamos que quando os atos de violência praticados contra os deserdados sociais apenas reforçam um panorama no qual a ética e o diálogo foram suspensos ou se fragmentaram. Estamos continuamente sendo desafiados a repensar as narrativas atuais sobre educação, seus meios e fins, apesar do extenso arsenal de conhecimentos científicos e tecnológicos. Ainda assim, carecemos aprender a conviver com o outro em uma relação de respeito, de paridade e de intencionalidade.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino. Radicalidade ética da pedagogia do oprimido. In: **Paulo Freire: reinvenção da ética**. www.paulofreire.ufpb.br. Consultado em 18/08/2018.

BORGES, Valdir e ALCÂNTARA, Luis Alberto de. **Educação e ética na era da globalização a partir de Paulo Freire**. Revista Espacios. Vol 39. Nº 10.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

ITELVINO, Lucimar da Silva **A Ética de Paulo Freire na Formação do aluno de Administração de Empresas**. Revista UNINOVE. São Paulo, 2009.

SANTOS, Ivone Laurentino dos. **A (bio) ética universal na obra de Paulo Freire**. UnB. Tese de doutorado, Brasília, 2014



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade





X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



GESTÃO ESCOLAR NO ÂMBITO DO DEBATE DE PAULO FREIRE

Karina SantoNascimentos¹

Resumo:

O trabalho teve como objetivo analisar estudos que debatem gestão escolar no âmbito da violência urbana. Metodologia da pesquisa de natureza teórica. Apoiamos-nos na abordagem qualitativa. Para coletarmos os dados fomos em busca do Banco de Teses da Capes. Para análise utilizamos a análise de conteúdo. Os resultados mostraram que há vários estudos articulando a gestão escolar no contexto da violência e viabilizando variadas estratégias nesse sentido.

Palavras-chaves: Violência; Escola; Gestão Escolar;

Introdução:

O presente trabalho se propõe a analisar estudos que debatem gestão escolar no âmbito da violência urbana. O primeiro objetivo específico foi elencar estudos que dialogam com o tema gestão escolar e violência urbana; O segundo objetivo específico foi analisar as relações estabelecidas entre a gestão escolar no enfrentamento da violência urbana que circunscreve a escola.

As escolas que se localizam em bairros legitimados, pela mídia e diversos meios de comunicação, como violentos, possuem na verdade marcas de uma herança de descaso governamental, de desamparo e negligência dos direitos sociais. Essa situação é reforçada e legitimada, comumente associando o espaço geográfico que também não foi planejado, rodeados por ladeiras, morros e que abrangem sujeitos que carregam uma espécie de estereótipo de indivíduos também violentos. Nessa visão a violência manifestada por alguns é generalizada como pertencentes a todos.

¹ Graduanda em pedagogia na UFPE. E-mail: kkaryna_santos@hotmail.com



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Deste modo, entendendo a escola como um espaço social e que por isso os anseios e demandas dos alunos devem fazer parte da dinâmica escolar. Pensamos a escola como um espaço de socialização, capaz de favorecer a formação desses sujeitos e respeitando os seus contextos de vida. Para Freire (1996, p. 15):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideologias de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola é sem partido. Ela tem quem ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.

De acordo com Freire (1996) os saberes curriculares devem se atentar aos alunos, incluindo a experiência social vivida por eles. Diante do exposto, a pergunta que orienta essa pesquisa respalda em entender: Como o professor contextualiza em sua sala de aula a história de origem dos alunos de bairros considerados violentos? Que tipo de intervenção se escolar se faz capaz de dialogar com a realidade dos alunos? Em que momento os alunos se apropriam do sentimento de pertença do grupo escolar?

Temos como hipótese que há estudos que privilegie a aproximação entre as vivências escolares e o contexto social dos alunos.

Utilizamos como metodologia a pesquisa de natureza teórica. Apoiamos-nos na abordagem qualitativa. Para coletarmos os dados fomos em busca do Banco de Teses da Capes. Para análise utilizamos a análise de conteúdo. Para analisar este trabalho nos apoiamos em Freire (1996, p. 15):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classe populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino de conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidada pelo poder público para discutir, por



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das agentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia.

Freire (1996) defende os saberes dos alunos, principalmente os das classes populares, pois esses na maioria das vezes são invisíveis para a sociedade. Freire (1987, p. 27) orienta que “Aproximar-se dele, mas sentir, a cada passo, a cada dúvida, a cada expressão sua, uma espécie de susto, e pretender impor o seu status, é manter-se nostálgico de sua origem”, assim a gestão escolar pode efetivamente caminha para o exercício da gestão democrática, pois compreende a experiência social de seus alunos.

É na luta persistente que podemos vislumbrar a gestão corroborando no existência de seus alunos. Para Freire (2001, p. 26) “ a violência dos opressores e sua dominação se fazem tão profundas que geram em grandes setores das classes populares a elas submetidas uma espécie de cansaço existência”. Dessa forma a gestão escolar pode contribuir para ressignificação dos alunos que sofrem constantmete com a violência.

Metodologia:

Utilizamos como metodologia uma pesquisa de natureza teórica. Segundo Demo (2000, p. 20) é “dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”. Utilizamos a abordagem qualitativa que para Chizzotti (2003, p. 221) “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes”. Para coleta de dados utilizamos as fontes acadêmicas de referencia os estudos a partir dos anos 2000 do Banco de Teses da Capes. Utilizamos para tratamento dos dados a análise de conteúdo que para (CAMARÂ, 2013, p. 188). “o pesquisador procurara torná-los significativos e válidos. Esta interpretação deverá ir além do conteúdo manifesto dos documentos, pois, interessa ao pesquisador o conteúdo latente.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Desenvolvimento:

Esta temática abordando a relação da violência e os espaços escolares, em um primeiro mapeamento realizado no Banco de Teses da Capes indicou mais de 1.569 de trabalhos que relacionam algum tipo de violência à escola, que em sua maioria são realizados nos países Latinos Americanos. No entanto encontramos cerca de 400 trabalhos que focalizam de alguma maneira as repercussões da violência na rotina de diferentes atuações de gestão escolar, em suas diversas modalidades educacionais.

Destacamos autores como Krmpotic e Farré (2008, p.195), argentinas, realizaram a pesquisa entre 2005 e 2007, com o objetivo de analisar o problema da violência social e do delito juvenil no âmbito territorial do município mais extenso e populoso do Conurbano Bonaerense, na Província de Buenos Aires, Argentina. As pesquisadoras tiveram como resultados que a escola apesar de oferecer mudanças, constitui um espaço re-contextualizador das experiências dos grupos primários e do entorno social no qual as crianças e jovens participam, criando condições de educabilidade (2008, p. 195).

Oliveira e Martins, em outra busca realizada no Banco da Capes, em seu trabalho na área informam que a escola “Ao se desejar eliminar a violência, acaba-se por naturalizá-la, através das banalizações sofridas pelos meios de comunicação e de um Estado que legitima e violenta seus cidadãos em seus direitos básicos” (2007, p 90).

A Czerevaty, pedagoga do Paraná, em sua pesquisa para compor um estado da arte sobre a produção sobre a violência escolar e gestão, coloca que “a violência foi ressaltada pela mídia, podendo ser manifestada na forma de violência física, simbólica e também institucional. (...)” Na escola, o gestor juntamente com os professores, funcionários, alunos e pais precisa direcionar o seu trabalho para encontrar meios de se trabalhar em prol da amenização dos casos de violência.

Encontramos ainda o artigo de Cunha (2009) objetivando uma discussão e reflexão a respeito das funções da gestão escolar e sua prática num contexto de violência. Esse



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



trabalho se referiu a violência no interior da escola. Um dos resultados apontados no trabalho mostrou que “observou-se que a violência física foi o principal motivo do registro de ocorrências, chegando a 53 casos de agressão física entre alunos” (CUNHA, 2009, p. 319). Cunha (2009) avança na discussão quando infere que:

A instituição escolar sofre os efeitos oriundos de outros contextos institucionais como a política, a economia, a família, a mídia, etc., sendo que as ações dos atores escolares são marcadas por uma espécie de “reprodução difusa”, a qual envolve as diversas formas de violência (CUNHA, 2009, p. 324).

Assim, os estudos encontrados nos mostram a necessidade da gestão possibilitar aos educandos estratégias que ultrapassem as marcas da experiência com a violência social que vivem. Ou seja:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola é sem partido. Ela tem quem ensinar os conteúdos, transferí-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (FREIRE, 1996, p. 15).

Esse cenário representa a necessidade de todos os envolvidos com o processo pedagógico terem maior clareza de como abordar aspectos reais em algumas localidades, como a chacina de famílias em decorrência do envolvimento com o tráfico de drogas; a exploração sexual dentro ou fora da família; o trabalho infantil degradante que muitos alunos são submetidos antes de irem às escolas. Não esgotamos as chances que as crianças estão passíveis de serem violentas, mesmo que essa violência não venha a ser física, mas pode representar uma simbólica, aquela que viola a dignidade dos pequenos.

Considerações



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Em face da defesa de uma sociedade mais justa Freire infere que “a capacidade do ser humano avaliar, de comparar, de escolher, de decidir e, finalmente, de intervir no mundo (FREIRE, 2000,p. 27): Freire ainda explica que:

Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária. Poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação - a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo portanto. Nessa linha de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum - só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo (FREIRE, 2000, p.10).

Freire retrata bem a necessidade da humanização no processo de educar. Mesmo sabendo que a violência é reflexo do todo de uma conjuntura social, o que chega para desmistificar o conceito imposto, pela mídia de um modo geral, de que um bairro como Ibura, seja considerado como um bairro violento, transmitido como um fator isolado, onde os moradores são, nessa condição, estratificados como anormais. As imposições feitas pelos meios de comunicação sugerem a associação de que as pessoas são violentas, os ambientes, as escolas, implicando numa generalização do espaço/individuo, desconsiderando outras variantes importantes como a história do bairro, a cultura, a economia, os costumes.

Assim de acordo com o objetivo geral analisar estudos que debatem gestão escolar no âmbito da violência urbana. Chegamos ao resultados que há várias formas da gestão ajudar seus alunos a superarem esses contexto. O que não podemos é negligencia essa situação. A escola publica precisa que todos os membros da escola estejam articulados em um objetivos comum, que todos, sem distinção aprendam e se humanizem. Trouxemos grandes contribuições de Freire para esse debate. Principalmente quando se referiu a questão de perceber a realidade em que vivem os meninos e meninas das escola em nosso país.

A gestão atual na sociedade precisa perceber a complexidade de sua escola. Hoje mais de antes, o gestor precisa se planejar, e evitar realizar os improvisos, direcionando maior atenção á diversidade que frequenta a escola. O que significa incluir no



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



planejamento escolar as condições e formas dos alunos, para que eles possam se identificar no grupo.

Pensamos que a atuação da gestão é fundamental em todo processo de aprendizagem. A mídia tem um papel de reproduzir as notícias com finalidade de perpetuar a diferença de classes. Mas a gestão escolar, principalmente a democrática pode mudar a história de meninos e meninas no nosso país.

Freire quando trata da humanização recebe de braços abertos todos que estão dentro da escola. Assim a gestão segue em constante aprendizado.

Referências:

CÂMARA, Rosana. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul - dez, 2013,179-191.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. **Revista Portuguesa de Educação**, Petrópolis. v. 16, n. 2, 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra. 23ª edição. São Paulo. 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Editora Paz e Terra. 25ª edição. São Paulo. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Editora UNESP. São Paulo. 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Cortez Editora (Coleção Questões da nossa época;v.). 5ª edição. São Paulo. 2001.

CUNHA, Eudes. A gestão escolar em um contexto de violência: a análise de um livro de ocorrências dos alunos e o olhar da equipe gestora em uma escola da rede pública municipal de Salvador. **CUNHA, MC., org. Gestão Educacional nos Municípios: entraves e perspectivas [online]**. Salvador: EDUFBA, 2009.



X Colóquio Internacional Paulo Freire
Opressão e Libertação na
Atualidade



KRMPOTIC, Claudia; Farré, Micaela. *Rev. Katál*. Florianópolis v. 11 n. 2 p. 195-203 jul./dez. 2008.

OLIVEIRA, É.C.S.; Martins, S.T.F. “Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia & Sociedade*; 19 (1): 90-98; jan/abr. 2007.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



LEGADO TEÓRICO E POLÍTICO DE PAULO FREIRE RELATÓRIO DA INTERVENÇÃO

Regivaldo Ferreira da Silva¹

RESUMO

Os objetivos do trabalho foram: Conceituar a proposta de Educação de Paulo Freire para as professoras envolvidas na ação; Valorizar a experiências de vida do aluno; Apresentar e estimular o uso das palavras geradoras e o círculo de cultura; Alfabetizar os alunos dentro da proposta de Paulo Freire. A formação foi aplicada durante cinco meses junto às professoras do Assentamento Canoa Rachado no Município de Água Preta-PE, durante a formação dos professores.

Palavras-chave: legado freiriano; círculo de cultura; formação de professores

INTRODUÇÃO

O coletivo trabalhado foi o grupo a turma de EJA de anos iniciais com dezesseis alunos, do Assentamento Canoa Rachada no Município de Água Preta-PE. O que justifica e legitima a necessidade de tal ação é a necessidade de alfabetizar e desenvolver novas competências e habilidades junto a esse público-alvo. Os objetivos do trabalho foram: Conceituar a proposta de Educação de Paulo Freire para as professoras envolvidas na ação; Valorizar a experiências de vida de cada aluno; Apresentar e estimular o uso das palavras geradoras e o círculo de cultura; Alfabetizar os alunos dentro da proposta de Paulo Freire. O projeto de intervenção foi aplicado em cinco meses junto às professoras do Assentamento Canoa Rachado no município de Água Preta-PE. Durante a Formação

1

Formado em Pedagogia com Especialização em Psicopedagogia Institucional. Membro do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo-NUPEFEC e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo e Quilombola, atualmente coordenador pedagógico no estado de Pernambuco em turma da Educação de Jovens e Adultos destinada a população do campo.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



dos professores, apresentamos a proposta freireana de educação e algumas propostas de trabalho em sala de aula e em espaços não escolar.

Imprescindível é compreender que a Educação é uma ferramenta essencial para o exercício crítico da cidadania e a emancipação humana do educandos (as), devendo garantir a aquisição de saberes para além da alfabetização. Constatase que apesar dos dispositivos legais, caminharem no sentido de garantir e conferir aos discentes a efetivação dos objetivos da educação democrática e cidadã, não se tem conhecimento sobre sua materialização com qualidade em muitas escolas brasileira. No Brasil, o índice de analfabetismo é muito alto e ao que tudo indica estamos longe de alcançar sua erradicação em 2020.

Freire (1990) destaca que: “se a educação deve atuar de outra maneira que não como instrumento de opressão, ela deve ser concebida como uma pedagogia do saber, uma ação cultural para a liberdade” (p.20). Somente assim às práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos poderão contribuir para a construção do conhecimento, da diversidade, do respeito às diferenças culturais, de gênero, étnico racial e orientação sexual, de geração, de credos e religião, etc. A escola deve aprender a trabalhar e à valorizar as diferentes identidades dos(as) educandos(as), buscando os princípio de promoção da interculturalidade. O Brasil possui uma grande diversidade cultural, contudo nossa sociedade é marcada pelas desigualdades: racial, social, cultural, econômica, educacionais. A diversidade brasileira é revelada pelas tensões, conflitos, pelas desigualdades existentes entre ricos e pobres, brancos, negros e indígenas, homens e mulheres e os que historicamente desfrutam de privilégio e podem exercer plenamente sua cidadania e aqueles que sistematicamente são discriminados e postos às margens da sociedade.

ANÁLISE DAS AÇÕES E CÍRCULOS DE CULTURA

No dia sete de agosto abordei a coordenação da EJA Campo do Município de Água Preta no Assentamento Canoa Rachada para apresentar a minha proposta de trabalhar com o método de Paulo Freire em uma das turmas. A coordenadora Tarciana Senna abraça a ideia e me apresenta a realidade das suas turmas de acompanhamento, a partir dessa conversa, decidimos que iremos dialogar com a professora Norma que atua em uma turma de anos iniciais, turma essa que se encontrava no 4º eixo de estudo e que é o eixo de conclusão da etapa com dissesse alunos sem estar lendo e tão pouco construindo uma reflexão crítica da realidade existente em suas vidas na sociedade em que vivem.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação (FREIRE, 1983b, p. 76).

No dia nove de agosto, realizei um segundo encontro no assentamento Canoa Rachado para conversar com a professora e com a turma para assim vivenciar o contexto que me foi apresentado pela a coordenadora e começar o estudo do método. Fico encantado em descobrir que a professora Norma já trabalhava na perspectiva freiriana com uma cartilha produzida por ela para alfabetizar. Concluimos a noite com grande felicidade e esperança.

A alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio das técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas desvinculada de um universo existencial – coisas mortas ou semimortas –, mas uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre o seu contexto”(FREIRE, 1983a, p. 72)

No dia quatorze do mês citado anterior, foi realizado um momento de estudo mais profundo onde apresentei o círculo de cultura e a experiência de Angico-RN para a professora e como se deu o processo de reflexão dos educadores em Angico. Com isso a professora faz uma reflexão sua cartilha afirmando que precisava adequar os texto e imagem para a realidade dos alunos (CAMPO). A professora coloca que nunca tinha



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



percebido a importância de contextualizar o território em sala como forma de alfabetizar, com isso parei as lâminas dos slides e ficamos presos ao processo de criatividade que surgiu na professora para adequar seu material de trabalho (a cartilha).



No dia dezesseis de agosto, concluímos o que chamei de momento de descoberta de Paulo Freire, pois todos nós acreditamos que sabíamos tudo sobre o autor e sua metodologia de aprendizagem. Foi uma tarde riquíssima e de grande perspectiva como a participação da coordenadora pedagógica. A professora Norma afirmava sua felicidade em dizer sim ao projeto de intervenção, quando cheguei para perguntar se ela aceitaria, ela ainda afirmou que aceito com os dois pés atrás, mas percebeu que foi de grande importância para não desistir de ser educadora. De acordo com Freire (2003a, p. 30-31), é por meio do pensar filosófico, que o ser humano se desprende do estado de “consciência transitiva ingênua”, superando-o por um estado de consciência crítica.

No dia quatro de setembro, a professora afirma que já renovou a sua cartilha e que os alunos perceberam a mudança em sala de aula, ela ainda colocou que alguns questionaram negativamente, pois estavam condicionados ao sistema de cadeiras em filas e poucas opiniões. A cartilha precisava está mais dentro da realidade dos alunos, mas fiquei encantado com a dedicação da professora para fazer seus alunos a ler e escrever e como ela mesma colocou, “quero que eles leiam o mundo e antes disso não passava na minha cabeça, pois estava presa simplesmente a dá números a sociedade”.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Aprender a ler e escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, criar e recriar, de decidir, de optar (FREIRE, 1981, p. 49).

No dia dezoito de setembro, a professora Norma afirma que introduziu a leitura de imagens para fazer o debate em sala e diz que todos ficaram surpresos com a opinião de cada um. Todos se conheciam, mas não conhecia o “pensar do outro”. Pergunto a ela que pensar é esse, ela diz que muitos não acreditavam neles próprios, imagina no outro, a leitura das imagens esta servindo para eles perceberem que tem opinião e que é válida. Freire defendia a educação social, a necessidade de o aluno se conhecer e conhecer os problemas sociais da sua realidade concreta. A educação, para ele, era muito mais que um instrumento de escolarização e profissionalização, era o meio pelo qual se deve “[...] estimular o povo a participar do seu processo de emersão na vida pública engajando-se no todo social” (GADOTTI, 1996, p. 36).

A professora Norma apresentando sua metodologia no seminário nacional “O Legado de Paulo Freire” realizado pelo MST no Centro de Formação Paulo Freire no Assentamento Normandia no município de Caruaru-PE.



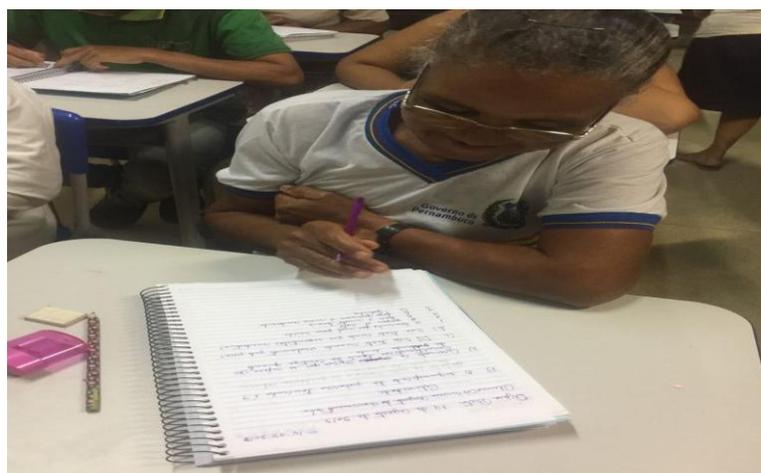
X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



No dia cinco de outubro, nos reunimos e a professora afirma, “as duas semanas trabalhei a palavra PÁTRIA”. Ela colocou a dificuldade de trabalhar com a palavra de sílaba travada (tri), mas pode criar varias palavras como cita: PATA, PARA, RIA, PÁ e etc. É gratificante vê as coisas andando e ver que uma simples maneira de ensinar a ler faz o aluno ler o mundo. Percebemos que a resistência continua em alguns, mas a maior preocupação é a frequência. Vimos que é necessário o porta a porta e com isso pensamos em fazer algumas aulas diferente e fora do espaço aula.

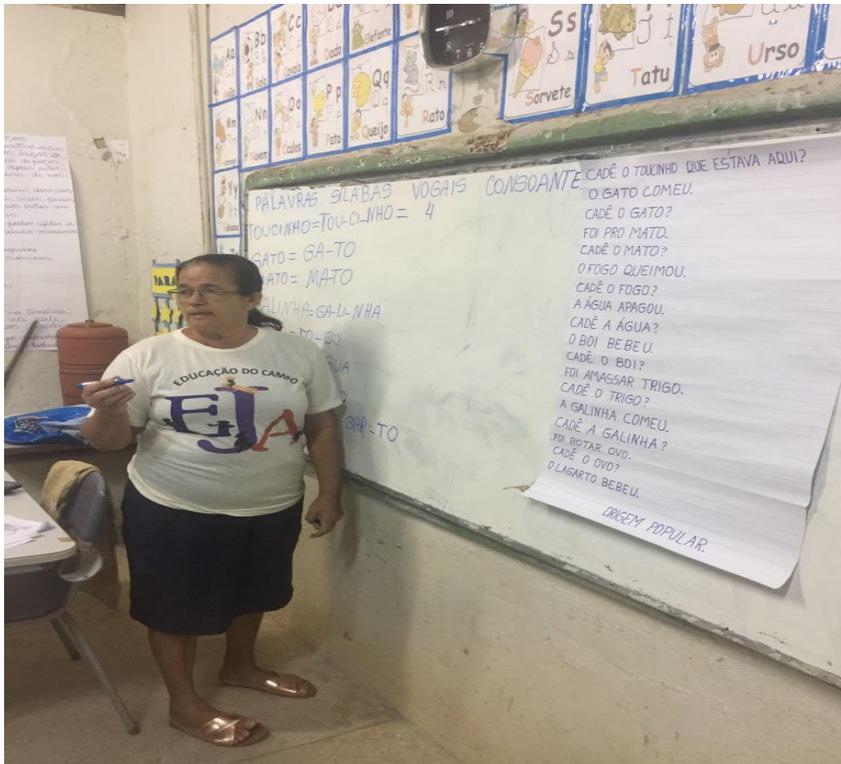
Dominando a realidade, vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor (FREIRE, 1976, p. 43).





X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Dia 23 de outubro, primeira coisa que pergunto é como está a frequência dos alunos? A professora Norma coloca que permanece ainda um pouco baixa, mas criou o hábito de fazer visitas semanas aos faltosos. Foi colocado também as abordagens de temas sócias relacionado principalmente a politica, saúde e trabalho e , que ficou bem claro a melhora na fala de cada um pela forma que argumentavam e sem medo de não saber falar ou opinar sobre os assuntos. É que a consciência humana não se fecha em si. Ela vislumbra sempre mais do que aquilo que a circunda. Ela tem por característica própria ir além, sempre além daquilo que conquista. A consciência, portanto, diz Freire (2014, p. 77). Ficamos uma hora preso a beleza da evolução dos alunos nesses três meses de experiência e a professora constata que se todos frequentassem diariamente, estaria todos no mesmo nível.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Ninguém é analfabeto por eleição, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra. Em certas circunstâncias, ‘o analfabeto é o homem que não necessita ler’, em outras, é aquele ou aquela a quem foi negado o direito de ler (FREIRE, 1981, p. 19).

Para Paulo Freire (1983a, p. 61), homens e mulheres são seres sociais, situados e datados, que temporalizados e historicizados, desenvolvem-se como “sujeito e não objeto”, a partir da reflexão crítica sobre as suas condições na realidade concreta, pela vocação ontológica que possui para se humanizar. No mês de Novembro diagnosticamos um grande avanço, pois dos 16 alunos que estavam no nível de escrita e escrita pré-silábico, estava todos evoluídos. Então terminamos o mês com os seguintes avanços: 8 alunos no nível alfabético; 4 alunos no nível silábico-alfabético; 4 alunos no nível silábico. A tomada de consciência da realidade e o agir sobre ela são sempre sujeições histórico-culturais. Por isso, Freire ao definir seu conceito de conscientização assegura que esta se dá pela passagem da espontaneidade para a criticidade. A consciência humana pode se deparar em diferentes estágios, adotando posições diferenciadas diante da sua contextura social, econômica e política.

No dia 20 foi um momento de avaliação de tudo que foi abordado. Ficou nítida a importância da leitura das imagens, das palavras geradoras e do debate reflexivo como temas de cunho social. A professora Norma e a Coordenadora Tarciana ficam bastante agradecidas pelo o avanço dos alunos e a mudança na auto-estima dos alunos. Terminamos o projeto com: 8 alunos no nível Letramento, 4 alunos no nível alfabético, 2 alunos no nível silábico-alfabético, 2 alunos no nível silábico. Com isso, concluímos com 8 alunos seguindo para os anos finais, 6 alunos reprovados e 2 alunos desistentes (foram para São Paulo). Foi muito gratificante realizar esse projeto e ver a mudança acontecendo em um espaço condenado pela sociedade como improdutivo. Fui um simples mediador nesse processo de evolução e só tenho a agradecer a professora Norma por confiar e realizar o método Freire através da minha solicitação. Com isso, insistimos na



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



justificação freiriana de que o processo de aprendizado da leitura e da escrita deve necessariamente estar pautado na realidade concreta dos alfabetizandos, pautado em uma dimensão política, como observa Freire (1981, p. 16): “O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos”. Esse aprendizado coloca os seres humanos em qualidade de sustentabilidade aos preceitos da opressão. Logo o aprendizado que “demanda a compreensão de significação profunda da palavra”, compreende o caminho pelo qual homens e mulheres atingem gradualmente o estado de transitividade crítica.

CONCLUSÃO

Freire (1990) enfatiza que a reinvenção é o trabalho da mente ativa; é um ato de conhecimento pelo qual reinventamos nosso discurso. Observemos o que ele nos alerta: “todos os educadores críticos são também educandos. Não se trata meramente de aprender a respeito do que os alunos devem saber; trata-se, muito mais, de aprender a como renovar uma forma de autoconhecimento mediante uma compreensão da comunidade” (p.22). A formação permanente compreendida enquanto um espaço de intercâmbio de experiências cognitivas, culturais, sociais é o incentivo ao trabalho cooperativo, colegiado, democrático.

Vejam os a esse respeito o que nos diz Aguiar (2008), a propósito da formação permanente: “é entendida como um espaço de criação e incentivo às trocas de experiências entre os professores e estudantes, de modo que se implante uma cultura colaborativa” (p.04). A autora ainda destaca que: “não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



coletivas” (p.04). Tais ações nos impelem a buscar na gestão da escola o apoio necessário para a vivência das ações reflexivas no cotidiano da sala de aula, no cotidiano escolar.

A referida autora observa ainda que: “a formação permanente dos professores não pode desconhecer esta realidade, deve articular-se com o desenvolvimento das organizações escolares” (p. 05). Para Aguiar (2008), temos que compreender a escola enquanto um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam atividades isoladas, mas articuladas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J.S. Jogos para o ensino de conceitos. Campinas: Papyrus, 1998, p.33-40.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 56. ed. Ver. E atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. Professora, sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar. 24. ed. Rio de Janeiro: 2013.
- _____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. Educação e atualidade brasileira. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003a. _____ . Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2003b.
- _____. A sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água, 2001c.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



_____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. A tragédia de ser e não ser contemporâneo. Centro de Referência Paulo Freire: Obras de Paulo Freire; série Artigos. 1986. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2013.

_____. Extensão ou Comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.

_____. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

_____. Educação como prática da liberdade. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GADOTTI, M. (org.). Paulo Freire: Uma Bibliografia. São Paulo: Cortes, 1996, p. 36-116.

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/analfabetismo-no-brasil.htm>. Acesso em: 20 de abr de 2018.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



OS DESDOBRAMENTOS DA FORMAÇÃO DO PNAIC ANALISADOS NO CONTEXTO DE PAULO FREIRE

Jéssica Santos Nascimento ¹

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo geral compreender as condições dos professores alfabetizadores e orientadores de estudos em meio ao regime de colaboração na implementação do PNAIC. Utilizamos como metodologia a entrevistas semiestruturadas. A análise se deu pela técnica de conteúdos. Como respostas tivemos que o governo federal em meio a implementação do regime de colaboração entrevistou de maneira vertical, em que implicou em alguns casos com a desistência de orientadores em virtude da formação ser realizada em Caruaru.

Palavras-Chaves: PNAIC; resistência; formação

Introdução

O presente trabalho teve por objetivo geral compreender as condições dos professores alfabetizadores e orientadores de estudos em meio ao regime de colaboração na implementação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). O primeiro objetivo específico foi analisar os compromissos do MEC com os professores alfabetizadores e orientadores de estudos; o segundo objetivo específico foi entender os desdobramentos da contrapartida do MEC para a permanência dos alfabetizadores e orientadores no PNAIC. Este programa do governo federal objetiva alfabetizar as crianças até os 8 anos de idade ou até o fim do 3º ano do ciclo de alfabetização.

O PNAIC parte da ideia de regime de colaboração entre os entes federativos, regido pela portaria de 867 de julho de 2012 que o instituiu. Para participar do programa os estados, o Distrito Federal e os municípios devem realizar a adesão, se comprometendo na colaboração, e a partir daí passam a receber os materiais didáticos, as formações e as bolsas de estudos, nos respectivos locais.

¹ Mestre em Educação pela PPGE/ UFPE, Professora da escola básica da prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. E-mail: jessik.cdf@gmail.com.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



E para obter essa meta a estrutura utilizada foi a cadeia de formação, que envolve formações com os coordenadores nacionais, os regionais, o coordenador local, os orientadores de estudos e os professores alfabetizadores.

Nas escolas, os professores alfabetizadores e orientadores de estudos não são os únicos responsáveis pela alfabetização. Esses profissionais precisam do apoio dos gestores, coordenadores pedagógicos, pais, a comunidade escolar como um todo. Sobretudo, precisam do governo federal no fornecimento de bolsas e espaço adequado de formação. Ou seja, requer que o princípio de colaboração chegue a nível local.

O que nos instigou a traçar o PNAIC como objeto nesse trabalho foi o privilégio nas leis, portarias e resoluções sobre a importância da cooperação entre os estados, municípios, Distrito Federal e União e em menor evidência ações direcionadas para apoio os alfabetizadores e orientadores. Então, entender as condições que os alfabetizadores e orientadores têm em meio a essa colaboração se tornou o nosso interesse.

Temos como hipótese que as necessidades dos professores alfabetizadores e orientadores de estudos na implementação do PNAIC estiveram as margens quando o assunto foi a contrapartida do MEC na colaboração. Pois não há oficialmente ações de apoio diretamente ligadas ao professor na escola caso eles precisem.

Para metodologia partimos da compreensão das ciências humanas, com a abordagem qualitativa. As coletas dos dados foram feitas por entrevistas semiestruturadas com 3 sujeitos pertencentes a cadeia de formação do PNAIC em Recife. E para a análise utilizamos a análise de conteúdo.

Utilizamos como referencial teórico os autores Bobbio (et al., 1998) e Dowbor, (2008) para contextualizar brevemente políticas públicas, programas e o poder local. Posteriormente abrimos a discussão maior com Freire (1987); Freire (1996); Freire (2000); Freire (2001) sobre a resistência que os professores construíram permanentemente enfrentando as condições adversas em suas realidades.

O referencial teórico utilizado sobre políticas ganha organicidade, muitas vezes, para os cidadãos entre e nos espaços, quando adentram, exatamente os espaços da cidade, contemplando a compreensão que remete mesmo ao termo *pólis*, origem mesmo do termo política, que significa cidade BOBBIO (et al., 1998).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Assim, são nas cidades que as políticas públicas interagem juntamente as ações que visam possibilitar a solução de determinados problemas sociais. Desse modo, há indispensabilidade da intervenção governamental nestas formas de política, e que isto irá se repercutir no local da ação, sendo esta intervenção resultado e resultante da relação de domínio dos governantes sobre os governados. Para Bobbio et al. (1998), o conceito de política está implicado com o de poder, significando a relação sempre desigual, em que pelo uso do poder se obtém “vantagem” ou “efeitos desejados”.

O poder local, em relevo nesse debate, especificamente do ponto de vista dos professores alfabetizadores e orientadores de estudos, representa a participação de grupos minoritários nas questões políticas e sociais. De forma ampla, podemos entender esses grupos como o poder local principalmente na capacidade de reação organizada dos membros de um local, bairro, comunidade, município, unidos por um sentimento de pertencimento e de reconhecimento identitário daquele grupo, frente às tendências de deliberações imperativas oriundas de poderes mais centralizadores. Sendo então, reconhecida esta atuação do grupo do poder local, ela é capaz de provocar a admissão de suas especificidades como elemento importante na formulação de políticas públicas (DOWBOR, 2008).

Isto significa termos espaços cada vez mais permeados por expressões participativas democráticas, decidindo sobre o rumo das próprias vidas dos sujeitos pertencentes a estes espaços, o que também fortalece princípios democráticos de inserção dos diferentes indivíduos na decisão da política local.

E quando estamos falando de local, estamos pensando exatamente nos professores, que ainda são a referencia quando falamos de aprendizagem dos alunos e especificamente a alfabetização. Mas para isso, o professor precisa atuar no espaço, logo, essa ação requer de um ambiente que subsidie essa aprendizagem. Para Freire (1996, p. 26):

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de sua família, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, a sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vem existindo.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Então, vejamos que Freire (1996) relata bem que a escola, a instituição escolar, se atente as condições de educando e educadores. Como bem ressaltou Freire (1996) é bom senso reconhecer as condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de sua família, se seus vizinhos. A partir dessa reflexão de Freire (1996) podemos compreender que quão importante são os fatores objetivos para caminharmos principalmente na escola, em que o poder público é quem fomenta a educação. Entretanto, Freire (2000, p. 41) constata que:

Constato não para simplesmente me adaptar mas para mudar ou melhorar as condições objetivas através de minha intervenção no mundo. As vezes a própria adaptação a determinada situação ofensiva do ser se faz como expressão da resistência orgânica e ao cultural do oprimido.

Dessa forma, para Paulo Freire (2000) mesmo havendo uma conjuntura, que as vezes não se apresenta muito favorável, o professor, ainda assim, pode superar os obstáculos persistentes na jornada escolar com os alunos. Muitas vezes, esses profissionais utilizam da acomodação, que na verdade é mais uma forma de resistência desses docentes. E Freire (2001) argumenta detalhadamente o que seria essa postura de luta e resistência:

Para que os seres humanos se movam no tempo e no espaço e no cumprimento de sua *vocação*, na realidade de seu *destino*, obviamente não no sentido comum da palavra, como algo a que se está fadado, como sina inexorável, é preciso que se envolvam permanentemente no domínio político, refazendo sempre as estruturas sociais, econômicas, em que se dão as relações de poder e se geram as ideologias. A vocação para *ser mais*, enquanto expressão da natureza humana fazendo-se na História precisa de condições sem as quais a vocação se distorce (2001, p. 08).

Assim de acordo com Paulo Freire (2001) compreendemos que a vocação esta distante de ser atuação determinista no tempo. Pelo contrario, é preciso fazer e se refazer no tempo. É no fazer história que a vocação se estabelece. Assim vejamos que tanto a acomodação mencionada anteriormente quanto a vocação recentemente nos dizem sobre um perfil de um professor atuante em seu meio. Esse professor de acordo com a posição de Freire dialoga constantemente com suas condições. Freire (1987) valida que:

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática Freire (1987, p. 29).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Paulo Freire (1987) a partir desses último trecho ressalta horizontes que ultrapassam o nível meramente intelectual e que chega a necessidade do sujeitos por em prática. Freire (1987) expressa grandiosamente a virtude em se refletir com finalidade na prática. Isso quando nos referimos a compreender as condições que os alfabetizadores e orientadores enfrentaram na implementação do PNAIC foi fundamental.

Desse modo a implementação de uma política educacional como o PNAIC requer atenção principalmente em relação a oferta de condições aos sujeitos no local, ou seja, aos professores alfabetizadores e orientadores de estudos possam desempenhar suas funções. Logo, as inferências de Freire (1987); (1996); (2000); (2001) são legítimas, apontando que o sujeito pode como forma de resistência pode até parecer que se acomodou com determinada realidade. E nesse sentido indica a realidade dos alfabetizadores e orientadores de estudos na condição de espaço de atuação docente.

METODOLOGIA:

O referencial teórico se insere nas ciências humanas, que buscam sempre uma compreensão inerente as relações humanas, “As ciências humanas são, no mundo moderno, desafiadas a propor caminhos viáveis às interrogações humanas (CHIZZOTTI, 2016, p. 1558- 1559). A abordagem utilizada nesse trabalho foi a qualitativa, onde esgotamos a compreensão utilizando os diversos ângulos do objeto. Para Chizzotti (2003):

Termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Nesse sentido, o meio de coletar os dados foram entrevistas semiestruturadas para dar conta desse universo das pesquisas com abordagens qualitativas. A entrevista como instrumento de coleta para Manzini (2012, p. 156) “a entrevista semiestruturada confere confiança ao pesquisador e possibilita a comparação das informações entre os participantes entrevistados”.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Delimitamos duas professoras alfabetizadoras e um orientador de estudos atuantes no município de Recife. Consideramos suficiente essa quantidade de sujeitos entrevistados visto queríamos apenas conhecer a realidade enfrentada por esses profissionais. O campo de pesquisa foi à cidade de Recife. Optamos por Recife em virtude da capital Pernambucana estar em constante desenvolvimento cultural, social e econômico. Um dos destaques na capital é o Complexo Industrial Portuário de Suape, que vem se destacando no cenário econômico. Para análise dos dados encontrados utilizamos a análise de conteúdo. “Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração” (CAMARÃ, 2013, p. 182).

RESULTADOS:

As obrigações do MEC: pagamento das bolsas e oferecimento do material didático

Por se tratar de um programa com base no regime de colaboração, entre algumas das obrigações do MEC, estava o fornecimento de bolsas de estudos, pela resolução nº 4 de 27/02/2013, Art. 7, inciso I, alínea f, assim o MEC deveria conceder bolsas de estudo e pesquisa aos formadores, supervisores e coordenadores da Formação Continuada de Professores Alfabetizadores junto às IES. O meio desses recursos chegarem aos cursistas estava atrelado ao preenchimento do Sistema de Monitoramento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (SisPacto):

Para gente receber a bolsa mensal, **tinha que ser enviado tudo que ela pedia para nós**. E aí eu acho que é um dos grandes **impasses** (Professora Alfabetizadora 1).

Essas bolsas têm um prazo para serem liberadas no sistema. Não necessariamente chegar no banco. Então a gente **quando cumpre esses prazos**, o que acontece, as vezes, gera um prazo maior de uma pessoa para outra: **Já passou o prazo de liberação de bolsas, e a pessoa entregou as atividades com atraso**. Então ela vai ter a bolsa liberada mais para frente (Representante da MEC 2).

Dessa forma, de acordo com esses trechos, as bolsas foram consideradas, por quem esteve envolvido nessa implementação, ao que nos parece, como objeto de



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



regulação no cumprimento dos critérios contidos no sistema. Sobretudo, pesou para os cursistas que não cumpriram as obrigações exigidas pelo sistema de monitoramento em que até a exclusão do programa era uma das formas de punição.

Dessa forma, do ponto de vista da colaboração essa articulação entre SisPacto e recebimento de bolsas estava sob controle da UFPE. A UFPE nesse aspecto poderia pressionar os envolvidos no acordo do PNAIC. Para as representantes da UFPE:

Aquele município que acumulou formação [e com isto não realizou as atividades do SisPacto] também acumulou bolsa em atraso tinha, a única forma de, digamos assim de punição se é que é punição mais e, é como eu disse a gente poderia, eu poderia chegar lá, olha vocês tem que fazer, então tem, vocês tem que fazer assim, assim, assado porque eles tinha autonomia pra determinadas questões e isso tava posto também no, no acordo (representante do UFPE 3).

O que a gente podia fazer era segurar as bolsas. **Como as bolsas estavam vinculadas a realização das formações, se não teve formação, não tem como liberar a bolsa. Então a gente foi segurando as bolsas, naquele período as bolsas podiam ser seguradas, agora em 2015 elas não podiam ser mais seguradas, porque elas só podiam ser liberadas após 60 dias, se fosse naquela época [em 2014, os municípios que acumulavam encontros, Recife] os professores podiam ter pedido a bolsa e os orientadores de estudos. [...].** Então eles seguraram a formação e quando eles foram fazer, para ter as bolsas liberadas, fizeram tudo de uma vez só (Representante da UFPE 2).

Vejamos que caso não ocorressem formações, não se tinham dados para serem submetidos ao sistema. Logo, as bolsas não eram liberadas. Sabemos que em geral, bolsas adquiridas nas formações continuadas são de fato um recurso a mais para os professores, que normalmente já fazem formações continuadas no exercício de sua função e, que bolsas como as do PNAIC seriam um incentivo financeiro para dar conta da atividade extra.

O desdobramento dessa correlação entre as obrigações do SisPacto e o recebimento das bolsas não se traduziu, exatamente, em atrativo extra para os professores alfabetizadores e orientadores de estudos, as bolsas não se expressaram como um aditivo.

O que transpareceu nesse articulação entre SisPacto e recebimento de bolsas com maior intensidade foi uma forma de premiar, de bônus, proporcional ao empenho dos professores cursistas. O que desqualificou o recebimento das bolsas como atrativo aos



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



professores nas formações do Pnaic em Recife. Mas essa ação não eximia a contrapartida dos professores alfabetizadores.:

Para os orientadores de estudos:

O grupo de orientadores era um grupo muito bom assim. **Mesmo, às vezes, com bolsa atrasada** eles nunca deixaram de ir, e a prefeitura dava uma ajuda de custo (Representante local 2).

Para os professores alfabetizadores:

Aconteceu como eu disse que acumulou, tipo eu passava, já cheguei a receber três bolsas de uma vez só. Então, **nesses três meses eu continuei frequentando as aulas normalmente** (Professora alfabetizadora 2).

E de fato, esse ultimo trecho os ajuda a entender que as bolsas financiadas pelo MEC atrasavam, porém isso não desestimulou os professores e orientadores de estudos; quer dizer, um dos principais mecanismos de regulação do MEC, nesse caso não surtiu o efeito esperado, pois os professores alfabetizadores em Recife não participavam dos cursos de formação em função das bolsas.

Vejamos trechos de um membro da equipe local, uma representante da UFPE e uma professora alfabetizadora, ratificando uma certa irrelevância da bolsa no processo de cooperação:

Muitos professores que não ganharam bolsas aderiram, né? Mesmo sem bolsa eles participavam, agora **outros desistiram, né? O motivo... quando a gente fez uma pesquisa, nunca saiu que era por questões de não ter bolsa.** Sai mais a questão de falta de disponibilidade. Mas, infelizmente não houve uma ação mesmo porque se a rede tivesse garantido que todos tivessem participando. E apenas esses que não tem bolsa não tivessem talvez né? Os motivos eram outros... (Representante local 1); É muito gratificante você perceber o interesse das pessoas estarem ali, **e não é pela bolsa porque é pouco.** Mas é pela formação. Depoimento de gente dizendo assim: eu estou tendo.. eu não estou tendo formação continuada, essa é a minha formação. Então assim... belíssimo, os depoimentos (Representante da UFPE 3);

Atrasava (a bolsa) e assim eu não me importei né?, **Tinha gente que tava contando com aquele dinheiro ali naquela data, mas eu no meu caso não,** eu achei até bom porque pegava uma soma maior (Professora alfabetizadora 2);

Observamos que as bolsas, segundo as falas dos que implementaram o Programa em Recife, não foram decisivas para que os professores alfabetizadores e orientadores de estudos aderissem ao Pnaic em Recife. Freire (1996, p. 12) explica que “vivemos a



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, [...] e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade”. Isso representa que a postura docente fugiu a “previsibilidade” contida na intervenção governamental atrelando o Sispecto ao recebimento de bolsas.

Logo, se as bolsas oferecidas pelo MEC não representavam um atrativo no exercício do regime de colaboração na implementação do PNAIC, a qualquer momento os professores alfabetizadores e orientadores de estudos poderiam se eximir a colaborar. Se observarmos detalhadamente as falas dos entrevistados acima, eles conceberam outros motivos que os faziam desistirem ou permanecerem no Programa, como no caso da fala da professora alfabetizadora, que não visualizou vantagem em receber a bolsa dada a cobrança por tantos trabalhos. As bolsas que o MEC disponibilizava dos orientadores também atrasavam.

Analisando o caso das bolsas, foi possível inferir que o MEC também falhou na sua parte de cooperação com o Programa. Pois, mesmo que os professores e orientadores afirmem que as bolsas não eram o principal elemento que os mantinha no Pnaic, temos clareza que a situação atual de baixos salários da classe dos professores indica que uma bolsa é sempre bem vinda para reforçar os rendimentos mensais “É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” “antes habitado” por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida” (1996, p. 36-37).

Desse modo, a irregularidade do pagamento também gera constrangimentos à implementação do programa. E de alguma forma, o programa é um meio em que se marginalizou a função dos professores alfabetizadores quando oferecimento de uma bolsa de estudos em cumprimento de determinadas exigências, e mesmo assim atrasava no repasse desses recursos.



A responsabilidade da IES: gestão da formação (estrutura física para formação e execução da formação)

Uma das principais obrigações da UFPE foi o gerenciamento do Pnaic até 2015 e, especificamente pela portaria nº 867, Art. 12, inciso III, assegurando espaço físico e material de apoio adequados para os encontros presenciais da formação dos orientadores de estudo. Sobre o espaço de formação para os orientadores de estudos, a Representante local:

A gente solicitou isso... a gente solicitou a universidade que tentasse organizar pelo menos os grupos daqui da Região Metropolitana, houve até uma pergunta, uma consulta, se Recife teria um espaço para abranger [as formações dos orientadores de estudos]. **Recife não tem um espaço para abranger seus próprios professores, Recife loca os espaços, em 2013 foi em duas escolas públicas, mas 2014 e 2015 foi em prédios particulares, entendeu ?**. [...]. O espaço que Recife tem para a formação, é o EFAE, mas não abrange, ao mesmo tempo, como a universidade encontrou lá na FAFICA, mas se, talvez, tivessem desmembrados, assim: Região Metropolitana fica em um canto, aí viria Recife, Jaboatão, Camaragibe, Talvez se encontrava alguma coisa, mas para abranger... aí teve que ser lá mesmo... Várias vezes a gente pediu isso... a gente entende o lado da universidade que quer fazer trabalhar todo mundo junto, mas foi um contratempo mesmo. (Representante local 1).

Mesmo havendo essa justificativa da Representante local, não podemos perder de vista que a responsabilidade pela definição do local de formação dos orientadores de estudos era da UFPE. A própria Representante local explica quais foram os impactos na opção da UFPE, a realização dos cursos em Caruaru, “Os atrasos maiores das bolsas fizeram alguns professores desistirem, e fez alguns orientadores desistirem também. **Mas o peso maior da desistência foi o deslocamento para Caruaru**, essa questão de você passar alguns dias distante de sua casa, né?”(Representante local 1). O espaço de formação dos orientadores de estudos de Recife foi um ponto que implicou na forma de colaboração estabelecida em Recife:

Na verdade houve uma resistência de Recife para Caruaru [enviar os orientadores de estudos], primeiro eles queriam que a formação fosse aqui em Recife, houve primeiro essa resistência, gente que deixou de ir, né? [...]. E eles [a prefeitura de Recife] disponibilizavam espaço para aqui, mas o espaço para o grupo de Recife. Ou um pouquinho mais de sala, porque é de Paulo Freire, certo, que foi espaço viável para algumas situações, a gente chegou da formação de Paulo Freire, [...]. Em fim, agora fazer essa formação, e fez a formação aqui na Universidade no período de recesso. Mas, Recife resiste, resistia a ir pra fora da cidade, e quando oferecia outro espaço a não ser esse que era limitado né? o número de vagas. Então realmente não houve, um movimento de se dizer não a gente tem tal espaço. [...] **È, uma parceria com, com alguns entraves** (Representante da UFPE 3).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Aqui cabe também uma explicação para o leitor entender melhor. A UFPE ficou responsável pela formação de todos os orientadores de estudos do estado de PE. Essa universidade foi selecionada pelo MEC² em 2012 para desenvolver a estrutura de formação e, compor os cadernos que seriam utilizados nas formações. Um grande desafio além de encontrar um espaço para acomodar todos os orientadores, e ainda ser acessível para todos os municípios. Muito difícil agradar a todos. A solução encontrada foi realizar a maior parte das formações no município de Caruaru, Região Agreste do estado, o que exigiu deslocamento e acomodação de todos os orientadores que moravam em outros municípios, dentre eles, Recife. Para Freire (2000, p. 23-24):

Temos uma responsabilidade de assumi-lo bem, na construção e no aperfeiçoamento da democracia entre nós. Não de uma democracia que aprofunda as desigualdades, puramente convencional, que fortifica o poder dos poderosos, que assiste de braços cruzados à avitação e ao destrato dos humildes e que acalenta a impunidade.

Então vejamos que do ponto de vista da legislação a Secretaria de Educação de Recife não tinha obrigação na definição do prédio dos orientadores de estudos, mas quando a Representante da UFPE 3, argumenta no último trecho de entrevista o porquê dessa formação ocorrer no Agreste Pernambuco a 130km de distância da capital, Recife, ela coloca a discussão a nível de parceria, de pactuação, como se ela “dividissem” o impasse, que na verdade era de incumbência, de acordo com a pactuação, da instituição de ensino superior.

Considerações

O presente trabalho buscou compreender as condições dos professores alfabetizadores e orientadores de estudos em meio ao regime de colaboração na implementação do PNAIC. Os resultados mostraram os alfabetizadores e orientadores enfrentaram percalços em decorrência da contrapartida no MEC em dois aspectos: o

2 O MEC abriu seleção e várias universidades do país concorreram com propostas para formação de professores sobre alfabetização.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



primeiro em relação ao governo federal ter atrelado o recebimento das bolsas ao sistema de monitoramento e o local de formação dos orientadores.

Os resultados do primeiro objetivo específico que foi analisar os compromissos do MEC com os professores alfabetizadores e orientadores de estudos, tivemos que o SisPacto atrelado ao recebimento de bolsas quanto a opção pelo município de Caruaru para a realização das formação se mostrou como uma intervenção verticalizada em que não se respeitaram as considerações dos alfabetizadores e orientadores de estudos.

O resultado do segundo objetivo específico que foi entender os desdobramentos da contrapartida do MEC para a permanência dos alfabetizadores e orientadores no PNAIC, nos mostrou que as decisões do MEC impactaram na participação dos alfabetizadores e orientadores a ponto da bolsa por exemplo não ser um atrativo nas formações e a ponto inclusive de orientadores desistirem das formações em Caruaru em decorrência da distancia. Então percebemos que as condições para estes profissionais atuarem foi bastante conturbadas em Recife. Desdobramentos como estes nos fazem pensar de acordo com Freire (1996, p. 39) “E é uma imoralidade, para mim, que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do mercado”.

Referenciais:

BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Trad. Carmem C. Varrialle e outros. V. 1, 11. ed. Brasília: Ed. UnB, 1998.

CÂMARA, Rosana. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul - dez, 2013,179-191.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. **Revista Portuguesa de Educação**, Petrópolis. v. 16, n. 2, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. As ciências humanas e as ciências da educação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.04, p. 1556 – 1575 out./dez.2016 e- ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é Poder Local**. São Paulo: Brasiliense, 2008.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Editora Paz e Terra. 25ª edição. São Paulo. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra. 23ª edição. São Paulo. 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Cortez Editora (Coleção Questões da nossa época;v.). 5ª edição. São Paulo. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Editora UNESP. São Paulo. 2000.

MANZINI, Eduardo José. O uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso – NEMO**. Maringá, v. 4, n.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA MINISTRADA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE CARUARU-PE

Rafael B.da Silva Farias¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo relatar uma experiência intervenção de leitura realizadas em uma escola municipal Caruaru-PE.. Uma parceria com a Secretária das Bibliotecas Municipais. Destacamos a necessidade de compreender como a literatura marginal nacional e regional é trabalhada nas Séries Iniciais. Constatamos ao final das práticas de leituras vivenciadas, uma maior familiarização das crianças com poetas já consagrados nacionalmente como também com os regionais. Analisamos a partir dos referencias freirianos.

Palavras-chave: Literatura; sala de aula; práticas de leitura.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência da Oficina de literatura que aconteceu na Escola Municipal Josélia Florêncio de Caruaru-PE, com as crianças das turmas do turno da tarde dos 5º ano “A” e “E”, a referida escola está situada no bairro São João da Escócia – Caruaru-PE.

Durante o desenvolvimento das atividades interventivas as crianças interagiram de modo positivo ao que foi proposto respondendo aos questionamentos que eram feitos como também nos indagando sobre os termos que eram utilizados nos versos poéticos e sobre os poetas marginais e regionais que foram apresentados e que muitos não conheciam.

Desse modo, percebe que os momentos de atividades se deram como um grande compartilhamento de aprendizagens o que vem a confirma o que o nosso grande patrono da educação Paulo Freire (1989) afirmava que: ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa, por isso aprendemos sempre (p.78).

Durante a nossa vivência de atividades na escola também foi realizado um [workshop](#) de criação literária, no qual as crianças participaram ativamente de tudo que foi proposto, por meio da recitação de alguns poemas, os quais traziam recordações de poetas do século XX, como Manoel de Barros, Clarice Lispector; assim como de alguns poetas contemporâneos da periferia, que produzem a conhecida literatura marginal”, como é o caso de Ferréz.

1 Autor do projeto acadêmico do curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, Pernambuco. (FaelBezerra07@gmail.com)



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Sendo assim, o presente projeto só foi possível, devido ao apoio da equipe gestora da escola, mas principalmente das professoras das turmas dos 5º ano do Ensino Fundamental I.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA

Este relato de experiência se deu, por meio de atividades interventivas realizadas na Escola Municipal Josélia Florêncio, Caruaru-PE.

Por meio de um convite da Secretaria de Educação Municipal de Caruaru, através da Secretaria das Bibliotecas Municipais de Caruaru-PE,, vivenciamos o Projeto “O teatro vai à escola. Fomos convidados também para realizar uma oficina de criação literária. Destacamos que nosso público-alvo inicialmente, eram as turmas do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano ou com as turmas do turno da noite. Contudo optamos, pelas turmas dos 5º ano. Vale salientar que a referida turma era composta por 9 alunos com idades entre 9 a 11 anos, os mesmos estudavam no turno da tarde das 13hr:30 as 16:00 com intervalo de 15 minutos.

A primeira oficina ocorreu no dia 21 de novembro de 2017, com o tema: “Quando não quero falar faço poesia”. No primeiro momento para que houvesse uma maior interação dos alunos (as) realizamos um momento de apresentações, no qual as crianças contaram um pouco sobre a sua história de vida. Neste sentido, indaguei-los se já tinham lido algum livro (poemas, quadrinho, etc.) ? Ou se gostavam de ler?

A partir destas indagações percebemos no semblante facial de alguns alunos uma certa negativa. Sendo assim, resolvemos fazer uma outra pergunta: Se eles tinham acesso a alguma rede social (Facebook, Whatsapp ou Instagram)? Alguns responderam que sim, outros que não, por causa da mãe que não deixava.

Foi quando perguntamos se eles liam o que havia nas redes sociais? E muitos(as) disseram que sim. A partir disso, lhes respondemos afirmando que o que eles(as) faziam era leitura, e isto significava que eles gostam de ler e não sabiam.

Desse modo, começamos lendo poemas de Manoel de Barros e Renan Inquérito, poetas de épocas distintas, mas que tinham uma leitura agradável. Ao terminarem a leitura



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



de alguns poemas solicitamos que formassem grupos de três, e começassem a escreverem algumas coisas. Alguns ficaram tímidos, mas no final conseguiram escrever:

No segundo dia foi mais tranquilo, em relação ao primeiro, pois já havia uma maior familiaridade entre os(as) alunos(as). E como se tratava da segunda parte da oficina o tema foi outro “nas veias das quebradas literatura marginal”. Foram apresentados livros (físicos), de alguns escritores da literatura marginal, incluindo Sergio Vaz, Ferréz e Miró da Muribeca. Também foram apresentados vídeos de poetas recitando seus poemas, Mariana Felix, Emerson Alcalde e Renan Inquérito, onde suas literaturas têm uma ligação com a periferia. Após assistirem os vídeos e puderem apreciar os livros os (as) alunos(as) compreenderam melhor a proposta para poderem escrever sobre a temática apresentada. A foto abaixo mostra a curiosidade dos alunos em descobrir outro tipo de poesia.

No último dia aconteceu a socialização das produções feitas pelos alunos no auditório da escola para um público formado pelos professores e pelos demais discentes das outras turmas. A socialização se deu, por meio de um Sarau, com a Mesa Literária e com o Varal Literário. Todos participaram produzindo poemas.

A dúvida era: será que a literatura só serve para podermos melhorar o vocabulário da criança, ou tem outros fins? Como de conscientização sobre o contexto social onde a criança esta inserida. Bom, talvez a literatura só tenha uma função, para aqueles que compreendem que ela só serve para enriquecer o vocabulário, ou podemos concordar com o que afirma Freire, (1967) quando afirma: **“Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade, enquanto que da ingênua o próprio é sua superposição à realidade” (p.106)**. Por mais que, a literatura infantil tenha se modernizado buscando acompanhar em partes a era digital, a mesma ainda é um grande desafio para educadores, os quais muitas vezes possuem certa dificuldade em acessar os meios tecnológicos.

Sabemos também que as crianças de hoje crescem em meio aos smartphones, vídeo games, televisão, dentre outros. Assim, as brincadeiras desde cedo são com jogos eletrônicos. O que acaba na maior parte das situações fazendo com que a leitura dos livros não seja mais tão atrativa como antes o que acaba sendo reforçado na escola pela falta de iniciativa docente. Se faz necessário trabalho que incentivem, promovam entre os docentes novas metodologias que torne mais atrativo o gosto pela leitura.

Freire (1980) nos faz pensar na esperança de que professores e alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar – nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Um dos obstáculos que o autor a pouco referido nos fala é ensinar à criança a gostar de ler. Através da leitura que nos conscientizamos pode conscientizar o ser humano.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



É ainda o autor quem afirma: “a conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que nos converte o conscientizado em fator utópico” (p.27). Dessa forma, compreendemos que a literatura infantil possibilita o encontro da criança com livro, e é por meio do trabalho em sala com os diversos gêneros textuais, dentre estes os literários desde clássicos como: Chapeuzinho Vermelho a produções de poetas marginais regionais, ou com o gênero das histórias em quadrinhos que poderemos possibilitar uma melhor compreensão e interação das crianças com o universo da leitura. Sendo assim, deve haver um maior investimento não só material, mas na formação de profissionais capacitados que possibilitem no ambiente escolar o contato maior das crianças com o universo da leitura para formarmos não só leitores, mas também escritores, porque não se nasce um grande Lima Barreto ou Drummond, nem uma Carolina Maria de Jesus ou Clarice Lispector, mas se torna, por meio da leitura.

Conclusão

A leitura é uma ferramenta essencial na vida do ser humano, desde o primórdio da humanidade até o tempo de hoje com sua tecnologia, modernidade, a leitura é importante em qualquer área. Por isso, preciso incentivar o hábito à leitura, desde cedo, preferencialmente em casa, tem que ser um processo contínuo e vasto de forma prazerosa, para que possa chamar a atenção da criança e aproximá-la, assim dos livros, que é uma estratégia boa, para o letramento. O incentivo a leitura pode ser uma ferramenta que poderá despertar na criança o gosto pela a leitura; livros e poesias.

A escola por sua vez tem que aguçar mais a curiosidade dos novos leitores, para isso é preciso além do envolvimento do corpo docente o apoio da gestão e das famílias. Essa é uma ação que dentre tantas possibilidades pedagógicas, ainda poderá promover a integração entre aluno, professor e família. Poderá promover a aproximação entre escola e família, e comunidade, e sociedade.

Salientamos que a biblioteca tem que ser um espaço divertido tornando-se dessa forma, um refúgio. Para isso acontecer é preciso compreender as demandas pedagógicas, as necessidades dos alunos matriculados hoje nas escolas públicas brasileiras. Formar leitores, significa promover a cidadania, a autonomia.

Para Freire (1990), essa relação homem- realidade, homem – mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, deve ser consciente e libertadora. É através de sua experiência nessas relações que o homem tanto pode desenvolver sua ação – reflexão, como pode tê-las estagnadas.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Para ele, conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir, sendo livre, sendo cidadão crítico e consciente de seus atos e suas responsabilidades.

Paulo Freire (1990), nos informa que ensinar inexistente sem aprender e vice-versa. A justificativa para o pensamento freiriano, nas reflexões que desenvolvemos neste artigo, deve-se, ainda, ao fato da sua característica crítica, reflexiva e transformadora da realidade. A sua proposta nos permite enxergar a sala de aula como um laboratório de experiências cognitivas, sociais, culturais, emocionais. Um espaço de cooperação e aprendizado.

As idéias de Freire eram, também, uma crítica ao positivismo e à Escola Nova. Seu pensamento e sua metodologia são uma crítica a toda a educação que não se constitua como ação para a liberdade, para a dignidade humana, para a cidadania.

Destacamos que a opção pelos pressupostos epistemológicos e metodológicos freireanos deve-se, primeiramente, pelo combate à concepção ingênua da pedagogia que se crê motor ou alavanca da transformação social e política. E em segundo, por combater, também, a concepção oposta, o pessimismo sociológico que consiste em dizer que a educação reproduz, mecanicamente, a sociedade independente das nossas práticas escolares. O pensamento de Paulo Freire considera a educação uma ferramenta para a liberdade, para a cidadania, considera que ela deve ter a realidade como principal motivação para a aprendizagem, para o desenvolvimento humano.

A pertinência da obra de Paulo Freire para as reflexões que pretendemos nesta tese, deve-se, ainda, ao fato da sua característica crítica, reflexiva e transformadora da realidade, a partir dos trabalhos da prática político - pedagógica. A sua teoria propõe um método que, de uma só vez, ensina a pessoa a ler, a pensar criticamente e a dizer o que pensa. O educador em questão acreditava ser este o caminho para a construção da emancipação, da liberdade, da cidadania, em particular, para jovens e adultos pobres e oprimidos.

Gostaríamos ainda de destacar na teoria de Freire o compromisso com a sociedade. Ele afirmava que “a primeira condição para que um ser possa assumir, um ato comprometido como espaço societário é a partir da educação libertadora que propõe a formação de um ser capaz de agir e refletir” (Freire, 1985, p.75). O citado pesquisador entende que, para que o processo de reflexão aconteça, faz-se necessário que professores e alunos sejam capazes de, estando no mundo, compreender e interferir de maneira consciente em sua realidade .



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Ele destacava que não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da reflexão entre o homem e a realidade. Para Freire, essa relação homem- realidade, homem – mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, deve ser consciente e libertadora. É através de sua experiência nessas relações que o homem tanto pode desenvolver sua ação – reflexão, como pode tê-las estagnadas.

Para ele, conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir, sendo livre, sendo cidadão crítico e consciente de seus atos e suas responsabilidades.

A partir dos trabalhos de leituras, em sala de aula, com poesias, podemos incentivar a inovação, a pesquisa vivenciando uma prática pedagógica libertadora. O educador em questão acreditava ser este o caminho para a construção da emancipação, da liberdade, da cidadania, em particular, para jovens e adultos pobres e oprimidos. Gostaríamos ainda de destacar na teoria de Freire o compromisso com a sociedade. Ele afirmava que “a primeira condição para que um ser possa assumir, um ato comprometido como espaço societário é a partir da educação libertadora que propõe a formação de um ser capaz de agir e refletir” (Freire,1987,p.75). A sua teoria aponta para uma proposta que, de uma só vez, ensine a pessoa a ler, a pensar criticamente e a dizer o que pensa. O educador em questão acreditava ser este o caminho para a construção da emancipação, da liberdade, da cidadania, em particular, para jovens e adultos pobres e oprimidos.

Dessa forma é preciso saber usar diferente meio, para chamar a atenção da criança para a leitura, uma vez que além de vários benefícios cognitivos, a leitura promove a cidadania, a democracia. Além de contribuir com a inclusão social. Precisamos promover a leitura, como algo prazeroso. Pois, é lendo que se aprende a ler e a promover a vida de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo, Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1967



X Colóquio Internacional Paulo Freire
Opressão e Libertação na
Atualidade



Freire, P. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam.** Cortez, São Paulo: 1989.

FREIRE, Paulo. **Conscientização Teoria e Prática Da Libertação Uma Introdução Ao Pensamento de Paulo Freire.** Moraes LTDA. São Paulo; 1980

FREITAG, B. **Escola, estado e sociedade.** São Paulo: Moraes, 1990

Zilberman, R. **A Literatura Infantil na Escola.** Global, São Paulo; 2012.

Livros Utilizados na Oficina:

Inquérito, Renan, **Poesia Para Encher A Laje.** Ed, Literarua. – São Paulo; 2016

Jesus, Maria Carolina. **Quarto De Despejo Diário De Uma Favelada.** Ática, São Paulo; 1995

Barros, de Manoel. **O Livro Das Ignorâncias.** SchWarcz S.A. São Paulo; 2017

Ferréz. **Capão Pecado.** Ed. Planeta Do Brasil Ltda. São Paulo; 2013.

_____. **Os Ricos Também Morrem.** Ed. Planeta Do Brasil Ltda. São Paulo; 2016.

Muribeca, Miró. **Miró até agora.** Cepe, Pernambuco 2017,

Vaz, Sergio. **Flores De Alvenaria.** Global, São Paulo, 2016.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na
Atualidade



RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA DO CURSO PAULO FREIRE

FranciscoTerto Freire

RESUMO

Nosso objetivo é fazer um relato de experiência a partir da formação do Curso Pé no Chão - MST-PE, que buscou apresentar o Legado freiriano, para um grupo de jovens, alunos, militantes. Focando o empoderamento na sociedade. Nosso referencial teórico foram duas obras freirianas: **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra** e **Pedagogia do oprimido**. Nossa metodologia de trabalho foi o círculo de cultura.

Palavras-chave: MST-PE; formação do Curso Pé no Chão; Legado freiriano

INTRODUÇÃO

Assim Nos princípios da coletividade e solidariedade. E também na posição de sujeito no campo educativo, político, pessoal, econômico e intelectual partimos para uma concepção ampla, para além do quesito sobrevivência.

Nossas análises junto ao público-alvo nos impulsionou a uma relação processual de convivência e vivência humanista emancipadora, a partir dos fundamentos teóricos, metodológicos freirianos. Nossas ações metodológicas junto aos jovens do Curso Pé no Chão – MST-PE, foram: Palavra geradora sobrevivência e Círculo de cultura; Rodas de conversas; de estudos; e na preparação de conteúdo de formação política, mesclando teoria e prática (práxis), com avaliação e crítica sobre a prática educativa dos educandos(as) bem como do “educador”.

O nosso objetivo foi Impulsionar nos educandos das 35 turmas do curso Pé no Chão do MST-PE, na área da formação política, a construção de plano de formação (plano de aula) a partir do conhecimento e saberes freirianos.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



realidade da educação nas últimas décadas, principalmente as destinadas às classes populares.

É assim que Freire (1970) considera:

Nesta realidade, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração”, que são retalhados da realidades desconectadas da totalidade em que se engendram deixando portanto, seu poder reflexivo e transformador (p.65).

Para o autor a pouco referido, o educador que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A intransigência e rigidez desta proposta de ensino falha, principalmente, porque nega a educação como processo de busca, de emancipação, de desalienação.

A concepção “bancária” que criticamos, durante a Formação, junto ao grupo do Curso Pé no Chão, é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos que só servem para transformar o aluno analfabeto em cidadão analfabeto. Nessa perspectiva, que propomos, a partir do referencial teórico freiriano, os sujeitos de uma comunidade são homens capazes de desenvolver-se livremente, e em mútua harmonia, desenvolvendo qualidade de vida.

Discutimos e constatamos que não acreditamos na pertinência de uma educação que não contribua para a formação do homem individual real, que não consiga, a partir do processo de escolarização, recuperar o cidadão abstrato e convertê-lo, de homem individual para um ser social, coletivo. “A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (Freire,1990,p.13). Para o autor, não existia uma pedagogia para o aluno, mas dele. “Os caminhos da liberdade são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgate, é sujeito que se deve autoconfigurar responsavelmente.” (Freire 1990,p.14).



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Nesse sentido, propomos uma formação junto ao Curso Pe no Chão do MST – PE a partir do Legado freiriano. A seguir apresentaremos a ação metodológica que vivenciamos durante a formação, junto ao público-alvo. Vale destacar que nossa defesa durante o processo de formação foi em torno da educação como prática de liberdade.

Metodologia

Partimos de um diálogo a partir de três obras de Paulo Freire, A Pedagogia da Autonomia (1996), Pedagogia do Oprimido (1987) e Comunicação ou Extensão? (1985). Freire no I Capítulo do Livro Pedagogia da Autonomia já enfatiza que “não há docência sem discência”. Explicitamos o alerta do autor com relação a necessidade de reconstrução e autocrítica da nossa prática pedagógica. Destacamos que para o autor a pouco referido não há um afastamento entre a teoria e prática, em suas produções e reflexões, ele nos adverte que não adianta termos uma teoria progressista com uma prática educativa conservadora.

O pensamento freiriano se distancia da perspectiva clássica da educação, da prática pedagógica, da “educação bancária” como denominou Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido. Portanto a reflexão crítica sobre a prática concreta emancipadora se torna cada vez mais pertinente em dias atuais.

Na questão do conhecimento, duplamente efetivado, temos que ter a capacidade de criar possibilidades para construção do sujeito coletivo, assim o educador tem que se tornar também necessariamente, objeto do ato de educar. Para Freire, (1990), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”(p.65). Portanto a formação tem que ser permanente em relação dialógica até porque somos seres históricos e inacabados.

Uma dimensão a ser percorrida e perseguida é a busca por uma amplitude autêntica da experiência ensinar-aprender em âmbito da totalidade, assim a prática educativa é recheada de elementos: Políticos, ideológicos, pedagógicos, estético e ético etc..., porém ao abarcar essas características, temos que nos livrar do espontaneísmo e



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



abraçarmos um rigor metódico no desenvolvimento do processo educacional, tentando construir um novo conhecimento. Isso implica em conhecer o ponto de partida do já existente, da realidade do outro. Para tanto temos que pesquisar para conhecer aquilo que ainda não conheço, buscando ultrapassar da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica.

Diante do arcabouço teórico e prático indagado por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, destacamos que cinquenta anos não foram suficiente para superarmos o preconceito e a discriminação que ainda acontece em sala de aula, nas escolas brasileiras. O Mestre Pernambucano, referido anteriormente, partiu da premissa irrevogável da igualdade entre todos os seres humanos, no espaço de escolar e não escolar, partindo do respeito, do compromisso e da ética com a educação progressista, emancipadora e libertadora, na construção de novas relações e interações sociais e culturais.

A ideia, a pouco referida de reconstrução da prática, no caso o abandono da forma mecânica, para o início de uma ressignificação de uma prática educativa e construção da prática progressista, libertadora no cotidiano das escolas brasileiras, foi o nosso desafio durante a formação junto ao Curso de Pe no Chão. Vejamos o que nos diz Freire, (1987)

A prática está compreendida nas situações concretas que são codificadas para serem submetidas a análise crítica. Analisar a codificação em sua “estrutura profunda” é, por isso mesmo, repensar a prática anterior e preparar-se para uma nova e diferente prática, se este for o caso. Daí a necessidade {...} de jamais romper-se a unidade entre o contexto teórico e o contexto concreto, entre teoria e prática. (p.44).

Na *Pedagogia do Oprimido*, no Capítulo 3, o autor aborda a questão da dialogicidade enquanto essência da educação como prática da liberdade. O diálogo assente na palavra é visto como fenômeno humano, pois segundo Paulo Freire não há palavra verdadeira que não seja práxis, enquanto ato de criação que procura a conquista do mundo para a libertação dos homens. Destacamos durante o processo de formação, junto ao nosso público-alvo que a *Pedagogia do Oprimido* implica uma atitude e postura radicais baseadas no encontro com o povo, como os alunos, através do diálogo enquanto instrumento metodológico, que permite a leitura crítica da realidade, partindo da



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



linguagem do povo, dos seus valores e da sua concepção do mundo, transformando-se numa luta pela libertação dos oprimidos. Vejamos o que nos diz o Mestre Pernambucano:

É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, p.39, 1967)

Destacamos que nosso maior objetivo no curso Pé no Chão, foi a superação da formação expositiva do educador e inscrições apenas em cima de dúvidas do público-alvo; para a construção de uma proposta onde o sujeito não pode ser apenas um depósito de conhecimento. E que a ele não deve ser atribuído apenas a passividade. Temos que compreender a “comunicação como uma relação processual intrapessoal de atividade na construção coletiva de um conhecimento qualificado e proativo.

Conclusões

A partir da formação vivenciada a partir da metodologia freiriana, acima referida neste artigo, foi observado como sistematizações nos grupos do Curso Pé no Chão, as seguintes produções: de poesia, cordel, música, vídeo, cartaz e exposição oral. Foi analisado, em todas as sistematizações apresentadas, o conceito de sociedade e da engrenagem do sistema capitalista a partir dos conteúdos apresentados pelos os grupos.

Defendemos que a cidadania se constrói desde a infância e a adolescência e, quando em famílias pobres, pode assumir sua construção na escola com o acesso e o exercício do direito à educação de qualidade. Neste sentido, discutimos como o nosso grupo de professores estavam trabalhando em sala de aula, como organizavam suas práticas pedagógicas para evitar e ou reduzir os problemas de evasão e fracasso escolar, garantindo a permanência dos alunos na escola, enfrentando as dificuldades referentes à falta de verbas para reformas de estrutura e à formação continuada de seus funcionários, professores e usuários.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



O estudioso Paulo Freire (1990) assim, coloca: “A participação social, o exercício da cidadania contém em si, o conhecimento da realidade e a auto formação”(p.91). A identidade dos educandos e dos professores, as práticas pedagógicas, os conteúdos curriculares devem ser compreendidos como partes representativas de um conjunto de interesses subjacentes, que estruturam o modo pelo qual determinadas relações sociais se fortalecem ou são transformados e, ou substituídas.

Podemos, portanto, compreender que a tarefa fundamental do processo de alfabetização, de escolarização, não é apenas o ato de conhecer, mais, ainda, deve construir a consciência crítica, pois, segundo Freire (1990) : “A linguagem nos dá o poder de recordar significados, e, desse modo, podemos não só interpretar – uma aptidão animal – como interpretar nossas interpretações e interpretar os fenômenos sociais”(p.15). Nesse sentido, o conceito de educação freiriana pode nos permitir compreender a educação como uma ferramenta para a vivência da democracia, da cidadania, principalmente, se compreendermos a cidadania como uma interação do indivíduo com a realidade, com a comunidade, com as instituições.

Sem dúvida, há urgência em repensar o cotidiano da escola, no entanto, não podemos propor mudanças sem que seja alterada a ordem das coisas. Na sala de aula não podemos ter um monólogo, onde o professor fala e os alunos estudam e fazem tarefas. Não é só isso. A vida cotidiana exige relações, aproximações com a realidade, com a arte, com a política, com a economia. A instituição de ensino pode ser um espaço de produção social, cultural.

A sala de aula pode e deve ser um local agradável, no entanto, faz-se necessário vivenciar, a criatividade e a autonomia como instrumentos para o aprendizado. É relevante deixar livre os seres para que, pela sua consciência, e pelo conhecimento adquirido, transformem a sala de aula, a escola e a comunidade, na qual estão inseridos.

As palavras do educador pernambucano ratificam:

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, não me posso permitir a



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa de professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação à que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária de superação”. (Freire, 1999, p.78)

Todos os envolvidos na formação admitiram a fragilidade em propor novas práticas avaliativas, disciplinares, político-pedagógicas. Contudo, o desafio da reconstrução da prática educativa nos impõe o reconhecimento de que a fase de transição ainda não foi terminada, a universalização da educação e da cidadania foi somente iniciada: ela terá pela frente, outras etapas a serem cumpridas; essas envolvem, fundamentalmente, o estabelecimento e a estabilização de padrões de interação política, qualitativamente distintos das regras autoritárias, capazes de institucionalizar a participação dos cidadãos na vida pública, assim como o funcionamento de mecanismos de controle da ação dos que exercem o poder.

A educação defendidas neste curso de formação, não foi simplesmente uma questão de estimular o ensino que tenha objetivos políticos; não é um meio de transmitir ideias tidas como verdadeiras e obsoletas, por “melhores” que elas sejam; não se tratou de doar o conhecimento do professor aos não-instruídos ou de informá-los sobre o fato da opressão que sofrem. Defendemos a concepção freiriana de ensino e aprendizagem. Vejamos o ensino e a aprendizagem para Freire, (1990)

são dialógicos por natureza, e a ação dialógica depende da percepção de cada um, como cognoscente, atitude essa que o



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



autor chama de conscientização. Essa “consciência crítica” é formada por uma visão de linguagem filosoficamente bem fundada e animada por aquele respeito não-emotivo pelos seres humanos que apenas uma sólida filosofia da mente pode assegurar. (p.25)

O ato de aprender a ler e a escrever deve começar após uma compreensão muito abrangente de ler a palavra. Até mesmo historicamente os seres humanos mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir, escreveram as palavras. (Freire, 1990,p.26). O autor, a pouco referido, conclui seu pensamento afirmando que: “os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo”(Idem Ibidem).

A educação e a linguagem para Freire,(1990), também, asseguram o poder da conjuntura.” por podermos nomear o mundo e, assim, tê-lo dentro da mente, podermos refletir sobre seu significado e imaginar um mundo mudado”(p.27). Desse modo, a educação e a linguagem, e a compreensão da diversidade, são o meio para atingir uma consciência crítica, a qual, por sua vez, é o meio de imaginar uma mudança e de fazer opções para realizar transformações.

O citado pesquisador esclarece: “nomear o mundo, transforma a realidade”. Nesse sentido, ele nos alerta a propósito dos perigos em tentar inibir tal processo. A escola, a prática pedagógica que ainda orienta - se por diretrizes autoritárias e excludentes erra duplamente: primeiro, porque produz o fracasso entre os alunos e segundo, porque contribui com a evasão escolar.

Sabemos que a construção da escola, da prática pedagógica, enquanto prática de liberdade é um desafio cotidiano, por esta razão, o nosso compromisso com o grupo de formadores do Curso Pé no Chão, continua, no acompanhamento sistemático junto ao cotidiano de trabalho de todos os integrantes. Destacamos que o Projeto de Formação junto ao Grupo, acima referido está em andamento, pretendemos acompanhar por 12 meses os trabalhos pedagógicos desencadeados por eles em suas comunidades.



X Colóquio Internacional Paulo Freire

Opressão e Libertação na Atualidade



Vejamos a esse respeito o que nos diz Aguiar (2008), a propósito da formação permanente: “é entendida como um espaço de criação e incentivo às trocas de experiências entre os professores e estudantes, de modo que se implante uma cultura colaborativa” (p.04). A autora ainda destaca que: “não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas”(p.04). Tais ações nos impele permanecer acompanhando o Grupo do Curso Pé no Chão, para promover o apoio necessário para a vivência das ações reflexivas no cotidiano da sala de aula, no cotidiano escolar, da comunidade que atuam.

A referida autora observa ainda que: “a formação permanente dos professores não pode desconhecer esta realidade, deve articular-se com o desenvolvimento das organizações escolares” (p. 05). Para Aguiar (2008), temos que compreender a escola enquanto um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam atividades isoladas, mas articuladas.

Referencias bibliográfica.

AGUIAR, M. C. Carrilho. **Tendências e implicações da formação continuada para a identidade profissional docente universitária**. IX ANPED SUL, 2014.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1967

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Alfabetização e conscientização**. Lisboa : Base, 1975.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.

----- **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra,



X Colóquio Internacional Paulo Freire
Opressão e Libertação na
Atualidade



_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Política e educação.** São Paulo : Cortez, 1993.